

THE MELANIE KLEIN TRUST

Membros

Hanna Segal, M.B., Ch.B., F.R.C. Psych. (Presidente)
Mrs. Elizabeth Spillius, Ph.D. (Secretária)
Eric Brenman, M.B., B.S., D.P.M., M.R.C.S., L.R.C.P., M.R.C. Psych.
Michael Feldman, M.B., B.S., F.R.C. Psych.
Miss Betty Joseph
Mrs. Edna O'Shaughnessy, B.A., B. Phil.
Mrs. Ruth Riesenbergh Malcolm, B.A.
Dr. John Steiner, M.B., B.S., F.R.C. Psych.
Assistente Editorial do Melanie Klein Trust: J. MacGibbon

Equipe de Realização da Edição Brasileira

Tradutores: Belinda H. Mandelbaum, Maria Elena Salles de Brito,
Octávio L. de Barros Salles, Maria Tereza B. Marcondes Godoy,
Viviana S. S. Starzynski, Wellington Marcos de Melo Dantas
Revisão Técnica: Elizabeth Lima da Rocha Barros, Liana Pinto Chaves
e Maria Elena Salles de Brito
Editor de Texto: José Ferreira
Capa: João Batista da Costa Aguiar
- sobre "MADONNA I BAMBINO" de Michelangelo
Coodenadora da Tradução: Liana Pinto Chaves
Coordenador Editorial: Elias Mallet da Rocha Barros

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

K72i Klein, Melanie, 1882-1960
Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963) / Melanie
Klein: tradução da 4ª ed. inglesa; Elias Mallet da Rocha, Liana
Pinto Chaves (coordenadores) e colaboradores. - Rio de Janeiro:
Imago Ed., 1991.

(As Obras Completas de Melanie Klein; v. 3)

Tradução de: Envy and gratitude and other works.

Apêndice.

Bibliografia.

Índice.

ISBN 85-312-0135-7

1. Klein, Melanie, 1882-1960. 2. Psicanálise. I. Título.
II. Série.

91-0081

CDD - 150.195

CDU - 159.964.2

MELANIE KLEIN

INVEJA E GRATIDÃO E OUTROS TRABALHOS 1946 - 1963

VOLUME III DAS OBRAS COMPLETAS
DE MELANIE KLEIN

Coodenação Editorial: Elias M. da Rocha Barros
Coordenadora da Tradução: Liana Pinto Chaves

Tradutores

Belinda H. Mandelbaum, Maria Elena Salles de Brito,
Octávio L. de Barros Salles, Maria Tereza B. Marcondes Godoy,
Viviana S. S. Starzynski, Wellington Marcos de Melo Dantas

Comissão Editorial Brasileira

Elias M. da Rocha Barros, Elizabeth L. da Rocha Barros,
Liana Pinto Chaves, Maria Elena Salles de Brito



IMAGO EDITORA
- Rio de Janeiro -

THE INTERNATIONAL PSYCHO-ANALYTICAL LIBRARY
EDITED BY M. MASUD R. KHAN
Nº 104

Título Original
ENVY AND GRATITUDE and Others Works 1946-1963
by Melanie Klein

First Published in 1975

Copyright © 1985 by Melanie Klein Trust

Comissão Editorial Brasileira
Elias M. da Rocha Barros, Elizabeth L. da Rocha Barros, Liana Pinto
Chaves, Maria Elena Salles de Brito

Revisão: Elza Sueli Maciel Monteiro
Eduardo Monteiro
Lucia Videira Monteiro
Marcos José da Cunha

Direitos adquiridos por IMAGO EDITORA LTDA.
Rua Santos Rodrigues, 201-A – Estácio
CEP 20250 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: 293-1092

Todos os direitos de reprodução, divulgação e tradução são reservados.
Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia,
microfilme ou outro processo fotomecânico.

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Obras Completas de Melanie Klein
Editor

Roger Money-Kyrle
em colaboração com
Betty Joseph, Edna O'Shaughnessy e Hanna Segal

Volume I
AMOR, CULPA E REPARAÇÃO
E OUTROS TRABALHOS

*

Volume II
A PSICANÁLISE DE CRIANÇAS

*

Volume III
INVEJA E GRATIDÃO
E OUTROS TRABALHOS

*

Volume IV
NARRATIVA DA ANÁLISE DE UMA CRIANÇA

AS ORIGENS DA TRANSFERÊNCIA (1952)

Nota Explicativa da Comissão Editorial Inglesa

Este é o único artigo de Melanie Klein sobre o tema da transferência e reúne diversas idéias que ela, com freqüência, expressava e ilustrava clinicamente em seus escritos. Sua concepção de transferência é rica, envolvendo o que ela chama de "situações totais". No seu modo de ver, as interpretações deveriam abarcar tanto as relações de objeto iniciais que são revividas e evoluem ainda mais na transferência, como os elementos inconscientes nas experiências da vida corrente do paciente. Em *Inveja e Gratidão* (1957), ela cunha o uso da expressão "lembranças em sentimentos" para a ocorrência na transferência de emoções e fantasias pré-verbais.

Por muitos anos já Melanie Klein havia sustentado o ponto de vista de que as relações de objeto começam desde o nascimento, concepção que implica que o narcisismo e o auto-erotismo não são estados anteriores às relações de objeto, e sim que são estados contemporâneos às primeiras relações de objeto. O presente artigo contém sua única – e assim mesmo, breve – discussão do narcisismo primário, incluindo um apanhado da relação de suas concepções com as de Freud. O leitor observará que nesta discussão Melanie Klein está descrevendo estados narcisistas, que são estados de retirada para dentro de objetos internos. Na sua terminologia, estados narcisistas são diferentes de relações de objeto narcisistas, que resultam de identificação projetiva conforme a maneira descrita em "Notas sobre Alguns Mecanismos Esquizóides", pág. 31.

AS ORIGENS DA TRANSFERÊNCIA (1952)

Em seu "Fragment of an Analysis of a Case of Hysteria", Freud (1905) define a situação de transferência da seguinte maneira:

"Que são transferências? São novas edições ou fac-símiles dos impulsos e fantasias que são despertados e tornados conscientes durante o andamento da análise. Possuem, no entanto, uma peculiaridade, característica de sua espécie: substituem uma pessoa anterior pela pessoa do médico. Em outras palavras, toda uma série de experiências psicológicas é revivida, não como algo que pertence ao passado, mas que se aplica ao médico no presente momento."

De uma forma ou de outra, a transferência opera ao longo de toda a vida e influencia todas as relações humanas, mas, aqui, estou preocupada apenas com as manifestações da transferência na psicanálise. É característico do procedimento psicanalítico que, na medida em que ele começa a abrir caminho dentro do inconsciente do paciente, seu passado (em seus aspectos conscientes e inconscientes) vá sendo gradualmente revivido. Desse modo, sua presença em transferir suas primitivas experiências, relações de objeto e emoções é reforçada, e elas passam a localizar-se no psicanalista. Disso decorre que o paciente lida com os conflitos e ansiedades que foram reativados, recorrendo aos mesmos mecanismos e mesmas defesas, como em situações anteriores.

Segue-se daí que, quanto mais profundamente conseguirmos penetrar dentro do inconsciente e quanto mais longe no passado pudermos levar a análise, maior será nossa compreensão da transferência. Assim sendo, é relevante para o meu tópico um breve resumo de minhas conclusões relativas aos estágios mais iniciais do desenvolvimento.

A primeira forma de ansiedade é de natureza persecutória. O trabalho interno da pulsão de morte, que, de acordo com Freud, é dirigido contra o organismo, dá origem ao medo de aniquilamento, e essa é a causa primordial da ansiedade persecutória. Além disso, desde o início da vida pós-natal (não estou considerando aqui os processos pré-natais), os impulsos destrutivos dirigidos contra o objeto incitam o medo da retaliação. Esses sentimentos persecutórios a partir de fontes internas são intensificados por experiências externas dolorosas, pois, desde seus primeiros dias, a frustração e o desconforto despertam no bebê o sentimento de que está sendo

atacado por forças hostis. Dessa forma, as sensações vivenciadas pelo bebê por ocasião do nascimento e as dificuldades de se adaptar a condições inteiramente novas dão origem à ansiedade persecutória. O conforto e os cuidados dispensados após o nascimento, particularmente as primeiras experiências de alimentação, são sentidos como provenientes de forças boas. Ao falar de "forças", estou empregando uma palavra um tanto adulta para aquilo que o bebê concebe vagamente como objetos, sejam eles bons ou maus. O bebê dirige seus sentimentos de gratificação e amor para o seio "bom" e seus impulsos destrutivos e sentimentos de perseguição para aquilo que sente como frustrador, isto é, o seio "mau". Nesse estágio, os processos de cisão estão em seu ponto mais alto, e o amor e o ódio, bem como os aspectos bons e maus do seio, são mantidos amplamente separados um do outro. A relativa segurança do bebê baseia-se em transformar o objeto bom em objeto ideal, como uma proteção contra o objeto perigoso e persecutório. Esses processos – isto é, cisão, negação, onipotência e idealização – são predominantes durante os três ou quatro primeiros meses de vida (o que denominei "posição esquizo-paranóide", 1946). Dessa forma, em um estágio muito inicial, a ansiedade persecutória e seu corolário, a idealização, influenciam fundamentalmente as relações de objeto.

Os processos primários de projeção e introjeção, estando inextricavelmente ligados com as emoções e ansiedades do bebê, iniciam as relações de objeto: pela projeção, isto é, pela deflexão da libido e da agressão em direção ao seio da mãe, fica estabelecida a base para as relações de objeto; pela introjeção do objeto, em primeiro lugar o seio, as relações com os objetos internos passam a existir. O uso que faço do termo "relações de objeto" baseia-se na minha asserção de que o bebê, desde o início da vida pós-natal, tem com a mãe uma relação (se bem que centrada primariamente em seu seio) imbuída dos elementos fundamentais de uma relação de objeto, isto é, amor, ódio, fantasias, ansiedades e defesas¹.

Em minha concepção, como expliquei detalhadamente em outras ocasiões, a introjeção do seio é o início da formação do superego, a qual se estende por muitos anos. Temos elementos para supor que, desde a primeira experiência de alimentação, o bebê introjeta o seio em seus vários aspectos. O núcleo do superego é, portanto, o seio da mãe, tanto o bom

¹ É uma característica essencial da mais antiga de todas as relações de objeto ser o protótipo de uma relação entre duas pessoas, na qual não entra nenhum outro objeto. Isso é de vital importância para posteriores relações de objeto, apesar de que, sob essa forma exclusiva, ela possivelmente não dure mais do que alguns poucos meses, dado que as fantasias relativas ao pai e seu pênis – fantasias essas que dão início aos primeiros estágios do complexo de Édipo – introduzem a relação com mais de um objeto. Na análise de adultos e crianças, o paciente algumas vezes experimenta sentimentos de uma bem-aventurada felicidade através da revivência dessa relação inicial exclusiva com a mãe e seu seio. Tais experiências seguem-se frequentemente à análise de situações de ciúme e rivalidade, nas quais um terceiro objeto, em última instância o pai, está envolvido.

quanto o mau. Devido à operação simultânea da introjeção e da projeção, as relações com os objetos externos e internos interagem. Também o pai, que desde cedo exerce um papel na vida da criança, logo passa a fazer parte do mundo interno do bebê. É próprio da vida emocional do bebê que haja rápidas flutuações entre amor e ódio; entre situações externas e internas; entre a percepção da realidade e fantasias sobre ela; e, conseqüentemente, um interjogo entre a ansiedade persecutória e a idealização – ambas referindo-se a objetos internos e externos, sendo o objeto idealizado um corolário do objeto persecutório, extremamente mau.

A crescente capacidade do ego de integração e síntese leva cada vez mais, mesmo durante esses primeiros meses, a estados em que o amor e o ódio e, correspondentemente, aspectos bons e maus dos objetos são sintetizados. E isso dá origem à segunda forma de ansiedade – a ansiedade depressiva –, pois os impulsos e os desejos agressivos do bebê, dirigidos ao seio mau (mãe), são sentidos agora como perigosos também para o seio bom (mãe). Entre o quarto e o sexto mês essas emoções são reforçadas, pois, nesse estágio, o bebê percebe e introjeta cada vez mais a mãe como uma pessoa. A ansiedade depressiva é intensificada, pois o bebê sente que destruiu ou está destruindo um objeto inteiro com sua voracidade e agressão incontroláveis. Além do mais, devido à síntese crescente de suas emoções, ele agora sente que esses impulsos destrutivos são dirigidos contra uma *pessoa amada*. Processos semelhantes se dão em relação ao pai e a outros membros da família. Essas ansiedades e correspondentes defesas constituem a "posição depressiva", que chega a um clímax por volta dos seis meses e cuja essência é a ansiedade e a culpa relativas à destruição e perda dos objetos amados internos e externos.

É nesse estágio, e ligado à posição depressiva, que se instala o complexo de Édipo. A ansiedade e a culpa acrescentam um poderoso impulso em direção ao início do complexo de Édipo, pois elas aumentam a necessidade de externalizar (projetar) figuras más e de internalizar (introjetar) figuras boas; de ligar desejos, amor, sentimentos de culpa e tendências reparadoras a alguns objetos, e ódio e ansiedade a outros; de encontrar representantes de figuras internas no mundo externo. Entretanto, não é apenas a procura de novos objetos que domina as necessidades do bebê, mas também o impulso em direção aos novos alvos: afastando-se do seio em direção ao pênis, isto é, dos desejos orais em direção aos desejos genitais. Muitos fatores contribuem para esses desenvolvimentos: o impulsionamento da libido, a crescente integração do ego, das habilidades físicas e mentais e a adaptação progressiva ao mundo externo. Essas tendências estão ligadas ao processo de formação de símbolos, o qual capacita a criança a transferir não somente interesse, mas também emoções e fantasias, ansiedade e culpa, de um objeto para outro.

Os processos que descrevi estão ligados a um outro fenômeno funda-

mental que governa a vida mental. Acredito que a pressão exercida pelas primeiras situações de ansiedade seja um dos fatores que fazem aflorar a compulsão à repetição. Voltarei mais tarde a esta hipótese.

Algumas das minhas conclusões referentes aos primeiros estágios da infância são uma continuação das descobertas de Freud. A respeito de certos pontos surgiram, entretanto, divergências, uma das quais é muito relevante para o presente tópico. Refiro-me à minha asserção de que as relações de objeto são operantes desde o início da vida pós-natal.

Durante muitos anos, mantive a opinião de que o auto-erotismo e o narcisismo são, no bebezinho, contemporâneos da primeira relação com os objetos, externos e internalizados. Reafirmarei concisamente minha hipótese: o auto-erotismo e o narcisismo incluem o amor pelo objeto bom internalizado e a relação com o mesmo, o qual, na fantasia, constitui parte do corpo e do *self* amados. É para esse objeto internalizado que, na gratificação auto-erótica e nos *estados* narcísicos, ocorre uma retirada. Concomitantemente, desde o nascimento está presente uma relação com objetos, primariamente a mãe (seu seio). Esta hipótese contradiz o conceito de Freud de que *estágios* auto-eróticos e narcísicos excluem a possibilidade de uma relação de objeto. No entanto, a diferença entre a opinião de Freud e a minha é menos ampla do que parece à primeira vista, uma vez que as afirmações de Freud a esse respeito não são inequívocas. Em vários contextos ele, explícita e implicitamente, expressou opiniões que sugeriam uma relação com um objeto, o seio da mãe, *precedendo* o auto-erotismo e o narcisismo. Uma referência deve ser suficiente. No primeiro dos dois artigos da Enciclopédia, Freud (1922) disse:

“Em primeiro lugar, a pulsão parcial oral encontra satisfação ligando-se à saciação do desejo de nutrição; e seu objeto é o seio da mãe. Ela então se distancia, torna-se independente e ao mesmo tempo *auto-erótica*, isto é, encontra um objeto no próprio corpo da criança” (S.E. 18, pág. 245).

O uso que Freud faz do termo “objeto” é aqui um tanto diferente do uso que eu faço, pois ele está se referindo ao objeto de um alvo pulsional, ao passo que eu tenho em mente, além disso, uma relação de objeto que envolve as emoções, fantasias, ansiedades e defesas do bebê. Não obstante, na citação acima, Freud fala claramente de uma ligação libidinal com um objeto, o seio materno, que precede o auto-erotismo e o narcisismo.

Neste contexto gostaria de lembrá-los também das descobertas de Freud relativas às primeiras identificações. Em *The Ego and the Id*², falando a respeito dos investimentos abandonados de objeto, ele disse: “. . .

² Pág. 31. Na mesma página, e ainda referindo-se a essas primeiras identificações, Freud sugere que elas são uma identificação direta e imediata, a qual acontece mais cedo que qualquer investimento de objeto. Essa sugestão parece implicar que a introjeção até mesmo precede as relações de objeto.

os efeitos da primeira identificação no período mais remoto da infância serão gerais e duradouros. Isso nos leva de volta à origem do ideal do ego. . .” Freud define então as primeiras e mais importantes identificações, que permanecem ocultas por detrás do ideal do ego, como a identificação com o pai, ou com os pais, e as coloca, segundo suas palavras, na “pré-história de cada pessoa”. Essas formulações aproximam-se daquilo que descrevi como os primeiros objetos introjetados, pois, por definição, as identificações são o resultado da introjeção. A partir da afirmativa que acabo de discutir e do trecho que citei do artigo da Enciclopédia, pode-se deduzir que Freud, apesar de não ter levado mais adiante esta linha de pensamento, admitia que, na mais tenra infância, tanto um objeto quanto processos introjetivos desempenham um papel.

Ou seja, no que se refere ao auto-erotismo e ao narcisismo, deparamo-nos com uma inconsistência nas concepções de Freud. Tais inconsistências, que ocorrem em numerosos pontos da teoria, mostram claramente, penso, que em relação a essas questões específicas Freud ainda não tinha chegado a uma decisão final. Com relação à teoria da ansiedade, ele afirmou isso explicitamente em *Inhibitions, Symptoms and Anxiety* (1926, capítulo 8). Sua percepção de que muito daquilo que se referia aos primeiros estágios do desenvolvimento ainda lhe era desconhecido ou obscuro está também exemplificada ao falar sobre os primeiros anos de vida da menina, como sendo (Freud, 1931) “. . . obscurecidos pelo tempo e sombrios. . .”

Não conheço a visão de Anna Freud a respeito desse aspecto do trabalho de Freud. Porém, quanto à questão do auto-erotismo e do narcisismo, ela parece ter levado em conta apenas as conclusões de Freud de que um estágio auto-erótico e narcísico precede qualquer relação de objeto, e não ter dado margem a outras possibilidades subjacentes em algumas afirmações de Freud, como essas a que me referi acima. Essa é uma das razões pelas quais a divergência entre a concepção de Anna Freud e a minha sobre a tenra infância é muito maior do que a que existe entre as opiniões de Freud, tomadas como um todo, e as minhas. Afirmo isto porque acredito que é essencial esclarecer a amplitude e a natureza das diferenças existentes entre as duas escolas de pensamento psicanalítico, representadas por Anna Freud e por mim. Tal esclarecimento faz-se necessário no interesse da formação psicanalítica e também porque pode ajudar a suscitar discussões frutíferas entre os psicanalistas, contribuindo assim para uma maior compreensão geral dos problemas fundamentais do início da infância.

A hipótese de que um estágio que se estende por vários meses precede as relações de objeto implica que, exceto para a libido ligada ao próprio corpo do bebê, os impulsos, fantasias, ansiedades e defesas ou não estão presentes no bebê ou não estão relacionados a um objeto, ou seja, eles operariam *in vacuo*. A análise de crianças muito pequenas ensinou-

me que não existe urgência pulsional, situações de ansiedade, processo mental que não envolva objeto, externo ou interno; em outras palavras, as relações de objeto estão no *centro* da vida emocional. Além do mais, amor e ódio, fantasias, ansiedades e defesas também operam desde o começo e encontram-se *ab initio* indivisivelmente ligados a relações de objeto. Este *insight* mostrou-me vários fenômenos sob uma nova luz.

Formularei agora a conclusão sobre a qual se assenta o presente artigo: sustento que a transferência origina-se dos mesmos processos que, nos estágios mais iniciais, determinam as relações de objeto. Dessa forma, na análise temos de voltar repetidamente às flutuações entre objetos amados e odiados, externos e internos, que dominam o início da infância. Só podemos apreciar plenamente a interconexão entre as transferências positiva e negativa se explorarmos o interjogo inicial entre o amor e o ódio, e o círculo vicioso entre agressão, ansiedades, sentimentos de culpa e uma maior agressão, bem como os vários aspectos dos objetos para os quais são dirigidas essas emoções e ansiedades conflitantes. Por outro lado, através da exploração desses processos arcaicos, convenci-me de que a análise da transferência negativa, que havia recebido relativamente pouca atenção³ na técnica psicanalítica, constitui uma precondição para analisar as camadas mais profundas da mente. A análise tanto da transferência negativa quanto da positiva, bem como de sua interconexão, constitui, como venho defendendo há muitos anos, um princípio indispensável para o tratamento de todos os tipos de pacientes, crianças e adultos igualmente. Substanciei este ponto de vista na maior parte de meus escritos, a partir de 1927.

Tal abordagem, que no passado tornou possível a psicanálise de crianças muito pequenas, revelou-se nos últimos anos extremamente frutífera para a análise de pacientes esquizofrênicos. Até por volta de 1920 presumia-se que os pacientes esquizofrênicos fossem incapazes de estabelecer transferência, e assim não poderiam ser psicanalisados. Desde então, a psicanálise de esquizofrênicos vem sendo tentada por meio de várias técnicas. Contudo, a mudança de visão mais radical a esse respeito ocorreu mais recentemente e está estreitamente ligada ao maior conhecimento dos mecanismos, ansiedades e defesas operantes na infância mais remota. Uma vez descobertas algumas dessas defesas contra o amor e o ódio, engendradas nas relações de objeto primárias, tornou-se plenamente compreendido o fato de que pacientes esquizofrênicos são capazes de desenvolver tanto uma transferência positiva quanto uma transferência negativa. Esse achado é confirmado se aplicarmos consistentemente no tra-

³ Isso foi devido em grande parte ao fato de se subestimar a importância da agressividade.

tamento de pacientes esquizofrênicos⁴ o princípio de que é tão necessário analisar a transferência negativa quanto a positiva e de que, de fato, uma não pode ser analisada sem a outra.

Retrospectivamente, pode-se ver que esses avanços consideráveis da técnica são apoiados, na teoria psicanalítica, pela descoberta de Freud das pulsões de vida e de morte, que contribuiu fundamentalmente para a compreensão da origem da ambivalência. Devido a estarem as pulsões de vida e de morte — e, portanto, o amor e o ódio —, no fundo, na mais estreita interação, a transferência positiva e a negativa encontram-se basicamente interligadas.

A compreensão das primeiras relações de objeto e dos processos correlatos influiu essencialmente na técnica sob vários ângulos. Sabe-se há muito tempo que, na situação de transferência, o psicanalista pode representar a mãe, o pai ou outras pessoas, que ele, em alguns momentos, também representa na mente do paciente o papel do superego e outras vezes o do id ou do ego. Nosso conhecimento atual capacita-nos a penetrar nos detalhes específicos dos vários papéis atribuídos pelo paciente ao analista. Na realidade, existem muito poucas pessoas na vida do bebezinho, mas ele as sente como um grande número de objetos, pois lhe aparecem sob diferentes aspectos. Assim, o analista pode, em determinado momento, representar uma parte do self, do superego ou qualquer uma de uma ampla gama de figuras internalizadas. Da mesma forma, supor que o analista representa o pai ou a mãe reais não nos levará muito longe, a menos que compreendamos qual aspecto dos pais está sendo revivido. A imagem dos pais na mente do paciente sofreu distorções em graus variados, através dos processos infantis de projeção e idealização, e freqüentemente conservou muito de sua natureza fantasiosa. Em termos gerais, na mente do bebezinho, toda experiência externa está entrelaçada com suas fantasias e, por outro lado, toda fantasia contém elementos da experiência real, e é unicamente analisando a situação de transferência em sua profundidade que seremos capazes de descobrir o passado, tanto em seus aspectos realistas quanto em seus aspectos fantasiosos. É, também, o fato de terem sua origem na infância mais remota que explica a força dessas flutuações na transferência, bem como suas rápidas alternâncias — às vezes, até mesmo numa única sessão — entre pai e mãe, entre objetos onipotentemente bondosos e perseguidores perigosos, entre figuras externas e internas. Algumas vezes, o analista parece representar simultaneamente ambos os pais e, nesse caso, freqüentemente em aliança hostil contra o paciente, quando

⁴ Essa técnica é ilustrada pelo artigo de H. Segal "Some Aspects of the Analysis of a Schizophrenic" (1950) e pelos artigos de H. Rosenfeld "Notes on the Psycho-Analysis of the Super-ego Conflict of an Acute Schizophrenic Patient" (1952a) e "Transference Phenomena and Transference Analysis in an Acute Catatonic Schizophrenic Patient" (1952b).

então a transferência negativa adquire grande intensidade. O que foi então revivido ou tornou-se manifesto na transferência é a mistura, na fantasia do paciente, dos pais como uma única figura, "a figura dos pais combinados", como descrevi em outro lugar⁵. Essa é uma das formações de fantasia características dos estágios mais iniciais do complexo de Édipo, que, se mantida em toda a sua força, prejudica as relações de objeto e o desenvolvimento sexual. A fantasia dos pais combinados extrai sua força de outro elemento da vida emocional arcaica, isto é, da poderosa inveja associada aos desejos orais frustrados. Através da análise de tais situações iniciais, aprendemos que na mente do bebê, quando ele está frustrado (ou insatisfeito, devido a causas internas), sua frustração se casa com o sentimento de que um outro objeto (logo representado pelo pai) recebe da mãe a ambicionada gratificação e o amor a ele negados naquele momento. Aqui está uma raiz da fantasia de que os pais estão combinados numa permanente gratificação mútua de natureza oral, anal e genital. E isso, para mim, é o protótipo de situações tanto de inveja quanto de ciúme.

Existe um outro aspecto da análise da transferência que é necessário mencionar. Estamos habituados a falar da *situação* de transferência. Mas será que temos sempre em mente a importância fundamental desse conceito? Minha experiência diz que, ao desenredar os detalhes da transferência, é essencial pensar em termos de *situações totais* transferidas do passado para o presente, bem como em termos de emoções, defesas e relações de objeto.

Por muitos anos — e até certo ponto isto é verdade ainda hoje — a transferência foi compreendida em termos de referências diretas ao analista, no material do paciente. Minha concepção da transferência como algo enraizado nos estágios mais iniciais do desenvolvimento e nas camadas profundas do inconsciente é muito mais ampla e envolve uma técnica através da qual os *elementos inconscientes* da transferência são deduzidos a partir da totalidade do material apresentado. Por exemplo, relatos de pacientes sobre sua vida cotidiana, relações e atividades não só nos oferecem um *insight* quanto ao funcionamento do ego, como também revelam, se explorarmos seu conteúdo inconsciente, as defesas contra a ansiedade suscitadas na situação de transferência. Isso porque o paciente está fadado a lidar com conflitos e ansiedades, revividos na relação com o analista, empregando os mesmos métodos por ele usados no passado. Ou seja, ele se afasta do analista como tentou afastar-se de seus objetos primários; tenta cindir a relação com ele, mantendo-o ou como uma figura boa, ou como uma figura má; deflete alguns dos sentimentos e atitudes vividos em

⁵ Ver *The Psycho-Analysis of Children*, especialmente os capítulos 8 e 11.

relação ao analista para outras pessoas em sua vida cotidiana, e isto faz parte da "atuação"⁶.

Atendo-me ao meu tema, discuti aqui predominantemente as primeiras experiências, situações e emoções das quais se origina a transferência. Sobre essas bases são construídas as posteriores relações de objeto, bem como os desenvolvimentos emocional e intelectual, que necessitam a atenção do analista tanto quanto as relações e desenvolvimentos mais primitivos. Com isso, quero dizer que nosso campo de investigação cobre *tudo aquilo* que se situa entre a situação presente e as primeiras experiências. Na realidade, é impossível encontrar acesso às emoções e relações de objeto mais antigas a menos que se examinem suas vicissitudes à luz de desenvolvimentos posteriores. Somente através da ligação contínua das experiências mais recentes com as anteriores e vice-versa (e isso significa um trabalho árduo e paciente), somente explorando consistentemente a interação dessas experiências é que o presente e o passado podem se aproximar na mente do paciente. Este é um aspecto do processo de integração, o qual, à medida que a análise progride, abrange a totalidade da vida mental do paciente. Quando a ansiedade e a culpa diminuem e o amor e o ódio podem ser mais bem sintetizados, os processos de cisão — uma defesa fundamental contra a ansiedade —, bem como as repressões, atenuam-se, enquanto o ego ganha em força e coesão; a clivagem entre objetos idealizados e persecutórios diminui; os aspectos fantasiosos dos objetos se enfraquecem. Tudo isso implica que a vida de fantasia inconsciente, menos radicalmente separada da parte inconsciente da mente, pode ser mais bem utilizada em atividades do ego, tendo como consequência um **enriquecimento** geral da personalidade. Refiro-me aqui às *diferenças*, em **contraste** com as *semelhanças*, entre a transferência e as primeiras relações de objeto. Tais diferenças são uma medida do efeito curativo do procedimento analítico.

Sugeri acima que um dos fatores que levam à compulsão à repetição é a pressão exercida pelas primeiras situações de ansiedade. Quando as ansiedades persecutória e depressiva e a culpa diminuem, há menos tendência a repetir continuamente experiências fundamentais e, em consequência, antigos padrões e modos de sentir são mantidos com menor tenacidade. Essas mudanças fundamentais resultam da análise consistente da transferência; estão ligadas a uma revisão de alcance profundo das primeiras relações de objeto e refletem-se na vida presente do paciente, bem como na modificação das atitudes em relação ao analista.

⁶ Por vezes, o paciente pode tentar fugir do presente, refugiando-se no passado, em vez de perceber que suas emoções, ansiedades e fantasias operam nesse momento com toda força e estão centradas no analista. Em outros momentos, como sabemos, as defesas estão dirigidas principalmente contra o reviver o passado em relação aos objetos originais.

tramos as emoções, as ansiedades persecutórias e depressivas que caracterizavam, como eu acredito, seu desenvolvimento inicial. Mas, se por um lado na meninice ele não havia sido capaz de superar essas ansiedades e alcançar a integração, nos três dias cobertos pelo romance, ele percorre, com êxito, um mundo de experiências emocionais, o que, a meu ver, acarreta uma elaboração das posições esquizo-paranóide e depressiva. Como consequência da superação das ansiedades psicóticas fundamentais da infância, a necessidade intrínseca de integração emerge com toda força. Ele concomitantemente alcança a integração e boas relações de objeto e, desse modo, repara o que havia fracassado em sua vida.

INVEJA E GRATIDÃO (1957)

Nota Explicativa da Comissão Editorial Inglesa

Este é o último dos trabalhos teóricos de maior envergadura de Melanie Klein. Antes de seu aparecimento, a inveja era esporadicamente reconhecida por psicanalistas como uma emoção importante, mas apenas em situações de privação, e somente uma de suas formas, a inveja do pênis, havia sido estudada pormenorizadamente. As referências anteriores da própria Melanie Klein à inveja começam com sua descrição do profundo efeito da inveja sobre o desenvolvimento de Erna, um de seus primeiros casos, relatado em um artigo não publicado, apresentado na Primeira Conferência de Psicanalistas Alemães em 1924 e que se tornou a base do terceiro capítulo de *The Psycho-Analysis of Children*. Entrementes, registrou a inveja como um fator importante; ela lista suas referências passadas em uma nota de rodapé à página 201, esquecendo-se contudo de sua própria antecipação do presente trabalho em "Algumas Conclusões Teóricas Relativas à Vida Emocional do Bebê" (1952), onde diz: "A inveja parece ser inerente à voracidade oral... a inveja (em alternância com sentimentos de amor e gratificação) é primeiramente dirigida ao seio nutridor..." (pág. 103).

Nesta monografia Melanie Klein mapeia uma área extensa da qual apenas um pequeno setor havia sido conhecido antes. Ela postula que a inveja e a gratidão são sentimentos opostos e interagentes, normalmente operantes desde o nascimento, e que o primeiro objeto da inveja, bem como da gratidão, é o seio nutridor. Descreve a influência da inveja e da gratidão nas relações de objeto mais arcaicas e estuda o funcionamento da inveja não apenas em situações de privação, como também em situações de gratificação onde ela interfere na gratidão normal. São estudados os efeitos da inveja, em particular da inveja inconsciente, sobre a formação do caráter, incluindo - e estas são da maior importância - a natureza das defesas erigidas contra a inveja. A técnica de analisar os processos de cisão é também discutida; isso constitui um suplemento importante à discussão em "Notas sobre Alguns Mecanismos Esquizóides".

Melanie Klein examina também a inveja anormalmente acentuada. Em "Notas sobre Alguns Mecanismos Esquizóides", embora tenha registrado diversas anormalidades do funcionamento arcaico, por exemplo, a introjeção de objetos fragmentados pelo ódio, o uso excessivo de mecanismos de cisão e a persistência de estados

narcisistas, a psicopatologia da posição esquizo-paranóide permaneceu em grande parte desconhecida. No presente trabalho, ela descreve em pormenor a formação anormal da posição esquizo-paranóide resultante da inveja excessiva; descreve, entre outras coisas, a confusão oriunda de um fracasso na cisão e mostra a importância de uma ausência de idealização. Delineia também a estrutura normal da posição depressiva e do complexo de Édipo que daí resulta. Postula também que o seio nutridor é percebido pelo bebê como uma fonte de criatividade e descreve os efeitos danosos da inveja indevida sobre a capacidade de criatividade. Do princípio ao fim, seus argumentos tanto teóricos quanto clínicos são ilustrados com material clínico, o que é de particular interesse na medida que mostra como ela trabalhava nesse último período.

Este trabalho lança nova luz sobre a reação terapêutica negativa, estudada como efeito da inveja. Melanie Klein considera que, embora a inveja possa em alguma medida ser analisada, ela estabelece um limite para o êxito analítico. Esse fato, portanto, coloca uma restrição final ao grande otimismo de seus artigos iniciais dos anos vinte.

INVEJA E GRATIDÃO¹ (1957)

Há muitos anos venho me interessando pelas fontes mais arcaicas de duas atitudes que sempre nos foram familiares: a inveja e a gratidão. Cheguei à conclusão de que a inveja é um fator muito poderoso no solapamento das raízes dos sentimentos de amor e de gratidão, pois ela afeta a relação mais antiga de todas, a relação com a mãe. A importância fundamental dessa relação para toda a vida emocional do indivíduo tem sido substanciada em vários trabalhos psicanalíticos; e penso que, ao investigar mais profundamente um fator específico que pode ser muito perturbador nesse estágio inicial, eu acrescentei algo de significativo aos meus achados referentes ao desenvolvimento infantil e à formação da personalidade.

Considero que a inveja é uma expressão sádico-oral e sádico-anal de impulsos destrutivos, em atividade desde o começo da vida, e que tem base constitucional. Essas conclusões têm certos elementos importantes em comum com a obra de Karl Abraham, apesar de implicar algumas diferenças com relação a ela. Abraham achava que a inveja é uma característica oral, mas — e é aqui que minhas concepções diferem das dele — presumia que inveja e hostilidade operassem num período ulterior, o qual, de acordo com suas hipóteses, constituía um segundo estágio, o sádico-oral. Abraham não falou em gratidão, mas descreveu a generosidade como uma característica oral. Ele considerava os elementos anais como um componente importante da inveja e enfatizou a derivação desses elementos a partir dos impulsos sádico-orais.

Um outro ponto fundamental de concordância com Abraham é sua suposição de um elemento constitucional na intensidade dos impulsos orais, que ele vinculou à etiologia da enfermidade maníaco-depressiva.

Sobretudo, tanto a obra de Abraham quanto a minha puseram em relevo, mais plena e profundamente, a importância dos impulsos destrutivos.

¹ Quero expressar minha profunda gratidão à minha amiga Lola Brook, que me ajudou ao longo da preparação deste livro [*Inveja e Gratidão*], bem como de muitos de meus escritos. Ela tem uma rara compreensão de minha obra e ajudou-me, em todas as etapas, com formulações e críticas ao conteúdo. Meus agradecimentos são também devidos ao Dr. Elliott Jaques, que fez inúmeras e valiosas sugestões enquanto o livro estava ainda manuscrito e ajudou-me no trabalho de revisão das provas. Sou agradecida a Miss Judith Fay, que teve grande cuidado na feitura do índice.

Em sua "Short History of the Development of the Libido, Viewed in the Light of Mental Disorders", escrita em 1924, Abraham não mencionou as hipóteses de Freud sobre as pulsões de vida e de morte, embora *Beyond The Pleasure Principle* tivesse sido publicado havia quatro anos. Em seu livro, porém, Abraham investigou as raízes dos impulsos destrutivos e aplicou essa compreensão à etiologia das perturbações mentais de um modo mais específico do que até então fora feito. Embora ele não tenha feito uso do conceito de Freud das pulsões de vida e de morte, parece-me que seu trabalho clínico, particularmente a análise dos primeiros pacientes maníaco-depressivos que foram analisados, baseava-se em algum *insight* que o estava conduzindo nessa direção. Presumo que a morte prematura de Abraham impediu-o de se dar conta de todas as implicações de seus próprios achados e da essencial conexão destes com a descoberta, por Freud, das duas pulsões.

Neste momento da publicação de *Inveja e Gratidão*, três décadas após o falecimento de Abraham, é para mim motivo de grande satisfação que minha obra tenha contribuído para o crescente reconhecimento da plena significação das descobertas de Abraham.

I

Pretendo aqui fazer algumas sugestões adicionais relativas ao período mais arcaico da vida emocional do bebê e, também, chegar a algumas conclusões sobre a vida adulta e a saúde mental. É inerente às descobertas de Freud que a investigação do passado do paciente, de sua infância, e de seu inconsciente, é uma pré-condição para compreensão de sua personalidade adulta. Freud descobriu o complexo de Édipo no adulto e, de tal material, reconstruiu não apenas pormenores do complexo de Édipo, mas também sua cronologia. Os achados de Abraham ampliaram consideravelmente essa abordagem, que se tornou característica do método psicanalítico. Devemos também lembrar que, segundo Freud, a parte consciente da mente desenvolve-se a partir do inconsciente. Portanto, ao remontar à primeira infância o material que primeiramente encontrei na análise de crianças pequenas, e subsequentemente na de adultos, segui um procedimento hoje familiar à psicanálise. A observação de crianças pequenas logo confirmou os achados de Freud. Acredito que algumas das conclusões a que cheguei, com referência a um estágio bem anterior, os primeiros anos de vida podem, até certo ponto, ser confirmadas pela observação. O direito – e de fato, a necessidade – de reconstruir pormenores e dados a respeito dos estágios mais iniciais a partir do material que nos é apresentado pelos pacientes é descrito por Freud, de modo muito convincente, na seguinte passagem.

"O que procuramos é um quadro dos anos esquecidos do paciente, que seja igualmente digno de confiança e completo em todos os aspectos essenciais. (...) Seu (do psicanalista) trabalho de construção, ou, se preferir, de reconstrução, assemelha-se em grande parte à escavação, por um arqueólogo, de uma morada que foi destruída e sepultada ou de algum edifício antigo. Os dois processos são, na verdade, idênticos, a não ser pelo fato de que o analista trabalha em melhores condições e tem à sua disposição mais material para auxiliá-lo, uma vez que aquilo com que lida não é algo destruído, e sim algo que ainda está vivo – e talvez, também, por uma outra razão. Mas, assim como o arqueólogo constrói as paredes do edifício a partir das fundações que permaneceram de pé, determina o número e posição das colunas pelas depressões no solo e reconstrói as pinturas e decorações murais segundo os restos encontrados nas ruínas, assim também o analista procede quando extrai suas inferências dos fragmentos de lembranças, das associações e do comportamento do sujeito em análise. Ambos possuem um direito incontestável de reconstruir por meio da suplementação e combinação dos vestígios remanescentes. Ambos, além disso, estão sujeitos a muitas das mesmas dificuldades e fontes de erro. (...) O analista, como dissemos, trabalha em condições mais favoráveis que o arqueólogo, pois tem à sua disposição material que não pode ter equivalente em escavações, tal como a repetição de reações que datam da infância e tudo que é indicado pela transferência em conexão com essas repetições. (...) Todo o essencial está preservado; mesmo coisas que parecem completamente esquecidas estão presentes, de alguma maneira e em algum lugar, havendo sido simplesmente sepultadas e tornadas inacessíveis ao sujeito. Na verdade, como sabemos, pode-se duvidar que alguma estrutura psíquica possa realmente ser vítima de destruição total. Depende apenas da técnica analítica o termos sucesso em trazer completamente à luz o que se acha escondido."²

A experiência tem me ensinado que a complexidade da personalidade plenamente desenvolvida só pode ser entendida se obtivermos *insight* sobre a mente do bebê e acompanharmos o seu desenvolvimento na vida subsequente. Isso equivale a dizer que a análise percorre o caminho que vai da vida adulta à infância e, através de estágios intermediários, retorna à vida adulta, num movimento recorrente, para a frente e para trás, de acordo com a situação transferencial predominante.

Ao longo de todo o meu trabalho, tenho atribuído importância fundamental à primeira relação de objeto do bebê – a relação com o seio materno e com a mãe – e cheguei à conclusão de que se esse objeto originário, que é introjetado, fica enraizado no ego em relativa segurança, está

² "Constructions in Analysis" (1937).

assentada a base para um desenvolvimento satisfatório. Fatores inatos contribuem para essa ligação. Sob o predomínio dos impulsos orais, o seio é instintivamente sentido como sendo a fonte de nutrição e, portanto, num sentido mais profundo, da própria vida. Essa proximidade física e mental com o seio gratificador em certa medida restaura, se tudo corre bem, a perdida unidade pré-natal com a mãe e o sentimento de segurança que a acompanha. Isso depende em grande parte da capacidade do bebê de investir suficientemente o seio ou seu representante simbólico, a mamadeira; dessa maneira, a mãe é transformada em um objeto amado. Pode bem ser que o ter sido parte da mãe no estado pré-natal contribua para o sentimento inato do bebê de que existe fora dele algo que lhe dará tudo que necessita e deseja. O seio bom é tomado para dentro e torna-se parte do ego, e o bebê, que antes estava dentro da mãe, tem agora a mãe dentro de si.

O estado pré-natal indubitavelmente implica um sentimento de unidade e segurança, mas o quanto esse estado está livre de perturbações depende necessariamente das condições psicológicas e físicas da mãe, e, possivelmente, até mesmo de certos fatores, não investigados até o presente momento, no bebê ainda não nascido. Poderíamos, portanto, considerar o anseio universal pelo estado pré-natal como sendo também, em parte, uma expressão da necessidade premente de idealização. Se investigamos esse anseio à luz da idealização, encontramos que uma de suas fontes é a forte ansiedade persecutória suscitada pelo nascimento. Poderíamos especular que essa primeira forma de ansiedade possivelmente abrange as experiências desagradáveis do bebê ainda não nascido, as quais, juntamente com o sentimento de segurança no útero, prenunciam a relação dupla com a mãe: o seio bom e o seio mau.

As circunstâncias externas desempenham um papel vital na relação inicial com o seio. Se o nascimento foi difícil, e se, particularmente, resulta em complicações como falta de oxigênio, há uma perturbação na adaptação ao mundo externo e a relação com o seio inicia-se sob condições de grande desvantagem. Em tais casos, a capacidade do bebê de experimentar novas fontes de gratificação é prejudicada e, em consequência, ele não pode internalizar suficientemente um objeto originário realmente bom. Além disso, se a criança é ou não adequadamente alimentada e cercada de cuidados maternais, se a mãe frui plenamente ou não os cuidados com a criança, ou se ela é ansiosa e tem dificuldades psicológicas com a amamentação — todos esses fatores influenciam a capacidade do bebê de aceitar o leite com prazer e de internalizar o seio bom.

Um elemento de frustração por parte do seio está fadado a entrar na relação mais inicial do bebê com o seio, porque até mesmo uma situação feliz de amamentação não pode substituir completamente a unidade pré-natal com a mãe. Além disso, o anseio do bebê por um seio inexaurível e

sempre-presente não se origina, absolutamente, apenas de uma ânsia por alimento ou de desejos libidinais. Pois, mesmo nos estágios mais iniciais, a premência por obter constante evidência do amor da mãe está fundamentalmente enraizada na ansiedade. A luta entre as pulsões de vida e de morte e a resultante ameaça de aniquilamento do *self* e do objeto por impulsos destrutivos são fatores fundamentais na relação inicial do bebê com sua mãe. Isso porque seus desejos implicam querer que o seio, e em seguida a mãe, fizessem desaparecer esses impulsos destrutivos e a dor da ansiedade persecutória.

Concomitantemente a experiências felizes, ressentimentos inevitáveis reforçam o conflito inato entre o amor e o ódio, isto é, basicamente entre as pulsões de vida e de morte, o que resulta no sentimento de que existem um seio bom e um seio mau. Conseqüentemente, a vida emocional arcaica caracteriza-se por uma sensação de perda e recuperação do objeto bom. Ao falar de um conflito inato entre amor e ódio, deixo implícito que a capacidade tanto para amor quanto para impulsos destrutivos é, até certo ponto, constitucional, embora varie individualmente em intensidade e interaja desde o início, com as condições externas.

Tenho repetidamente proposto a hipótese de que o objeto bom originário, o seio materno, forma o núcleo do ego e contribui de modo vital para o seu crescimento, e tenho freqüentemente descrito como o bebê sente que concretamente internaliza o seio e o leite que este dá. Já existe também em sua mente uma conexão indefinida entre o seio e outras partes e aspectos da mãe.

Não presumiria que, para ele, o seio seja simplesmente um objeto físico. A totalidade de seus desejos instintivos e de suas fantasias inconscientes imbui o seio de qualidades que vão muito além da nutrição real que ele propicia.³

Vemos na análise de nossos pacientes que o seio em seu aspecto bom é o protótipo da "bondade" materna, de paciência e generosidade inexauríveis, bem como de criatividade. São essas fantasias e necessidades pulsionais que de tal modo enriquecem o objeto originário que ele permanece como a base da esperança, da confiança e da crença no bom.

Este trabalho trata de um aspecto específico das mais arcaicas relações de objeto e processos de internalização, que tem raízes na oralidade.

³ Tudo isso é sentido pelo bebê de um modo muito mais primitivo do que o que a linguagem pode expressar. Quando essas emoções e fantasias pré-verbais são revividas na situação transferencial, aparecem como "lembranças em sentimento", como eu as chamaria, e são reconstruídas e postas em palavras com o auxílio do analista. Da mesma maneira, temos que utilizar palavras quando estamos reconstruindo e descrevendo outros fenômenos que pertencem aos estágios iniciais do desenvolvimento. De fato, não podemos traduzir a linguagem do inconsciente para a consciência sem emprestar-lhe palavras do nosso domínio consciente.

Refiro-me aos efeitos da inveja sobre o desenvolvimento da capacidade de gratidão e de felicidade. A inveja contribui para as dificuldades do bebê em construir seu objeto bom, pois ele sente que a gratificação de que foi privado foi guardada, para uso próprio, pelo seio que o frustrou.⁴

Deve-se fazer uma distinção entre inveja, ciúme e voracidade. A inveja é o sentimento raivoso de que outra pessoa possui e desfruta algo desejável — sendo o impulso invejoso o de tirar este algo ou de estragá-lo. Além disso, a inveja pressupõe a relação do indivíduo com uma só pessoa e remonta à mais arcaica e exclusiva relação com a mãe. O ciúme é baseado na inveja, mas envolve uma relação com, pelo menos, duas pessoas; diz respeito principalmente ao amor que o indivíduo sente como lhe sendo devido e que lhe foi tirado, ou está em perigo de sê-lo, por seu rival. Na concepção corriqueira de ciúme, um homem ou uma mulher se sente privado, por outrem, da pessoa amada.

A voracidade é uma ânsia impetuosa e insaciável, que excede aquilo que o sujeito necessita e o que o objeto é capaz e está disposto a dar. A nível inconsciente, a voracidade visa, primariamente, escavar completamente, sugar até deixar seco e devorar o seio; ou seja, seu objetivo é a introjeção destrutiva, ao passo que a inveja procura não apenas despojar dessa maneira, mas também depositar maldade, primordialmente excrementos maus e partes más do *self*, dentro da mãe, acima de tudo dentro do seu seio, a fim de estragá-la e destruí-la. No sentido mais profundo, isso significa destruir a criatividade da mãe. Esse processo, que deriva de impulsos sádico-uretrais e sádico-anais, foi por mim definido em outro artigo⁵ como um aspecto destrutivo da identificação projetiva, começando desde o início da vida⁶. Uma diferença essencial entre voracidade e inveja.

⁴ Numa série de trabalhos meus, *The Psycho-Analysis of Children*, "Early Stages of the Oedipus Complex", e em "A Vida Emocional do Bebê", referi-me à inveja surgindo de fontes sádico-orais, sádico-uretrais e sádico-anais, durante os estágios mais iniciais do complexo de Édipo, e relacionei-a ao desejo de estragar os bens da mãe, particularmente o pênis do pai, o qual, na fantasia da criança, a mãe contém. Já em meu artigo "An Obsessional Neurosis in a Six-Year-Old Girl", apresentado em 1924, mas não publicado até aparecer em *The Psycho-Analysis of Children*, a inveja ligada a ataques sádico-orais, sádico-uretrais e sádico-anais ao corpo da mãe desempenhava papel proeminente. Entretanto, não havia relacionado especificamente essa inveja ao desejo de tirar e estragar os seios da mãe, embora houvesse chegado muito perto dessas conclusões. No meu artigo "Sobre a Identificação" (1955) examinei a inveja como um fator muito importante na identificação projetiva. Já em *The Psycho-Analysis of Children* sugeri que não apenas tendências sádico-orais, como também sádico-uretrais e sádico-anais, estão em funcionamento em bebês muito pequenos.

⁵ "Notas sobre alguns Mecanismos Esquizóides".

⁶ Dr. Elliott Jaques chamou minha atenção para a raiz etimológica de "inveja" no latim "*invidia*", que provém do verbo "*invideo*" — olhar atravessado, olhar maldosamente ou com despeito, lançar mau-olhado, invejar ou relutar mesquinhamente em dar ou reconhecer o que é do outro. Um uso antigo pode ser encontrado numa expressão de Cícero, cuja tradução é "causar infortúnio pelo mau-olhado". Isso confirma a diferenciação que fiz entre inveja e voracidade, pela ênfase dada ao caráter projetivo da inveja.

ja, embora nenhuma linha divisória rígida possa ser traçada visto estarem tão estreitamente associadas, seria, então, que a voracidade está ligada principalmente à introjeção e a inveja à projeção.

Segundo o *Shorter Oxford Dictionary*, ciúme significa que uma outra pessoa tomou, ou a ela está sendo dado, o "bom" que por direito pertence ao indivíduo. Nesse contexto, eu interpretaria o "bom" basicamente como o seio bom, a mãe, uma pessoa amada, que outra pessoa tirou. De acordo com o *English Synonyms*, de Crabb, "(...) o ciúme teme perder o que possui; a inveja sofre ao ver outro possuir o que ela quer para si. (...) O invejoso passa mal à vista da fruição. Sente-se à vontade apenas com o infortúnio dos outros. Assim, todos os esforços para satisfazer um invejoso são infrutíferos". O ciúme, segundo Crabb, é "uma paixão nobre ou ignóbil, de acordo com o objeto. No primeiro caso, é emulação aguçada pelo medo. No segundo, é voracidade estimulada pelo medo. A inveja é sempre uma paixão vil, arrastando consigo as piores paixões".

A atitude geral para com o ciúme difere da que se tem para com a inveja. Na realidade, em certos países (particularmente a França), o assassinato induzido pelo ciúme acarreta sentença menos severa. A razão para essa distinção encontra-se no sentimento universal de que o assassinato de um rival pode subentender amor pela pessoa infiel. Isso significa, nos termos discutidos acima, que existe amor pelo "bom" e que o objeto amado não é danificado e estragado como o seria pela inveja.

O Otelo de Shakespeare, em seu ciúme, destrói o objeto que ama e isso, em minha opinião, é característico do que Crabb descreve como a "ignóbil paixão do ciúme", ou seja, a voracidade estimulada pelo medo. Uma referência significativa ao ciúme como qualidade inerente à mente aparece na mesma peça:

*"But jealous souls will not be answer'd so;
They are not ever jealous for the cause,
But jealous for they are jealous; 'tis a monster
Begot upon itself, born on itself"**

Poder-se-ia dizer que a pessoa muito invejosa é insaciável, que nunca pode ser satisfeita porque sua inveja brota de dentro e, portanto, sempre encontra um objeto sobre o qual focalizar-se. Isso mostra também a conexão íntima entre ciúme, voracidade e inveja.

* "Mas os ciumentos não atendem a isso; Não precisam de causa para o ciúme: Têm ciúme, nada mais. O ciúme é monstro Que se gera em si mesmo e de si nasce". ("Othello", A III, 4. Tr. de Carlos Alberto Nunes, Ed. Melhoramentos, 3366, pág. 104.) (N. T.)

Shakespeare nem sempre parece diferenciar inveja de ciúme; os versos seguintes, de Otelo, mostram plenamente a significação da inveja no sentido em que aqui a defini:

*"Oh beware my Lord of jealousy;
It is the green-eyed monster which doth mock
The meat it feeds on". . .**

Fazem-nos lembrar a expressão "morder a mão que alimenta", quase sinônima de morder, destruir e estragar o seio.

II

Meu trabalho ensinou-me que o primeiro objeto a ser invejado é o seio nutridor⁷, pois o bebê sente que o seio possui tudo o que ele deseja e que tem um fluxo ilimitado de leite e amor que guarda para sua própria gratificação. Esse sentimento soma-se a seu ressentimento e ódio, e o resultado é uma relação perturbada com a mãe. Se a inveja é excessiva, indica, em minha concepção, que traços paranóides e esquizóides são anormalmente intensos e que tal bebê pode ser considerado como doente.

Ao longo deste capítulo, falo da inveja primária do seio materno. Essa inveja deve ser diferenciada de suas formas subseqüentes (inerentes, na menina, ao desejo de tomar o lugar da mãe, e, no menino, à posição feminina), nas quais a inveja não mais se focaliza no seio, e sim na mãe que recebe o pênis do pai, que tem bebês dentro dela, que dá à luz esses bebês, e que é capaz de amamentá-los.

Tenho freqüentemente descrito os ataques sádicos ao seio materno como sendo determinados por impulsos destrutivos. Quero acrescentar aqui que a inveja confere um ímpeto especial a esses ataques. Isso significa que quando escrevi sobre a escavação voraz do seio e do corpo da mãe, sobre a destruição de seus bebês, bem como sobre a deposição de excrementos maus dentro da mãe⁸, já deixava entrever o que posteriormente vim a reconhecer como o estrago do objeto, por inveja.

* "Acautelai-vos, Senhor, do ciúme,
É um monstro de olhos verdes que zomba
Do alimento de que vive" . . .
("Othello", A III, 3. Tr. de Carlos Alberto Nunes. Ed. Melhoramentos, 3366, pág. 85.)
(N. T.)

⁷ Joan Riviere, em seu artigo "Jealousy as a Mechanism of Defence" (1932), reportou a inveja nas mulheres ao desejo infantil de despojar a mãe de seus seios e estragá-los. De acordo com seus achados, o ciúme tem suas raízes nessa inveja primária. Seu artigo contém interessante material ilustrativo desses pontos de vista.

⁸ Cf. meu livro *The Psycho-Analysis of Children*, onde esses conceitos desempenham um papel importante em várias conexões.

Se considerarmos que a privação intensifica a voracidade e a ansiedade persecutória, e que existe na mente do bebê a fantasia de um seio inexaurível, que é o seu maior desejo, torna-se compreensível como a inveja surge mesmo se o bebê é inadequadamente amamentado. Os sentimentos do bebê parecem ser que, quando o seio o priva, este se torna mau porque retém só para si o leite, o amor e os cuidados associados ao seio bom. Ele odeia e inveja aquilo que sente ser o seio mesquinho e malevolente.

É talvez mais compreensível que o seio satisfatório seja também invejado. A própria facilidade com que vem o leite origina também inveja, pois, embora o bebê se sinta gratificado, essa facilidade fica parecendo um dom inatingível.

Encontramos essa inveja primitiva revivida na situação transferencial. Por exemplo: o analista acabou de dar uma interpretação que trouxe alívio ao paciente e que produziu uma mudança de estado de ânimo, de desespero para esperança e confiança. Com certos pacientes, ou com o mesmo paciente em outros momentos, essa interpretação proveitosa pode logo tornar-se alvo de uma crítica destrutiva. Ela, então, não é mais sentida como algo bom que ele tenha recebido e vivenciado como enriquecimento. Sua crítica pode ater-se a pontos de menor importância; a interpretação deveria ter sido dada antes; foi longa demais e perturbou as associações do paciente; ou foi muito curta, e isso quer dizer que ele não foi suficientemente compreendido. O paciente invejoso reluta em atribuir sucesso ao trabalho do analista; e, se ele sente que o analista e o auxílio que este lhe está dando ficaram estragados e desvalorizados por sua crítica invejosa, não poderá introjetá-lo suficientemente como um objeto bom, nem aceitar suas interpretações com convicção real e assimilá-las. A convicção verdadeira, como vemos freqüentemente em pacientes menos invejosos, implica gratidão por uma dádiva recebida. O paciente invejoso também pode sentir que é indigno de beneficiar-se pela análise, devido à culpa pela desvalorização do auxílio dado.

Não é preciso dizer que nossos pacientes nos criticam por uma variedade de razões, às vezes justificadamente. Mas a necessidade que tem um paciente de desvalorizar o trabalho analítico que experimentou como proveitoso é expressão de inveja. Na transferência, descobrimos as raízes da inveja se as situações emocionais que encontramos em estágios anteriores forem retraçadas até o estágio primário. A crítica destrutiva é particularmente evidente em pacientes paranóides que se comprazem no prazer sádico de desmerecer o trabalho do analista, ainda que este lhes tenha proporcionado certo alívio. Nesses pacientes, a crítica invejosa é bastante aberta; noutros, pode desempenhar um papel igualmente importante, mas permanece não-expressa e até mesmo inconsciente. Em minha experiên-

cia, o progresso lento que fazemos em tais casos está também relacionado à inveja. Vemos que suas dúvidas e incertezas sobre o valor da análise persistem. O que acontece é que a parte hostil e invejosa de seu *self* é excindida pelo paciente, e ele apresenta constantemente ao analista outros aspectos que sente como mais aceitáveis. Contudo, as partes excindidas influenciam essencialmente o curso da análise, a qual, em última instância, só pode ser eficaz se conseguir integração e se lidar com o todo da personalidade. Outros pacientes tornam-se confusos para evitar serem críticos. Essa confusão não é apenas uma defesa, mas também expressão de incerteza quanto ao fato de o analista ainda permanecer como uma figura boa, ou terem, o analista e o auxílio que está dando, se tornado maus em decorrência da crítica hostil do paciente. Eu remontaria essa incerteza aos sentimentos de confusão que são uma das conseqüências da perturbação da relação mais arcaica com o seio materno. O bebê que, devido à intensidade de mecanismos paranóides e esquizóides e ao ímpeto da inveja, não consegue bem-sucedidamente dividir e manter separados o amor e o ódio e, portanto, o objeto bom do objeto mau, está sujeito a sentir-se confuso entre o que é bom e o que é mau em outros contextos.

Desse modo, a inveja e as defesas contra ela desempenham um papel importante na reação terapêutica negativa, além dos fatores descobertos por Freud e mais amplamente desenvolvidos por Joan Riviere⁹. Pois a inveja e as atitudes a que dá origem interferem na construção gradual de um objeto bom na situação transferencial. Se, no estágio mais inicial, o bom alimento e o objeto bom originário não puderam ser aceitos e assimilados, isso se repete na transferência e o curso da análise é prejudicado.

No contexto do material analítico é possível reconstruir, pela elaboração de situações anteriores, os sentimentos do paciente, quando bebê, para com o seio materno. Por exemplo, o bebê pode ter um ressentimento de que o leite chega muito rápido ou muito devagar¹⁰; ou de que não lhe tenham dado o seio quando mais ansiava por ele e, assim, quando lhe é oferecido, não o quer mais. Volta-lhe as costas e, em vez dele, chupa seus próprios dedos. Quando aceita o seio, pode não mamar o bastante ou a mamada ficar perturbada. Alguns bebês têm claramente grande dificuldade em superar esses ressentimentos. Já outros superam logo tais sentimentos, ainda que sejam baseados em frustrações reais; tomam o seio e a

⁹ "A Contribution to the Analysis of the Negative Therapeutic Reaction" (1936); também Freud, *The Ego and the Id*.

¹⁰ O bebê pode de fato ter recebido muito pouco leite, não tê-lo recebido na ocasião em que mais o desejava, ou não tê-lo obtido do jeito certo; por exemplo, o leite pode ter vindo lento ou rápido demais. A maneira pela qual o bebê foi segurado, se confortavelmente ou não, a atitude da mãe para com a amamentação, seu prazer ou ansiedade a respeito dela, se foi dado o seio ou a mamadeira, todos esses fatores são de grande importância em cada caso.

amamentação é plenamente desfrutada. A análise de pacientes que, segundo lhes foi informado, haviam tomado seu alimento satisfatoriamente e não haviam mostrado sinais evidentes das atitudes que acabei de descrever revela que eles haviam excindido seu ressentimento, inveja e ódio, e que esses sentimentos são, não obstante, parte do desenvolvimento de seu caráter. Esses processos se tornam bastante claros na situação transferencial. O desejo original de agradar à mãe, o anseio por ser amado, bem como a necessidade urgente de ser protegido das conseqüências de seus próprios impulsos destrutivos, podem ser encontrados na análise, como subjacentes à cooperação, naqueles pacientes cuja inveja e ódio foram excindidos mas que fazem parte de sua reação terapêutica negativa.

Tenho freqüentemente me referido ao desejo do bebê pelo seio inextinguível e sempre-presente. Mas, como foi sugerido anteriormente, não é apenas alimento que ele deseja; quer também ser libertado dos impulsos destrutivos e da ansiedade persecutória. Esse sentimento de que a mãe é onipotente e de que compete a ela evitar toda dor e males provindos de fontes internas e externas é também encontrado na análise de adultos. Eu diria, de passagem, que as modificações muito favoráveis, que se deram nos últimos anos, na amamentação das crianças, em contraste com o modo bastante rígido de alimentar segundo horários regulares, não podem evitar inteiramente as dificuldades do bebê, porque a mãe não pode eliminar os impulsos destrutivos e a ansiedade persecutória dele. Há um outro ponto a ser considerado. Uma atitude demasiadamente ansiosa por parte da mãe que, sempre que o bebê chora, imediatamente lhe oferece alimento, não ajuda o bebê. Ele sente a ansiedade da mãe e isso aumenta a sua própria. Encontrei também, em adultos, ressentimento por não lhes ter sido permitido chorar bastante e que, por isso, perderam a possibilidade de expressar ansiedade e pesar (e assim obter alívio), de modo que nem os impulsos agressivos nem as ansiedades depressivas puderam, suficientemente, encontrar um escoadouro. É interessante o fato de Abraham mencionar, entre os fatores que estão na base da enfermidade maníaco-depressiva, tanto a frustração excessiva quanto a indulgência em demasia¹¹. Pois a frustração, se não excessiva, é também um estímulo à adaptação ao mundo externo e ao desenvolvimento do sentido de realidade. De fato, uma certa quantidade de frustração, seguida por gratificação, pode dar ao bebê a sensação de ter sido capaz de lidar com sua ansiedade. Verifiquei também que os desejos não satisfeitos do bebê — que são em certa medida impossíveis de serem realizados — contribuem como fator importante para suas sublimações e atividades criadoras. A ausência de conflito no bebê, se é

¹¹ "A Short History of the Development of the Libido" (1924).

que tal estado hipotético pudesse ser imaginado, privá-lo-ia de enriquecimento em sua personalidade e de um importante fator no fortalecimento de seu ego. Pois o conflito (e a necessidade de superá-lo) é um elemento fundamental na criatividade.

Da asserção de que a inveja estraga o objeto bom originário e dá ímpeto adicional aos ataques sádicos ao seio, surgem outras conclusões. O seio assim atacado perde seu valor, torna-se mau por ter sido mordido e envenenado por urina e fezes. A inveja excessiva aumenta a *intensidade* desses ataques e sua *duração*, tornando assim difícil para o bebê a recuperação do objeto bom perdido. Ataques sádicos ao seio, quando menos determinados por inveja, passam mais rapidamente e, assim, na mente do bebê, não destroem tão intensa e duradouramente a qualidade boa do objeto; o seio que retorna e pode ser fruído é sentido como uma evidência de que não está danificado e de que ainda é bom¹².

O fato de a inveja estragar a capacidade de fruição explica, até certo ponto, por que a inveja é tão persistente¹³. Pois é a *fruição* e a *gratidão* que ela suscita que mitigam os impulsos destrutivos, a inveja e a voracidade. Considerando de um outro ângulo: a voracidade, a inveja e a ansiedade persecutória, que são interligadas, intensificam-se inevitavelmente umas às outras. O sentimento de dano causado pela inveja, a grande ansiedade que disso se origina e a incerteza resultante quanto à "bondade" do objeto têm o efeito de aumentar a voracidade e os impulsos destrutivos. Sempre que o objeto é sentido como, afinal de contas, bom, ele é ainda mais vorazmente desejado e tomado para dentro. Isso também é pertinente ao alimento. Na análise verificamos que, quando um paciente está com grandes dúvidas sobre seu objeto e, portanto, também sobre o valor da análise e do analista, ele pode agarrar-se a qualquer interpretação que alivie sua ansiedade e tender a prolongar a sessão, por desejar tomar para dentro tanto quanto possível daquilo que, no momento, sente ser bom. (Certas pessoas têm tanto medo de sua voracidade que fazem especial questão de sair na hora.)

Dúvidas sobre a posse do objeto bom e a correspondente incerteza sobre os próprios sentimentos bons também contribuem para identificações vorazes e indiscriminadas; tais pessoas são facilmente influenciáveis porque não podem confiar em seu próprio julgamento.

¹² As observações de bebês nos mostram algo dessas atitudes inconscientes subjacentes. Como disse acima, certos bebês que estiveram gritando de raiva mostram-se inteiramente felizes logo após começarem a mamar. Isso significa que temporariamente perderam, mas recuperaram, seu objeto bom. Noutros, o ressentimento e a ansiedade persistentes, ainda que momentaneamente diminuídos pela amamentação, podem ser depreendidos por observadores cuidadosos.

¹³ É claro que a privação, a amamentação insatisfatória e circunstâncias desfavoráveis intensificam a inveja por perturbarem a gratificação plena, e um círculo vicioso é criado.

Em contraste com o bebê que, devido à sua inveja, foi incapaz de construir seguramente um objeto bom interno, uma criança com uma forte capacidade de amor e gratidão tem uma relação profundamente enraizada com um objeto bom e pode suportar, sem ficar profundamente danificada, estados temporários de inveja, ódio e ressentimento que surgem mesmo em crianças que são amadas e recebem bons cuidados maternos. Assim, quando esses estados negativos são transitórios, o objeto bom é recuperado a cada vez. Esse é um fator essencial para estabelecê-lo e para assentar as bases da estabilidade e de um ego forte. No curso do desenvolvimento, a relação com o seio materno torna-se a base para a dedicação a pessoas, valores e causas e, assim, é absorvida uma certa parte do amor que era inicialmente sentido pelo objeto originário.

Um dos principais derivados da capacidade de amar é o sentimento de gratidão. A gratidão é essencial à construção da relação com o objeto bom e é também o fundamento da apreciação do que há de bom nos outros e em si mesmo. A gratidão tem suas raízes nas emoções e atitudes que surgem no estágio mais inicial da infância, quando para o bebê a mãe é o único e exclusivo objeto. Referi-me a essa primeira ligação¹⁴ como a base para todas as relações subseqüentes com uma pessoa amada. Embora a relação de exclusividade com a mãe varie individualmente em duração e intensidade, acredito que, até certo ponto, ela exista na maioria das pessoas. Em que medida permanece livre de perturbações, depende parcialmente das circunstâncias externas. Mas os fatores internos que a fundamentam – acima de tudo a capacidade de amar – parecem ser inatos. Os impulsos destrutivos, especialmente uma forte inveja, podem num estágio inicial perturbar essa ligação especial com a mãe. Se a inveja do seio nutridor é forte, a gratificação plena sofre interferência porque, como já descrevi, é característico da inveja despojar o objeto daquilo que ele possui e estragá-lo.

O bebê só pode sentir satisfação completa se a capacidade de amar é suficientemente desenvolvida; e é a satisfação que forma a base da gratidão. Freud descreveu o êxtase do bebê na amamentação como o protótipo da gratificação sexual¹⁵. A meu ver, essas experiências constituem não apenas a base da gratificação sexual mas também de toda felicidade subseqüente, e tornam possível o sentimento de unidade com outra pessoa; tal unidade significa ser plenamente compreendido, o que é essencial para toda relação amorosa ou amizade felizes. Em condições as mais favoráveis, tal compreensão não necessita de palavras para expressá-la, o que demonstra sua derivação da intimidade mais inicial com a mãe, no estágio

¹⁴ "A Vida Emocional do Bebê" (1952).

¹⁵ *Three Essays on the Theory of Sexuality*.

pré-verbal. A capacidade de fruir plenamente a primeira relação com o seio forma a base para sentir prazer proveniente de diversas fontes.

Se há experiência freqüente de ser alimentado sem que a satisfação seja perturbada, a introjeção do seio bom se dá com relativa segurança. Uma gratificação plena ao seio significa que o bebê sente ter recebido do objeto amado uma dádiva especial que ele deseja guardar. Essa é a base da gratidão. A gratidão está intimamente ligada à confiança em figuras boas. Isso inclui, em primeiro lugar, a capacidade de aceitar e assimilar o objeto originário amado (não apenas como fonte de alimento) sem que a voracidade e a inveja interfiram demais, pois a internalização voraz perturba a relação com o objeto. O indivíduo sente estar controlando, exaurindo e, portanto, danificando o objeto, ao passo que, numa boa relação com o objeto interno e externo, predomina o desejo de preservá-lo e poupá-lo. Descrevi, em outro contexto¹⁶, o processo subjacente à crença no seio bom como sendo decorrente da capacidade do bebê em investir libidinalmente o primeiro objeto externo. Desse modo se estabelece um objeto bom¹⁷ que ama e protege o *self* e é amado e protegido pelo *self*. Essa é a base da confiança em sua própria "bondade".

Quanto mais freqüentemente é sentida e plenamente aceita a experiência de gratificação proporcionada pelo seio, mais freqüentemente são sentidas a satisfação e a gratidão e, por conseguinte, o desejo de retribuir o prazer. Essa experiência recorrente torna possível a gratidão a nível mais profundo e desempenha papel importante na capacidade de fazer reparação, e em todas as sublimações. Por meio dos processos de projeção e introjeção, e através da distribuição da riqueza interna e sua reintrojeção, há um enriquecimento e aprofundamento do ego. Desse modo, a posse de um objeto interno que ajuda é repetidamente restabelecida e a gratidão pode se manifestar plenamente.

A gratidão está intimamente ligada à generosidade. A riqueza interna deriva de ter o objeto bom sido assimilado de maneira tal que o indivíduo se torna capaz de compartilhar com outros os dons do objeto. Isso torna possível introjetar um mundo externo mais amistoso, a que se segue um sentimento de maior riqueza. Mesmo o fato de a generosidade ser freqüentemente pouco reconhecida não solapa necessariamente a capacidade de dar. Em contraste, nas pessoas em que esse sentimento de riqueza e força internas não se acha suficientemente estabelecido, acessos de generosidade são muitas vezes seguidos por uma necessidade exagerada de reconhecimento e gratidão e, conseqüentemente, por ansiedades persecutórias de haverem sido empobrecidas e roubadas.

¹⁶ "Sobre a Observação do Comportamento de Bebês" (1952).

¹⁷ Cf. também o conceito de "seio ilusório" de Donald Winnicott e sua concepção de que, no começo, os objetos são criados pelo *self* ("Psychoses and Child Care", 1953).

A inveja intensa do seio nutridor interfere na capacidade de satisfação completa e, assim, solapa o desenvolvimento da gratidão. Há razões psicológicas muito pertinentes para que a inveja figure entre os sete "pecados capitais". Diria mesmo que ela é inconscientemente sentida como o maior de todos os pecados, por estragar e danificar o objeto bom que é a fonte de vida. Essa concepção é consistente com a descrita por Chaucer em *The Parsons Tale**: "É certo que a inveja é o pior pecado que existe, porque todos os outros são pecados apenas contra uma só virtude, enquanto a inveja é contra toda a virtude e contra tudo que seja bom". O sentimento de haver danificado e destruído o objeto originário prejudica a confiança do indivíduo na sinceridade de suas relações subseqüentes e o faz duvidar de estar capacitado para o amor e para o que é bom.

Freqüentemente encontramos expressões de gratidão que se revelam movidas muito mais por sentimento de culpa do que pela capacidade de amar. Acho que é importante a distinção entre tais sentimentos de culpa e a gratidão em nível mais profundo. Isso não quer dizer que um certo elemento de culpa não entre nos mais genuínos sentimentos de gratidão.

Minhas observações mostraram-me que alterações significativas do caráter, as quais, a um exame mais atento, revelam-se como deterioração do caráter, têm muito mais probabilidade de acontecer em pessoas que não estabeleceram firmemente seu primeiro objeto e que não são capazes de manter gratidão para com ele. Quando a ansiedade persecutória aumenta nessas pessoas, por motivos internos ou externos, elas perdem completamente seu objeto originário bom ou, melhor dizendo, seus substitutos, sejam esses pessoas ou valores. Os processos subjacentes a essa mudança são um retorno regressivo a mecanismos arcaicos de cisão e à desintegração. Como isso é uma questão de grau, essa desintegração, embora em última análise afete intensamente o caráter, não leva necessariamente à doença manifesta. A ânsia por poder e prestígio, ou a necessidade de apaziguar perseguidores a qualquer custo, estão entre os aspectos de mudança de caráter que tenho em mente.

Observei em alguns casos que, quando surge inveja de uma pessoa, o sentimento de inveja é ativado em suas fontes mais arcaicas. O fato de serem esses sentimentos primários de natureza onipotente reflete-se no sentimento atual de inveja vivenciado em relação a uma figura substituta e, assim, contribui tanto para as emoções suscitadas pela inveja como para o desalento e a culpa. É provável que essa ativação da inveja mais arcaica por uma experiência atual seja comum a todas as pessoas, mas o grau e a intensidade dos sentimentos, bem como o sentimento de destruição oni-

* "O Conto do Pároco", um dos relatos de *The Canterbury Tales*, de Geoffrey Chaucer (1340-1400). (N. T.)

potente, variam para cada indivíduo. Esse fator pode revelar-se de grande importância na análise da inveja, pois somente se puder chegar às suas fontes mais profundas é que a análise tem probabilidade de se tornar plenamente operante.

Não há dúvida de que, em todas as pessoas, a frustração e as circunstâncias infelizes despertam certa inveja e ódio no decorrer da vida, mas a intensidade dessas emoções e a maneira pela qual o indivíduo as enfrenta variam consideravelmente. Essa é uma das muitas razões pelas quais a capacidade de fruição, ligada ao sentimento de gratidão pelo que foi recebido de bom, difere enormemente nas pessoas.

III

Para tornar mais claro meu argumento, é necessário fazer alguma referência às minhas concepções sobre o ego arcaico. Acredito que ele existe desde o início da vida pós-natal, embora sob forma rudimentar e com grande falta de coesão. Já no estágio mais inicial, ele desempenha uma série de funções importantes. Pode bem ser que esse ego arcaico se assemelhe à parte inconsciente do ego postulada por Freud. Embora não afirmasse que existe um ego desde o começo, ele atribua ao organismo uma função que, tal como a vejo, só pode ser desempenhada pelo ego. A ameaça de aniquilamento, pela pulsão de morte interna, é, em minha concepção — que neste ponto difere da de Freud¹⁸ —, a ansiedade primordial; e é o ego que, a serviço da pulsão de vida, e até possivelmente posto em funcionamento pela pulsão de vida, deflete em certa medida essa ameaça para fora. Essa defesa fundamental contra a pulsão de morte foi atribuída por Freud ao organismo, ao passo que eu considero esse processo como a atividade principal do ego.

Existem outras atividades primordiais do ego que, em minha concepção, derivam-se da necessidade imperiosa de lidar com a luta entre as pulsões de vida e de morte. Uma dessas funções é a integração gradual que advém da pulsão de vida e se expressa na capacidade de amar. A tendência oposta do ego, de cindir a si e a seus objetos, ocorre em parte devido à falta de coesão do ego quando do nascimento e, em parte, porque ela constitui uma defesa contra a ansiedade primordial, sendo assim um meio de preservar o ego. Tenho, por muitos anos, atribuído grande importância a um processo específico de cisão: a divisão do seio em um objeto bom e um objeto mau. Considerei isso como expressão do conflito inato entre o amor e o ódio e das ansiedades dele decorrentes. Contudo, coexistindo

¹⁸ Freud afirmou que "o inconsciente parece não conter nada que confira qualquer conteúdo ao conceito de aniquilamento da vida". *Inhibitions, Symptoms and Anxiety*, S.E. 20, 129.

com essa divisão, parece haver diversos processos de cisão, e foi somente nos últimos anos que alguns deles foram mais claramente entendidos. Por exemplo, verifiquei que concomitantemente à internalização voraz e devoradora do objeto — o seio em primeiro lugar —, o ego fragmenta, em graus diversos, a si e a seus objetos e, dessa maneira, consegue uma dispersão dos impulsos destrutivos e das ansiedades persecutórias internas. Esse processo, variando em intensidade e determinando a maior ou menor normalidade do indivíduo, é uma das defesas utilizadas durante a posição esquizo-paranóide, a qual acredito que se estenda normalmente pelos primeiros três ou quatro meses de vida¹⁹. Não estou sugerindo que, durante aquele período, o bebê não seja capaz de fruir plenamente suas mamadas, a relação com sua mãe e os freqüentes estados de conforto físico ou bem-estar. Mas, sempre que a ansiedade surge, ela é principalmente de natureza paranóide, e as defesas contra ela, assim como os mecanismos utilizados, são predominantemente esquizóides. O mesmo acontece, *mutatis mutandis*, na vida emocional do bebê durante o período caracterizado pela posição depressiva.

Retornando ao processo de cisão, que considero ser pré-condição para a relativa estabilidade do bebê pequeno: durante os primeiros meses ele mantém predominantemente o objeto bom separado do mau e, desse modo, fundamentalmente o preserva — o que também significa que a segurança do ego é aumentada. Ao mesmo tempo, essa divisão fundamental só é bem-sucedida se existir uma capacidade adequada de amar e um ego relativamente forte. Minha hipótese, portanto, é que a capacidade de amar promove tanto as tendências integradoras quanto o sucesso da cisão fundamental entre o objeto amado e o odiado. Isso soa paradoxal. Mas, como já disse, uma vez que a integração baseia-se em um objeto bom firmemente enraizado que forma o núcleo do ego, um certo montante de cisão é essencial para a integração, por preservar o objeto bom e, mais tarde, capacitar o ego a sintetizar os dois aspectos do objeto. A inveja excessiva, uma expressão dos impulsos destrutivos, interfere na cisão fundamental entre o seio bom e o seio mau, e a estruturação de um objeto bom não pode ser suficientemente conseguida. Dessa maneira, não fica assentada a base para uma personalidade adulta plenamente desenvolvida e integrada, pois a diferenciação ulterior entre bom e mau fica perturbada em vários sentidos. Na medida em que essa perturbação do desenvolvimento é devida à inveja excessiva, ela se origina da prevalência, em estágios mais iniciais, de mecanismos paranóides e esquizóides, os quais, segundo minhas hipóteses, formam a base da esquizofrenia.

¹⁹ Cf. meu trabalho "Notas sobre Alguns Mecanismos Esquizóides"; também Herbert Rosenfeld, "Analysis of a Schizophrenic State with Depersonalization" (1947).

Na investigação dos processos arcaicos de cisão, é essencial diferenciar entre um objeto bom e um objeto idealizado, embora essa distinção não possa ser nitidamente traçada. Uma cisão muito profunda entre os dois aspectos do objeto indica que não são o objeto bom e o objeto mau que estão sendo mantidos separados, mas sim um objeto idealizado e um objeto extremamente mau. Uma divisão tão profunda e nítida revela que os impulsos destrutivos, inveja e ansiedade persecutória são muito intensos e que a idealização serve principalmente como defesa contra essas emoções.

Se o objeto bom está profundamente enraizado, a cisão é fundamentalmente de natureza diferente e permite que processos muito importantes de integração do ego e síntese do objeto sejam operantes. Assim, uma mitigação do ódio pelo amor pode ocorrer em certa medida e a posição depressiva pode ser elaborada. Como resultado, a identificação com um objeto bom e total é ainda mais seguramente estabelecida; e isso também fortalece o ego e capacita-o a preservar sua identidade e também a sentir que possui uma "bondade" própria. O ego fica menos sujeito a identificar-se indiscriminadamente com uma variedade de objetos, processo característico de um ego fraco. Além disso, a identificação plena com um objeto bom é acompanhada de uma sensação de que o *self* possui "bondade" própria. Quando as coisas vão mal, a identificação projetiva excessiva, pela qual as partes excindidas do *self* são projetadas para dentro do objeto, leva a grande confusão entre o *self* e o objeto, o qual também passa a representar o *self*²⁰. Isso se acompanha de um enfraquecimento do ego e de uma grave perturbação das relações de objeto.

Os bebês cuja capacidade de amar é forte sentem menos necessidade de idealizar do que aqueles em quem os impulsos destrutivos e a ansiedade persecutória são predominantes. Idealização excessiva indica que a perseguição é a principal força propulsora. Como descobri há muitos anos em meu trabalho com crianças pequenas, a idealização é um corolário da ansiedade persecutória — uma defesa contra ela —, e o seio ideal é a contrapartida do seio devorador.

O objeto idealizado é muito menos integrado no ego que o objeto bom, pois se origina muito mais da ansiedade persecutória do que da capacidade de amar. Verifiquei também que a idealização deriva do sentimento inato de existir um seio extremamente bom, sentimento que leva ao anseio por um objeto bom e pela capacidade de amá-lo²¹. Isso parece ser

²⁰ Tratei da importância desse processo em trabalhos anteriores e desejo apenas salientar aqui que ele me parece ser um mecanismo fundamental na posição esquizo-paranóide.

²¹ Já me referi à necessidade inerente de idealizar a situação pré-natal. Outro terreno frequente para a idealização é a relação mãe-bebê. Aquelas pessoas que não foram capazes de vivenciar suficiente felicidade nessa relação são as que especialmente a idealizam retrospectivamente.

uma condição para a própria vida, ou seja, uma expressão da pulsão de vida. Como a necessidade de um objeto bom é universal, a distinção entre objeto idealizado e objeto bom não pode ser considerada como absoluta.

Algumas pessoas lidam com sua incapacidade (derivada de inveja excessiva) de possuir um objeto bom por meio da idealização. Essa primeira idealização é precária porque a inveja do objeto bom está fadada a estender-se a seu aspecto idealizado. O mesmo é verdade quanto às idealizações de objetos ulteriores e à identificação com eles, a qual é geralmente instável e indiscriminada. A voracidade é um fator importante nessas identificações indiscriminadas, pois a necessidade de obter o melhor do que quer que seja interfere na capacidade de seleção e discriminação. Essa incapacidade está também ligada à confusão entre o bom e o mau que surge na relação com o objeto originário.

Enquanto aquelas pessoas que puderam estabelecer com relativa segurança o objeto originário são capazes de conservar amor por ele apesar de imperfeições, outras têm como características a idealização de suas relações amorosas e amizades. Essa idealização tende a desmoronar, e, então, um objeto amado tem que ser constantemente trocado por outro, pois nenhum pode preencher integralmente as expectativas. A pessoa anteriormente idealizada é muitas vezes sentida como um perseguidor (o que revela a origem da idealização como contrapartida à perseguição) e dentro dela é projetada a atitude invejosa e crítica do sujeito. É de grande importância o fato de processos semelhantes operarem no mundo interno, o qual, desse modo, passa a conter objetos especialmente perigosos. Tudo isso leva à instabilidade nos relacionamentos. Esse é um outro aspecto da fraqueza do ego, à qual me referi anteriormente, em conexão com identificações indiscriminadas.

Dúvidas quanto ao objeto bom surgem facilmente mesmo numa firme relação criança-mãe; isso se deve não apenas ao fato de o bebê ser muito dependente da mãe, mas também à ansiedade recorrente de que sua voracidade e impulsos destrutivos venham a preponderar — ansiedade que é um importante fator nos estados depressivos. No entanto, em qualquer estágio da vida, sob pressão da ansiedade, a crença e a confiança em objetos bons podem ser abaladas. Mas são a *intensidade* e a *duração* de tais estados de dúvida, desalento e perseguição que determinam se o ego é capaz de reintegrar-se e de restabelecer com segurança seus objetos bons.²² A es-

²² A esse propósito, ver meu artigo "Mourning and its Relation to Manic-Depressive States", no qual defini a elaboração normal do luto como um processo durante o qual os objetos bons iniciais são restabelecidos. Sugeri que essa elaboração se efetua quando o bebê lida com sucesso com a posição depressiva.

perança e a confiança na existência da "bondade", como pode ser observado na vida cotidiana, auxiliam as pessoas em meio a grandes adversidades e contrabalançam eficazmente a perseguição.

IV

Parece que uma das conseqüências da inveja excessiva é um aparecimento prematuro da culpa. Se a culpa prematura for experimentada por um ego ainda não capaz de tolerá-la, ela é sentida como perseguição e o objeto que a desperta transforma-se num perseguidor. O bebê, então, não pode elaborar nem a ansiedade depressiva nem a persecutória, porque elas se confundem uma com a outra. Alguns meses mais tarde, quando surge a posição depressiva, o ego mais integrado e fortalecido tem maior capacidade de suportar a dor da culpa e de desenvolver defesas correspondentes, principalmente a tendência a fazer reparação.

O fato de que no estágio mais inicial (isto é, durante a posição esquizo-paranóide) a culpa prematura aumenta a perseguição e a desintegração tem como conseqüência também o fracasso da elaboração da posição depressiva²³.

Esse fracasso pode ser observado tanto em crianças como em adultos; logo que a culpa é sentida o analista torna-se persecutório e é acusado por diversas razões. Em tais casos, verificamos que quando eram bebês eles não puderam vivenciar a culpa sem que esta simultaneamente conduziu à ansiedade persecutória com suas defesas correspondentes. Essas defesas aparecem mais tarde como projeção sobre o analista e negação onipotente.

Minha hipótese é que uma das mais profundas fontes de culpa está sempre relacionada à inveja do seio nutridor e ao sentimento de haver estragado sua "bondade" por meio de ataques invejosos. Se o objeto origi-

²³ Embora não tenha alterado meus conceitos quanto ao estabelecimento da posição depressiva por volta do quarto ao sexto mês de vida e de o seu clímax ser atingido aproximadamente aos seis meses, verifiquei que alguns bebês parecem vivenciar culpa transitoriamente nos primeiros meses de vida (Cf. "Sobre a Teoria da Ansiedade e da Culpa"). Isso não implica que a posição depressiva já tenha surgido. Descrevi em outro lugar a variedade de processos e defesas que caracterizam a posição depressiva, tais como a relação com o objeto total, um reconhecimento maior da realidade interna e externa, defesas contra a depressão, especialmente a necessidade premente de reparação e a ampliação das relações objetivas que conduzem aos estágios iniciais do complexo de Édipo. Ao falar sobre a culpa transitoriamente vivenciada no primeiro estágio de vida, aproximei-me da concepção que sustentava à época em que escrevi *The Psycho-Analysis of Children*, onde descrevi a culpa e a perseguição vivenciadas por bebês ainda muito pequenos. Quando subseqüentemente defini a posição depressiva, separei mais claramente, e talvez esquematicamente demais, de um lado culpa, depressão e defesas correspondentes, e de outro, o estágio paranóide (que posteriormente chamei de posição esquizo-paranóide).

nário foi estabelecido com relativa firmeza na tenra infância, a culpa despertada por tais sentimentos pode ser suportada com mais sucesso porque a inveja é, então, mais transitória e menos passível de pôr em perigo a relação com o objeto bom.

A inveja excessiva interfere na gratificação oral adequada, agindo assim como estímulo à intensificação dos desejos e tendências genitais. Isso leva o bebê a voltar-se cedo demais para a gratificação genital, tendo como conseqüência que a relação oral torna-se genitalizada e as tendências genitais tornam-se demasiadamente coloridas por ressentimento e ansiedades orais. Tenho freqüentemente sustentado que as sensações e desejos genitais operam possivelmente a partir do nascimento; por exemplo, é bem conhecido que bebês do sexo masculino têm ereções desde muito cedo. Mas, ao falar que essas sensações surgem prematuramente, quero dizer que as tendências genitais interferem nas orais, num estágio em que os desejos orais são os predominantes²⁴. Aqui, novamente, temos que levar em conta os efeitos da confusão inicial, que se expressa pela não distinção entre os impulsos e fantasias orais, anais e genitais. Uma superposição entre essas várias fontes, tanto de libido como de agressividade, é normal. Porém quando a superposição equivale a uma incapacidade de vivenciar suficientemente a predominância de qualquer dessas tendências em seu estágio adequado de desenvolvimento, tanto a vida sexual subseqüente quanto as sublimações são, então, adversamente afetadas. A genitalidade baseada numa fuga da oralidade é insegura porque para ela são transportados os desapontamentos e as suspeitas ligadas à satisfação oral prejudicada. A interferência das tendências genitais na primazia oral solapa a gratificação na esfera genital, e muitas vezes é causa de masturbação obsessiva e de promiscuidade. Isso porque a ausência da satisfação básica introduz elementos compulsivos nos desejos genitais e, como já vi em alguns pacientes, pode assim resultar em que sensações sexuais entrem em todas as atividades, processos de pensamento e interesses. Em certos bebês, a fuga para a genitalidade é também uma defesa contra odiar e danificar o primeiro objeto, em relação ao qual operam sentimentos ambivalentes. Tenho verificado que o início prematuro da genitalidade pode estar ligado à ocorrência precoce da culpa, e é característico dos casos paranóides e esquizóides²⁵.

²⁴ Tenho razões para acreditar que essa genitalização prematura é característica freqüente nos indivíduos com fortes traços esquizofrênicos, e na esquizofrenia declarada. Cf. W. Bion em "Notes on the Theory of Schizophrenia" (1954) e "Differentiation of the Psychotic from the Non-Psychotic Personalities" (1958).

²⁵ Cf. "The Importance of Symbol Formation in the Development of the Ego" (1930) e "A Contribution to the Psychogenesis of Manic-Depressive States" (1935); também *The Psycho-Analysis of Children*.

Quando o bebê alcança a posição depressiva e torna-se mais capaz de enfrentar sua realidade psíquica, sente também que a "maldade" do objeto é devida em grande parte à sua própria agressividade e à projeção decorrente. Esse *insight*, como podemos ver na situação transferencial, dá origem a uma grande dor psíquica e culpa quando a posição depressiva está em seu ápice. Entretanto, o *insight* também acarreta sensações de alívio e esperança, as quais por sua vez tornam menos difícil reunir os dois aspectos do objeto e do *self* e elaborar a posição depressiva. Essa esperança baseia-se no crescente conhecimento inconsciente de que o objeto, interno e externo, não é tão mau quanto parecia ser em seus aspectos excindidos. Através da mitigação do ódio pelo amor, o objeto melhora na mente do bebê. Não é mais tão intensamente sentido como tendo sido destruído no passado, e diminui o perigo de que seja destruído no futuro; não havendo sido danificado, é também sentido como menos vulnerável no presente e no futuro. O objeto interno ganha uma função de comedimento e de autopreservação e o aumento de sua força é um aspecto importante de sua função de superego.

Ao descrever a superação da posição depressiva, ligada a maior confiança no objeto bom interno, não pretendo dar a impressão de que tais resultados não possam ser temporariamente desfeitos. Uma tensão, de natureza interna ou externa, é capaz de provocar depressão e desconfiança tanto do *self* como do objeto. Contudo, a capacidade de emergir de tais estados depressivos e reconquistar o sentimento de segurança interna é, em minha concepção, o critério para uma personalidade bem desenvolvida. Em contraste, a maneira freqüente de lidar com a depressão endurecendo os próprios sentimentos e negando a depressão é uma regressão às defesas maníacas utilizadas durante a posição depressiva infantil.

Há uma ligação direta entre a inveja vivenciada em relação ao seio da mãe e o desenvolvimento do ciúme. O ciúme se baseia em suspeita e rivalidade com o pai, que é acusado de ter levado embora o seio materno e a mãe. Essa rivalidade marca os estágios iniciais do complexo de Édipo direto e invertido, que normalmente surgem concomitantemente à posição depressiva, entre o quarto e o sexto mês de vida.²⁶

O desenvolvimento do complexo de Édipo é fortemente influenciado pelas vicissitudes da primeira e exclusiva relação com a mãe e, quando essa relação é perturbada cedo demais, a rivalidade com o pai aparece prematuramente. As fantasias do pênis dentro da mãe ou dentro de seu seio transformam o pai num intruso hostil. Essa fantasia é particularmente

²⁶ Assinalei em outro lugar (por exemplo em "A Vida Emocional do Bebê") a íntima conexão entre a fase em que a posição depressiva se desenvolve e os estágios iniciais do complexo de Édipo.

intensa quando o bebê não teve a satisfação plena e a felicidade que a relação inicial com a mãe pode proporcionar, e não internalizou o primeiro objeto bom com alguma segurança. Tal fracasso depende, em parte, da força da inveja.

Quando em trabalhos anteriores descrevi a posição depressiva, mostrei que nesse estágio o bebê progressivamente integra seus sentimentos de amor e ódio, sintetiza os aspectos bons e maus da mãe e passa por estados de luto ligados a sentimentos de culpa. Começa também a compreender melhor o mundo externo e entende que não pode manter a mãe para si, como posse exclusiva. A possibilidade de o bebê encontrar ou não ajuda para essa dor através de sua relação com o segundo objeto, o pai, ou outras pessoas de seu ambiente, depende muito das emoções que ele vivencia com o objeto único perdido. Se essa relação foi bem fundamentada, o medo de perder a mãe é menos intenso e a capacidade de compartilhá-la é maior. Pode então sentir também mais amor por seus rivais. Tudo isso pressupõe que ele foi capaz de elaborar satisfatoriamente a posição depressiva, o que, por sua vez, depende de a inveja do objeto originário não ter sido excessiva.

Como sabemos, o ciúme é inerente à situação edipiana e é acompanhado de ódio e desejos de morte. Normalmente, no entanto, a aquisição de novos objetos que podem ser amados — o pai e irmãos — e outras compensações que o ego em desenvolvimento tira do mundo externo mitigam, até certo ponto, o ciúme e o ressentimento. Se os mecanismos paranóides e esquizóides são fortes, o ciúme — e em última análise a inveja — permanece não mitigado. O desenvolvimento do complexo de Édipo é essencialmente influenciado por todos esses fatores.

As fantasias do seio da mãe e da mãe que contém o pênis do pai, ou do pai contendo a mãe, estão entre as características do estágio mais inicial do complexo de Édipo. Essa é a base da figura dos pais combinados, e a importância dessa fantasia foi desenvolvida em escritos anteriores²⁷. A influência da figura dos pais combinados na capacidade do bebê de diferenciar o pai da mãe, e de estabelecer relações boas com cada um deles, é afetada pela força de sua inveja e pela intensidade de seu ciúme edipiano. Isso porque a suspeita de que os pais estejam sempre obtendo gratificação sexual um do outro reforça a fantasia — derivada de várias fontes — de que eles estão sempre combinados. Se essas ansiedades vigoram de maneira intensa e, portanto, prolongam-se demasiadamente, pode haver, como conseqüência, uma perturbação duradoura na relação com ambos os pais. Em pessoas muito doentes, a incapacidade de desemaranhar a relação com

²⁷ *The Psycho-Analysis of Children* (particularmente cap. VIII) e "A Vida Emocional do Bebê". Assinalei aí que, normalmente, essas fantasias fazem parte dos estágios iniciais do complexo de Édipo, mas eu agora acrescentaria que todo o desenvolvimento do complexo de Édipo é fortemente influenciado pela intensidade da inveja, a qual determina a força da figura dos pais combinados.

o pai da relação com a mãe – por se acharem eles inextricavelmente interligados na mente do paciente – desempenha um papel importante nos estados graves de confusão.

Se a inveja não é excessiva, o ciúme na situação edipiana torna-se um meio de elaborá-la. Quando o ciúme é vivenciado, os sentimentos hostis são dirigidos não tanto contra o objeto originário mas principalmente contra os rivais – pai ou irmãos –, o que introduz um elemento de distribuição. Ao mesmo tempo, quando essas relações se desenvolvem, dão origem a sentimentos de amor e tornam-se uma nova fonte de gratificação. Além disso, a mudança de desejos orais para desejos genitais reduz a importância da mãe como provedora de satisfação oral. (Como sabemos, o objeto da inveja é em grande parte oral.) No menino, uma boa parte do ódio é defletida para o pai que é invejado por ter a mãe; esse é o ciúme edipiano típico. Na menina, os desejos genitais pelo pai capacitam-na a encontrar um outro objeto de amor. Assim, em certa medida, o ciúme suplanta a inveja; a mãe se torna a principal rival. A menina deseja tomar o lugar de sua mãe e possuir e cuidar dos bebês que o pai amado dá à mãe. A identificação com a mãe nesse papel torna possível uma escolha mais ampla de sublimações. É essencial também levar em conta que a elaboração da inveja por meio do ciúme é, ao mesmo tempo, uma defesa importante contra a inveja. O ciúme é sentido como muito mais aceitável e origina menos culpa do que a inveja primária que destrói o primeiro objeto bom.

Na análise, nós podemos freqüentemente ver a conexão íntima entre ciúme e inveja. Por exemplo, um paciente sentiu muito ciúme de um homem com o qual pensava que eu mantivesse um contato pessoal íntimo. O passo seguinte foi um sentimento de que, de qualquer modo, eu era provavelmente desinteressante e tediosa na vida particular e, subitamente, toda a análise pareceu-lhe maçante. A interpretação – neste caso dada pelo próprio paciente – de ser isso uma defesa levou ao reconhecimento de uma desvalorização da analista como resultado de uma erupção de inveja.

A ambição é um outro fator altamente instrumental na estimulação da inveja. Está muitas vezes relacionada, em primeiro lugar, à rivalidade e competição na situação edipiana; mas, se excessiva, mostra claramente suas raízes na inveja do objeto originário. O fracasso em satisfazer a própria ambição é freqüentemente resultado do conflito entre a necessidade premente de reparar o objeto danificado pela inveja destrutiva e um renovado reaparecimento da inveja.

A descoberta por Freud da inveja do pênis nas mulheres, e da ligação dessa inveja com os impulsos agressivos, foi uma contribuição fundamental para a compreensão da inveja. Quando a inveja do pênis e os desejos de castrar são fortes, o objeto invejado, o pênis, deve ser destruído e ser dele privado o homem que o possui. Em sua "Analysis Terminable

and Interminable", Freud (1937) enfatizou a dificuldade que surge na análise de pacientes do sexo feminino pelo próprio fato de elas nunca poderem adquirir o pênis que desejam. Ele afirmou que a paciente do sexo feminino sente "uma convicção interna de que a análise não servirá para coisa alguma e que nada pode ser feito para ajudá-la. E nós não podemos deixar de concordar com ela, quando descobrimos que seu motivo mais forte para vir ao tratamento foi a esperança de que, afinal de contas, ela ainda poderia obter um órgão masculino, cuja falta lhe era tão dolorosa".

Já examinei, em relação a outros assuntos²⁸, vários fatores que contribuem para a inveja do pênis. Neste contexto, desejo considerar a inveja do pênis na mulher principalmente na medida em que é de origem oral. Como sabemos, sob o predomínio dos desejos orais, o pênis é equacionado com o seio (Abraham) e, em minha experiência, a inveja do pênis na mulher pode ser remontada à inveja do seio da mãe. Verifiquei que, se a inveja do pênis nas mulheres é analisada desse ângulo, podemos ver que sua raiz está na relação mais arcaica com a mãe, na inveja fundamental do seio materno e nos sentimentos destrutivos a ela associados.

Freud mostrou o quanto a atitude da menina para com a mãe é vitalmente importante para suas relações subseqüentes com os homens. Quando a inveja do seio materno foi intensamente transferida para o pênis do pai, o resultado pode ser um reforço de sua atitude homossexual. Outro resultado pode ser um afastamento súbito e abrupto do seio em direção ao pênis, devido às ansiedades excessivas e aos conflitos despertados pela relação oral. Esse é essencialmente um mecanismo de fuga e, portanto, não conduz a relações estáveis com o segundo objeto. Se o motivo principal para essa fuga é inveja e ódio vivenciados em relação à mãe, essas emoções são logo transferidas para o pai e, por conseguinte, não pode ser estabelecida com ele uma atitude amorosa e duradoura. Ao mesmo tempo, a relação invejosa com a mãe expressa-se através de uma rivalidade edípica excessiva. Essa rivalidade é devida muito menos ao amor pelo pai do que à inveja da mãe que possui o pai e seu pênis. A inveja vivenciada em relação ao seio é então plenamente transportada para a situação edipiana. O pai (ou seu pênis) torna-se um apêndice da mãe e é nesses termos que a

²⁸ "The Oedipus Complex in the Light of Early Anxieties" (1945), *Obras Completas*, I, pág. 418. "A inveja do pênis e o complexo de castração desempenham um papel essencial no desenvolvimento da menina. Mas eles são muito reforçados pela frustração de seus desejos edípicos positivos. Embora a menina, em determinado estágio, presume que sua mãe possui um pênis como atributo masculino, esse conceito não desempenha um papel tão importante em seu desenvolvimento como Freud sugere. A teoria inconsciente de que sua mãe contém o admirado e desejado pênis do pai constitui, em minha experiência, a base de muitos dos fenômenos que Freud descreveu como a relação da menina com a mãe fálica. Os desejos orais da menina pelo pênis do seu pai mesclam-se a seus primeiros desejos genitais de receber aquele pênis. Esses desejos genitais pressupõem o desejo de receber filhos de seu pai, o que é também corroborado pela equação "pênis = filho". O desejo feminino de internalizar o pênis e receber um filho de seu pai precede invariavelmente o desejo de possuir um pênis próprio."

menina quer despojá-la dele. Mais tarde na vida, cada sucesso em sua relação com os homens torna-se, por conseguinte, uma vitória sobre uma outra mulher. Isso é pertinente mesmo quando não há uma rival óbvia, pois a rivalidade é então dirigida contra a mãe do homem, como pode ser visto nas freqüentes perturbações da relação entre nora e sogra. Se o homem é principalmente valorizado porque conquistá-lo é um triunfo sobre outra mulher, o interesse por ele pode ser perdido assim que o sucesso tenha sido alcançado. Na atitude em relação à mulher rival está então subentendido: "Você (representando a mãe) tinha aquele seio maravilhoso que eu não pude obter quando você o recusou a mim e do qual ainda a quero despojar; portanto, eu tiro de você aquele pênis que lhe é tão caro". A necessidade de repetir esse triunfo sobre uma rival detestada contribui freqüentemente, e de maneira considerável, para a busca de um homem depois do outro.

Mesmo quando o ódio e a inveja da mãe não são tão fortes, o desapontamento e o ressentimento podem, ainda assim, levar a um afastamento dela; porém uma idealização do segundo objeto, o pênis do pai e o pai, pode então ser mais bem-sucedida. Essa idealização deriva principalmente da busca por um objeto bom, uma busca que já não teve sucesso e, portanto, pode falhar novamente, mas que não precisa falhar se o amor pelo pai predomina na situação de ciúme; pois então a mulher pode combinar um certo ódio contra a mãe com amor pelo pai e, mais tarde, por outros homens. Nesse caso, é possível haver sentimentos amistosos em relação a mulheres, contanto que elas não representem demasiadamente um substituto materno. Amizade com mulheres e homossexualidade podem então estar baseadas na necessidade de encontrar um objeto bom em lugar do objeto originário evitado. O fato de que tais pessoas — e isso se aplica tanto a homens quanto a mulheres — possam ter boas relações de objeto é, portanto, muitas vezes enganoso. A inveja subjacente em relação ao objeto originário está excindida mas permanece operante e é passível de perturbar quaisquer relações.

Em vários casos, verifiquei que a frigidez, em graus diferentes, era o resultado de atitudes instáveis em relação ao pênis, baseadas principalmente em uma fuga do objeto originário. A capacidade de obter gratificação oral plena, que está enraizada numa relação satisfatória com a mãe, é a base para sentir orgasmo genital pleno (Freud).

No homem, a inveja do seio da mãe é também um fator muito importante. Se é intensa e, desse modo, a gratificação oral está prejudicada, o ódio e as ansiedades são transferidos para a vagina. Embora normalmente o desenvolvimento genital possibilite ao menino manter sua mãe como um objeto de amor, uma perturbação profunda na relação oral abre caminho para dificuldades graves na atitude genital em relação às mulheres. As conseqüências de uma relação perturbada, primeiro com o seio e

depois com a vagina, são múltiplas, tais como prejuízo da potência genital, necessidade compulsiva de gratificação genital, promiscuidade e homossexualismo.

Uma fonte de culpa quanto à homossexualidade parece ser o sentimento de ter-se afastado da mãe cheio de ódio e de tê-la traído fazendo uma aliança com o pênis do pai e com o pai. Tanto durante o estágio edípico como mais tarde na vida, esse elemento de traição de uma mulher amada pode ter repercussões como, por exemplo, perturbações na amizade com homens, mesmo que não sejam de natureza manifestamente homossexual. Por outro lado, observei que a culpa em relação a uma mulher amada e a ansiedade implícita naquela atitude reforçam freqüentemente a fuga para longe da mulher e aumentam as tendências homossexuais.

É provável que a inveja excessiva do seio se estenda a todos os atributos femininos, particularmente à capacidade da mulher de ter filhos. Se o desenvolvimento é bem-sucedido, a compensação do homem para esses desejos femininos não realizados pode ser auferida através de uma relação boa com sua mulher ou amante e através de tornar-se pai dos filhos que ela concebe dele. Essa relação propicia outras experiências, como a identificação com o filho, compensando assim, de muitas maneiras, a inveja e as frustrações arcaicas; também o sentimento de ter criado o filho contrabalança a inveja arcaica que o homem tem da feminilidade da mãe.

Tanto em homens como em mulheres, a inveja desempenha um papel no desejo de tirar os atributos do sexo oposto, bem como de possuir ou estragar aqueles do genitor do mesmo sexo. Por conseguinte, em ambos os sexos, não importa quão divergentes seus desenvolvimentos, o ciúme paranoide e a rivalidade na situação edípica direta e invertida são baseados na inveja excessiva em relação ao objeto originário, a mãe, ou melhor, seu seio.

O seio "bom" que nutre e inicia a relação de amor com a mãe é o representante da pulsão de vida²⁹ e é também sentido como a primeira manifestação da criatividade. Nessa relação fundamental, o bebê não apenas recebe a gratificação desejada, mas também sente que está sendo mantido vivo. Pois a fome, que suscita o medo de morrer de inanição, e possivelmente suscita até mesmo toda dor psíquica e física, é sentida como ameaça de morte. Se a identificação com um objeto internalizado bom e propiciador de vida puder ser mantida, ela se torna uma força propulsora para a criatividade. Embora superficialmente isso possa manifestar-se como cobiça por prestígio, riqueza e poder que outros tenham alcançado³⁰, seu objetivo real é a criatividade. A capacidade de dar e preservar vida é sentida como o dom máximo e, portanto, a criatividade torna-se a causa mais

²⁹ Ver "A Vida Emocional do Bebê" e "O Comportamento de Bebês".

³⁰ "Sobre a Identificação" (1955).

profunda de inveja. O estragar a criatividade, próprio da inveja, é ilustrado no *Parafso Perdido*³¹ de Milton, onde Satã, invejoso de Deus, decide tornar-se o usurpador do Céu. Ele faz guerra a Deus na tentativa de estragar a vida celestial, e cai do Céu. Caído, ele e seus outros anjos caídos constroem o Inferno como rival do Céu e tornam-se a força destrutiva que tenta destruir o que Deus cria³². Essa idéia teológica parece provir de Santo Agostinho, que descreve a Vida como uma força criativa, em oposição à Inveja, uma força destrutiva. Nesse sentido, a Primeira Carta aos Coríntios diz: "O Amor não inveja".

Minha experiência psicanalítica tem me mostrado que a inveja da criatividade é um elemento fundamental na perturbação do processo criativo. O estragar e destruir a fonte inicial do "bom" logo conduz à destruição e ataque aos bebês que a mãe contém, e tem como resultado a modificação do objeto bom, que passa a ser hostil, crítico e invejoso. A figura superegógica na qual muita inveja tenha sido projetada torna-se particularmente persecutória e interfere nos processos de pensamento e em toda atividade produtiva, em última instância na criatividade.

A atitude invejosa e destrutiva para com o seio está na base da crítica destrutiva, a qual é freqüentemente descrita como "mordaz" e "perniciosa". É especialmente a criatividade que se torna objeto de tais ataques. Assim, Spenser, em "The Faerie Queene", descreve a inveja como um lobo rapace:

"He hated all good workes and vertuous deeds

And eke the verse of famous Poets witt

*He does backebite, and spightfull poison spues*³³

*From leprous mouth on all that ever writt.**

A crítica construtiva tem fontes diferentes; visa ajudar a outra pessoa e aprimorar seu trabalho. Algumas vezes ela provém de uma forte identi-

³¹ Livros I e II.

³² "Mas é pela inveja do Diabo que a morte faz sua entrada no mundo, e aqueles que pertencem ao Diabo prová-la-ão" (Sabedoria de Salomão, cap. 2, v. 24).

³³ Também em Chaucer nós encontramos extensas referências a essa maledicência e crítica destrutiva que caracterizam a pessoa invejosa. Ele descreve o pecado de maledicência como tendo origem em uma mistura da infelicidade do invejoso, diante das qualidades boas e prosperidade de outros homens, com sua satisfação no prejuízo destes. O comportamento pecaminoso é caracterizado pelo "homem que louva seu vizinho, porém com intuito maldoso, pois ele sempre apõe um 'mas' no final e a fala elogiosa é seguida por outra de uma reprovação maior do que a pessoa merece. Ou, se um homem é bom e faz ou diz coisas com boa intenção, o maledicente reverterá toda essa bondade a serviço de seus próprios intentos astuciosos. Ou, se outros homens falam bem de um homem, o maledicente então dirá que o homem é muito bom, mas mencionará alguém que é melhor e assim desmerecerá aquele que os outros homens louvam".

* "Ele odiava todas as boas práticas e ações virtuosas. . . E também os versos inspirados de famosos Poetas. Ele calunias e verte de boca leprosa veneno maligno sobre tudo quanto já foi escrito". (N. T.)

ficação com a pessoa cujo trabalho está em discussão. Atitudes maternas ou paternas também podem estar presentes e, freqüentemente, uma confiança na própria criatividade contrabalança a inveja.

Uma causa especial de inveja é sua relativa ausência em outras pessoas. A pessoa invejada é sentida como possuidora daquilo que, no fundo, é o mais prezado e desejado - um objeto bom, que também implica bom caráter e sanidade. Além disso, a pessoa que pode, sem rancor e mesquinhhez, regozijar-se com o trabalho criativo e com a felicidade dos outros é poupada dos tormentos da inveja, do ressentimento e da perseguição. A inveja é uma fonte de grande infelicidade, e estar relativamente livre dela é sentido como um estado de espírito de contentamento e de paz - em última análise, sanidade. Essa é também, de fato, a base dos recursos internos e da capacidade de recuperação que podem ser observados em pessoas que recobram sua paz de espírito mesmo depois de grande adversidade e dor psíquica. Tal atitude, que inclui gratidão por prazeres do passado e satisfação com o que o presente pode oferecer, expressa-se em serenidade. Nas pessoas idosas, torna possível a adaptação ao conhecimento de que a juventude não pode ser recuperada e possibilita-as a terem prazer e interesse na vida dos jovens.

O fato, bem conhecido, de que os pais revivem suas próprias vidas nas de seus filhos e netos, quando não é expressão de excessiva possessividade e de ambição defletida, ilustra o que estou querendo transmitir. Aqueles que sentem que tiveram sua parcela da experiência e dos prazeres da vida são muito mais capazes de acreditar na continuidade da vida³⁴. Tal capacidade de resignação, sem amargura excessiva e ainda mantendo viva a capacidade de fruição, tem suas raízes na infância e depende do quanto o bebê foi capaz de desfrutar o seio sem invejar excessivamente a mãe pelo fato de ela possuir o seio. Eu sugiro que a felicidade experimentada na infância e o amor pelo objeto bom que enriquecem a personalidade estão na base da capacidade de fruição e de sublimação, e ainda se fazem sentir na velhice. Quando Goethe disse "O mais feliz dos homens é aquele que pode harmonizar o fim e o começo de sua vida", eu interpretaria "o começo" como a relação inicial feliz com a mãe, que ao longo da vida mitiga o ódio e a ansiedade, e ainda dá apoio e contentamento à pessoa idosa. Um bebê que tenha estabelecido com segurança o objeto bom pode igualmente encontrar compensação para perdas e privações na vida adulta. Tudo isso é sentido pela pessoa invejosa como algo que ela nunca pode alcançar, porque nunca pode ficar satisfeita, e, portanto, sua inveja é reforçada.

³⁴ A crença na continuidade da vida foi expressa de maneira significativa no comentário de um menino de cinco anos cuja mãe estava grávida. Ele manifestou a esperança de que o bebê esperado fosse uma menina, e acrescentou: "E então ela terá bebês, e seus bebês terão bebês, e assim por diante para sempre".

Em seguida, ilustrarei com material clínico algumas de minhas conclusões³⁵. Meu primeiro exemplo é tirado da análise de uma mulher. Ela tinha sido amamentada ao seio, mas outras circunstâncias não foram favoráveis e ela estava convencida de que sua tenra infância e sua amamentação haviam sido totalmente insatisfatórias. Seu ressentimento do passado ligava-se à desesperança quanto ao presente e ao futuro. A inveja do seio nutridor e as conseqüentes dificuldades nas relações de objeto já haviam sido extensivamente analisadas antes do material ao qual vou me referir.

A paciente telefonou e disse que não poderia vir à sessão por causa de uma dor no ombro. No dia seguinte telefonou para dizer que ainda não estava bem mas que esperava ver-me no dia seguinte. Quando, no terceiro dia, ela realmente veio, estava cheia de queixas. Sua empregada cuidara dela, mas ninguém mais havia se interessado por ela. Descreveu-me como num dado momento sua dor havia aumentado subitamente, acompanhada de uma sensação de frio intenso. Ela havia sentido uma necessidade imperiosa de que alguém viesse imediatamente e cobrisse seu ombro, de maneira que ele ficasse quentinho, e fosse embora de novo assim que fizesse isso. Naquele instante lhe ocorreu que devia ter sido assim que ela sentira quando bebê, ao querer ser cuidada e ninguém vir atendê-la.

Era característico da atitude dessa paciente para com as pessoas, e esclarecia sua relação mais arcaica com o seio, desejar ser cuidada e, ao mesmo tempo, repelir o próprio objeto que a gratificaria. A suspeita da dádiva recebida, junto com sua necessidade imperiosa de ser cuidada, o que em última instância significava um desejo de ser amamentada, expressava sua atitude ambivalente para com o seio. Tenho me referido a bebês cuja resposta à frustração é fazer insuficiente uso da gratificação que a amamentação, mesmo se retardada, poderia lhes dar. Eu presumiria que, apesar de não desistirem de seu desejo por um seio gratificador, eles não podem desfrutá-lo e, por conseguinte, o repelem. O caso em discussão ilustra algumas das razões para tal atitude: suspeita da dádiva que ela desejava receber, pois o objeto já estava estragado por inveja e ódio, e ao mesmo tempo ressentimento profundo face a qualquer frustração. Temos também que nos lembrar – e isto se aplica a outros adultos nos quais a inveja é acentuada – de que muitas experiências desapontadoras, certamente devidas em parte à sua própria atitude, haviam contribuído para seu sentimento de que os cuidados desejados não seriam satisfatórios.

Durante essa sessão a paciente relatou um sonho: ela estava num res-

³⁵ Estou ciente de que, no material clínico que se segue, seriam valiosos os pormenores importantes da história da paciente, de sua personalidade, idade, e circunstâncias externas. Razões de discrição tornam impossível entrar em tais pormenores e posso apenas tentar ilustrar meus temas principais através de trechos de material clínico.

taurante, sentada à mesa; entretanto ninguém veio servi-la. Decidiu entrar numa fila e pegar, ela mesma, alguma coisa para comer. Na sua frente havia uma mulher que pegou dois ou três bolinhos e foi embora com eles. A paciente também pegou dois ou três bolinhos. Dentre suas associações, estou selecionando as seguintes: a mulher parecia muito decidida, e sua silhueta lembrava-lhe a minha. Havia uma dúvida repentina quanto ao nome dos bolinhos (na realidade *petits fours*), que a princípio ela pensou que eram "petit fru", que lhe lembrava "petit frau" e daí "Frau Klein". O cerne da minha interpretação foi que seu ressentimento quanto às sessões analíticas perdidas relacionava-se com as mamadas insatisfatórias e com a infelicidade na tenra infância. Os dois bolinhos dentre "dois ou três" representavam o seio do qual ela sentia ter sido privada duas vezes ao faltar às sessões analíticas. Havia "dois ou três" porque ela não sabia bem se poderia vir no terceiro dia. O fato de a mulher ser "decidida", e de a paciente ter seguido seu exemplo ao pegar os bolinhos, indica tanto sua identificação com a analista quanto a projeção de sua própria voracidade nela. No presente contexto, um aspecto do sonho é da maior relevância. A analista que foi embora com dois ou três *petits fours* representava não apenas o seio que era retirado, mas também o seio que ia *alimentar a si próprio*. (Tomada em conjunto com outro material, a analista "decidida" representava não apenas um seio mas também uma pessoa com cujas qualidades, boas e más, a paciente se identificava.)

À frustração tinha sido assim acrescentada a inveja do seio. Essa inveja tinha dado origem a um ressentimento amargo, pois a mãe havia sido sentida como egoísta e mesquinha, alimentando e amando a si própria em vez de a seu bebê. Na situação analítica eu era suspeita de ter-me divertido durante o tempo em que ela estivera ausente, ou de ter dado o tempo a outros pacientes preferidos por mim. A fila em que a paciente decidira entrar referia-se a outros rivais mais favorecidos.

A resposta à análise do sonho foi uma marcante mudança na situação emocional. A paciente vivenciava agora um sentimento de felicidade e gratidão, muito mais vividamente do que em sessões analíticas anteriores. Ela ficou com lágrimas nos olhos, o que não era comum, e disse que se sentia como se agora tivesse tido uma alimentação inteiramente satisfatória³⁶. Também lhe ocorreu que sua amamentação e sua infância possivelmente haviam sido mais felizes do que presumira. Sentiu-se também mais

³⁶ Não é unicamente em crianças, mas também em adultos, que as emoções sentidas durante as primeiras experiências de amamentação podem ser plenamente revividas na situação transferenceal. Por exemplo, uma sensação de fome ou de sede surge intensamente durante a sessão e desaparece depois da interpretação que foi sentida como a tendo satisfeito. Um de meus pacientes, tomado por tais sentimentos, levantou-se do divã e pôs seus braços em volta de uma parte do arco que separava uma parte de meu consultório da outra. Tenho constantemente ouvido no fim de tais sessões a expressão "Fui bem alimentado". O objeto bom, em sua forma primitiva mais arcaica como a mãe que cuida e alimenta o bebê, foi recuperado.

esperançosa quanto ao futuro e quanto ao resultado de sua análise. A paciente havia se dado inteiramente conta de uma parte de si mesma que não era de modo algum desconhecida para ela em outras circunstâncias. Ela estava ciente de que era ciumenta e invejosa de várias pessoas, porém não tinha sido capaz de reconhecê-lo suficientemente na relação com a analista, porque era demasiado doloroso sentir que ela estava invejando e esmagando a analista e também o sucesso da análise. Nessa sessão, depois das interpretações mencionadas, sua inveja havia diminuído; a capacidade de fruir e a gratidão haviam passado para primeiro plano, e ela foi capaz de vivenciar a sessão analítica como uma alimentação feliz. Essa situação emocional teve que ser elaborada repetidamente, tanto na transferência positiva quanto na negativa, até ser alcançado um resultado mais estável.

Foi por torná-la gradualmente capacitada a reunir as partes excindidas do seu *self* em relação à analista, e a reconhecer o quanto me invejava e, portanto, suspeitava de mim, e em primeiro lugar de sua mãe, que se deu a experiência daquela mamada feliz. Essa experiência estava ligada a sentimentos de gratidão. No decurso da análise, a inveja diminuiu e sentimentos de gratidão tornaram-se mais freqüentes e duradouros.

Meu segundo exemplo é tirado da análise de uma paciente com fortes traços depressivos e esquizóides. Por muito tempo, ela esteve sujeita a estados depressivos. A análise prosseguia e fazia algum progresso, embora a paciente repetidamente expressasse suas dúvidas quanto ao trabalho. Eu havia interpretado os impulsos destrutivos contra a analista, os pais, os irmãos, e a análise havia conseguido fazer com que ela reconhecesse fantasias específicas de ataques destrutivos ao corpo da mãe. Tal *insight* era geralmente seguido por depressão, porém de natureza controlável.

Chama a atenção que a profundidade e a gravidade das dificuldades da paciente não puderam ser notadas durante o período inicial de seu tratamento. Socialmente, ela dava a impressão de ser uma pessoa agradável, embora propensa a ficar deprimida. Suas tendências reparatórias e sua atitude prestativa para com os amigos eram bastante genuínas. Contudo, a gravidade de sua doença tornou-se aparente num dado momento, devido parcialmente ao trabalho analítico prévio e parcialmente a algumas experiências externas. Ocorreram vários desapontamentos, mas foi um sucesso inesperado em sua carreira profissional que trouxe mais para primeiro plano aquilo que eu vinha analisando por alguns anos, isto é, a intensa rivalidade comigo e o sentimento de que em seu próprio campo ela poderia tornar-se igual ou mesmo superior a mim. Tanto ela como eu viamos a reconhecer a importância de sua inveja destrutiva dirigida contra mim; e, como sempre acontece quando atingimos esses extratos profundos, parecia que quaisquer impulsos destrutivos existentes eram sentidos como sendo onipotentes e portanto irrevogáveis e irremediáveis. Eu tinha até então

analisado extensamente seus desejos sádico-orais, e foi assim também que chegamos a uma tomada de consciência parcial de seus impulsos destrutivos dirigidos a sua mãe e a mim. A análise havia também lidado com desejos sádico-uretrais e sádico-anais, porém, a esse respeito, senti que eu não havia feito muito progresso e que sua compreensão desses impulsos e fantasias era mais de natureza intelectual. Durante o período específico que eu quero discutir agora, material de natureza uretral apareceu com maior intensidade.

Um sentimento de grande euforia em relação a seu sucesso logo se desenvolveu e foi introduzido por um sonho que mostrava o triunfo sobre mim e, subjacentemente, a inveja destrutiva de mim, representando sua mãe. No sonho, ela estava lá no ar, sobre um tapete mágico que a sustinha e estava acima do topo de uma árvore. Ela estava num plano suficientemente alto para olhar, através de uma janela, para dentro de um quarto onde uma vaca estava mastigando algo que parecia ser uma infundável tira de cobertor. Na mesma noite, ela também teve um pedaço de sonho no qual suas calcinhas estavam molhadas.

As associações a esse sonho tornaram claro que estar por cima do topo da árvore significava ter-me sobrepujado, pois a vaca representava a mim, a quem ela olhava com desprezo. Logo no início de sua análise ela tinha tido um sonho no qual eu era representada por uma mulher apática tipo vaca, enquanto ela era uma menininha que fazia um discurso brilhante e bem-sucedido. Minhas interpretações, naquela época, de que ela havia transformado a analista numa pessoa desprezível, enquanto ela mostrava um desempenho tão bom apesar de ser tão mais jovem, foram só parcialmente aceitas, apesar de ela perceber plenamente que a menininha era ela e a mulher-vaca a analista. Esse sonho levou-a gradualmente a se dar conta, de maneira mais firme, de seus ataques destrutivos e invejosos a mim e a sua mãe. Desde então a mulher-vaca, representando a mim, ficou sendo um elemento bem estabelecido no material e, por conseguinte, era bastante claro que no novo sonho a vaca no quarto para dentro do qual ela estava olhando era a analista. Ela associou que a infundável tira de cobertor representava um infundável fluxo de palavras, e ocorreu-lhe que eram todas as palavras que eu dissera na análise, as quais, agora, eu deveria engolir. A tira de cobertor era uma alusão sarcástica à falta de clareza* e de valor das minhas interpretações. Aqui vemos a total desvalorização do objeto originário, significativamente representado pela vaca, bem como o ressentimento contra a mãe que não a amamentara satisfatoriamente. O meu castigo, ter que comer todas as minhas palavras, mostra a desconfiança profunda e as dúvidas que repetidamente a assaltavam no

* Em inglês, *wooliness*: falta de clareza, confusão, pensamento enrolado, representado no sonho pela alusão a *wool*: lã do cobertor. (N. T.)

curso da análise. Tornou-se bem claro depois das minhas interpretações que a analista maltratada não era confiável, e que ela também não podia confiar na análise desvalorizada. A paciente ficou surpresa e chocada com sua atitude em relação a mim, a qual, antes do sonho, ela havia por longo tempo se recusado a reconhecer em todo o seu impacto.

No sonho, as calcinhas molhadas e as associações a elas expressavam (entre outros significados) venenosos ataques uretrais à analista, os quais deveriam destruir suas capacidades mentais e transformá-la na mulher-vaca. Logo depois, ela teve outro sonho ilustrando esse ponto específico. Ela estava em pé, na base de uma escada, olhando para cima, onde havia um jovem casal com o qual havia algo de errado. Atirou uma bola de lã para eles, o que descreveu como "mágica boa". Suas associações mostraram que a mágica má e mais especialmente o veneno devem ter dado origem à necessidade de usar boa mágica depois. As associações com o casal permitiram-me interpretar uma situação atual de ciúmes que era fortemente negada, e levou-nos do presente a experiências mais antigas e, naturalmente e em última instância, aos pais. Os sentimentos destrutivos e invejosos dirigidos à analista, e no passado dirigidos à sua mãe, apareceram como subjacentes aos ciúmes e à inveja dirigidos ao casal no sonho. O fato de que essa leve bola não alcançara o casal indicava que sua reparação não havia sido bem-sucedida, e a ansiedade quanto a esse fracasso era um importante elemento em sua depressão.

Isso é apenas um extrato do material que demonstrou convincentemente à paciente a sua venenosa inveja da analista e do seu objeto originário. Ela sucumbiu a uma depressão tão profunda como jamais tivera. A causa principal dessa depressão, que se seguiu a seu estado de euforia, foi que ela havia sido levada a tomar consciência de uma parte completamente excindida dela mesma, a qual até então não fora capaz de reconhecer. Como eu disse anteriormente, era muito difícil ajudá-la a se dar conta de seu ódio e agressividade. Porém, quando nós chegamos a essa particular fonte de destrutividade, isto é, à sua inveja como força propulsora levando-a a danificar e humilhar a analista (a qual era altamente valorizada em outra parte de sua mente), ela não pôde suportar ver-se sob essa luz. Não aparentava ser particularmente jactanciosa ou presunçosa, porém tinha se agarrado a um retrato idealizado de si própria, usando uma variedade de processos de excisão e defesas maníacas. Como consequência de tomar consciência de que se sentia má e desprezível, o que nesse estágio da análise já não podia mais negar, a idealização caiu por terra e veio à tona desconfiança de si mesma, bem como culpa pelo irrevogável dano feito no passado e no presente. Sua culpa e depressão focalizavam-se em seu sentimento de ingratidão em relação à analista, que, ela o sabia, a havia ajudado e a estava ajudando, e em relação a quem ela sentia desprezo e ódio; em última análise, focalizavam-se na ingratidão em relação à

mãe, a quem ela inconscientemente via como estragada e danificada por sua inveja e impulsos destrutivos.

A análise de sua depressão levou a uma melhora que, após alguns meses, foi seguida novamente por uma depressão profunda. Isso foi causado por ter a paciente reconhecido mais amplamente seus virulentos ataques sádico-anais à analista e, no passado, à sua família, o que confirmava seus sentimentos tanto de maldade quanto de doença. Foi a primeira vez que ela foi capaz de ver quão fortemente os traços sádico-orais e sádico-uretrais tinham sido excindidos. Cada um desses traços envolvia partes importantes da personalidade e interesses da paciente. Os passos em direção à integração, que tiveram lugar após a análise da depressão, implicavam a recuperação dessas partes perdidas, e a necessidade de encará-las era a causa da sua depressão.

O próximo exemplo é o de uma paciente que eu descreveria como praticamente normal. Com o correr do tempo ela tinha se tornado gradativamente mais ciente da inveja que sentia tanto em relação a uma irmã mais velha quanto em relação à sua mãe. A inveja da irmã havia sido contrabalançada por um sentimento de grande superioridade intelectual, que tinha base real, e por um sentimento inconsciente de que a irmã era extremamente neurótica. A inveja da mãe foi contrabalançada por sentimentos muito fortes de amor e apreciação por suas qualidades boas.

A paciente relatou um sonho no qual estava em um vagão de trem, sozinha com uma mulher, da qual ela podia ver apenas as costas e que estava inclinando-se em direção à porta do compartimento do trem, com grande perigo de cair para fora. A paciente segurou-a firmemente, agarrando-a pelo cinto com uma mão; com a outra mão ela escreveu um aviso que dizia que um médico estava ocupado com um paciente neste compartimento e não deveria ser perturbado, e pendurou esse aviso na janela.

Seleciono as seguintes associações ao sonho: a paciente tinha um sentimento muito vivo de que a figura que ela agarrava firmemente era parte dela mesma, e uma parte louca. No sonho ela tinha a convicção de que não deveria deixá-la cair para fora através da porta, e sim mantê-la no vagão e lidar com ela. A análise do sonho revelou que o compartimento do trem representava ela mesma. As associações com o cabelo, que era visto apenas por trás, eram com sua irmã mais velha. Outras associações levaram ao reconhecimento de rivalidade e inveja em relação à irmã, e reportavam-se ao tempo em que a paciente era ainda uma criança, enquanto sua irmã já estava sendo cortejada. Ela então falou de um vestido que sua mãe usava, o qual a paciente, quando criança, tinha admirado e cobiçado. Esse vestido mostrava claramente a forma dos seios, e, embora isso não fosse inteiramente novo, tornou-se mais evidente do que antes que aquilo

que a paciente originariamente invejara e estragara, em sua fantasia, era o seio da mãe.

Esse reconhecimento fez surgir maiores sentimentos de culpa, tanto em relação à irmã como à mãe, e levou a uma nova revisão de suas mais antigas relações. Ela chegou a uma compreensão muito mais solidária com as deficiências dessa irmã e sentiu que não a havia amado suficientemente. Também descobriu que, em sua tenra infância, havia amado a irmã mais do que até então se lembrara.

Eu interpretei que a paciente sentia que ela tinha que manter sob seu controle uma parte louca e excindida dela mesma, o que também estava ligado à internalização da irmã neurótica. A paciente, que tinha razões para considerar-se razoavelmente normal, teve um sentimento de grande surpresa e choque depois da interpretação do sonho. Esse caso ilustra a conclusão, que está se tornando cada vez mais familiar, de que mesmo em pessoas normais existe um resíduo de sentimentos e mecanismos paranóides e esquizóides, geralmente excindidos de outras partes do *self*.³⁷

O sentimento da paciente, de que ela tinha que manter um firme controle sobre aquela figura, indicava que ela deveria também ter ajudado mais sua irmã, impedindo-a, por assim dizer, de cair; e esse sentimento era agora revivenciado em relação à irmã como um objeto internalizado. A revisão de suas relações mais antigas estava ligada a mudanças nos sentimentos para com seus objetos originários introjetados. O fato de que sua irmã também representava sua parte louca mostrou-se como sendo parcialmente uma projeção de seus próprios sentimentos esquizóides e paranóides na irmã. Foi com essa tomada de consciência que diminuiu a cisão em seu ego.

Quero agora referir-me a um paciente do sexo masculino e relatar um sonho que teve um papel importante em fazê-lo reconhecer não apenas impulsos destrutivos para com sua mãe e para com a analista, mas também a inveja como um fator bem específico em sua relação com elas. Até aquele momento, e com fortes sentimentos de culpa, ele já havia reconhecido em alguma medida seus impulsos destrutivos, mas ainda não se havia dado conta de sentimentos invejosos e hostis dirigidos contra a criatividade da analista e contra a de sua mãe no passado. Ele estava ciente, contudo, de que sentia inveja de outras pessoas e que, juntamente com uma boa relação com seu pai, ele tinha também sentimentos de rivalidade e ciúme. O seguinte sonho trouxe um *insight* muito mais forte quanto à sua inveja da analista e iluminou seus desejos arcaicos de possuir todos os atributos femininos de sua mãe.

³⁷ *The Interpretation of Dreams* de Freud mostra claramente que alguns desses resíduos de loucura encontram expressão em sonhos, e que estes são, portanto, uma salvaguarda muito valiosa da sanidade.

No sonho, o paciente havia estado pescando; ele se perguntava se deveria matar o peixe que apanhara a fim de comê-lo, mas decidiu pô-lo numa cesta e deixá-lo morrer. O cesto no qual estava carregando o peixe era do tipo usado pelas mulheres para levar roupa para a lavanderia. O peixe transformou-se repentinamente num lindo bebê e havia algo verde que tinha que ver com a roupa do bebê. Então ele notou – e naquele momento ficou muito preocupado – que os intestinos do bebê estavam saindo, pois o bebê havia sido ferido pelo anzol que havia engolido em seu estado de peixe. A associação com o verde foi com a capa dos livros da série “International Psycho-Analytical Library”, e o paciente comentou que o peixe na cesta representava um de meus livros que ele havia obviamente roubado. Outras associações mostraram, entretanto, que o peixe era não apenas meu trabalho e meu bebê mas que também representava a mim. O fato de eu ter engolido o anzol, que significava ter engolido a isca, expressava seu sentimento de que eu havia formado uma opinião melhor a seu respeito do que ele merecia e que não havia reconhecido que havia também partes muito destrutivas de seu *self* agindo contra mim. Embora o paciente ainda não pudesse reconhecer plenamente que o modo como ele tratava o peixe, o bebê e a mim significava destruir-me e a meu trabalho por inveja, ele inconscientemente se dava conta disso. Eu também interpretei que a cesta de lavanderia expressava, neste caso, seu desejo de ser uma mulher, de ter bebês e de privar sua mãe deles. O efeito desse passo em direção à integração foi um forte ataque de depressão por ter que encarar os componentes agressivos de sua personalidade. Embora isso tivesse sido antevisto na parte inicial de sua análise, ele agora o vivenciava como um choque e como horror a si mesmo.

Na noite seguinte o paciente sonhou com um lúcio, com o qual associou baleias e tubarões; porém, no sonho, ele não sentia que o lúcio fosse um ser perigoso. Ele era um peixe velho e parecia cansado e muito gasto. Sobre o lúcio estava uma rêmora*, e o paciente imediatamente mencionou que a rêmora não suga o lúcio ou a baleia, mas adere por sucção à superfície deles, e assim fica protegido de ataques de outros peixes. O paciente reconheceu que essa explicação era uma defesa contra seu sentimento de ser a rêmora e de eu ser o velho e desgastado lúcio, tendo eu ficado nesse estado por ter sido tão maltratada no sonho da noite anterior e por ele sentir que havia me sugado até me exaurir. Isso tinha me tornado um objeto não só danificado, mas também perigoso. Em outras palavras, ansiedade persecutória e ansiedade depressiva tinham passado a primeiro plano; o lúcio, associado às baleias e tubarões, mostrava os aspectos persecutórios, enquanto sua aparência velha e gasta expressava o sentimento de

* Em inglês, *suckerfish*: tipo de peixe que adere, por sucção, a outros peixes maiores. *Suck* quer dizer também sugar, chupar. (N. T.)

culpa do paciente pelo mal que ele achava que vinha me fazendo e continuava a fazer.

A forte depressão que sucedeu a esse *insight* durou várias semanas, mais ou menos sem interrupção, mas não interferiu no trabalho do paciente e em sua vida familiar. Ele descreveu essa depressão como diferente e mais profunda que qualquer outra que até então experimentara. A necessidade premente de reparação, que se exprimiu através de trabalho físico e mental, foi aumentada pela depressão e abriu caminho para sua superação. O resultado dessa fase na análise foi muito evidente. Mesmo após a depressão ter-se dissipado, depois de ter sido elaborada, o paciente ficou convencido de que nunca mais iria se ver do modo como se via antes, embora isso não implicasse mais um sentimento de desalento mas sim um maior conhecimento de si mesmo e também uma maior tolerância para com as outras pessoas. A análise conseguira um passo importante na integração, ligado ao fato de ter o paciente se tornado capaz de encarar sua realidade psíquica. No decurso de sua análise, entretanto, havia ocasiões em que essa atitude não podia ser mantida. Como em todos os casos, isso quer dizer que a elaboração foi um processo gradual.

Embora sua observação e seu julgamento sobre as pessoas tivessem sido até então razoavelmente normais, houve uma melhora indiscutível como resultado dessa etapa de seu tratamento. Uma outra conseqüência foi que lembranças da infância e de sua atitude em relação aos irmãos emergiram com maior força e reconduziram-no à relação arcaica com a mãe. Durante o estado de depressão a que me referi, ele havia perdido em grande parte, como ele mesmo reconheceu, o prazer e o interesse na análise; mas recuperou-os totalmente quando a depressão se dissipou. Trouxe então um sonho que ele próprio viu como depreciando ligeiramente a analista, mas que na análise revelou-se como expressando uma intensa desvalorização. No sonho ele tinha que lidar com um menino delinqüente, mas não estava satisfeito com a maneira pela qual havia manejado a situação. O pai do menino sugeriu levar o paciente de carro à sua destinação. O paciente notou que estava sendo levado cada vez para mais longe de onde queria ir. Depois de algum tempo, ele agradeceu ao pai e saiu do carro; mas não estava perdido, pois manteve, como de costume, um sentido geral de direção. De passagem, olhou para um edifício bastante fora do comum que, pensou, parecia interessante e adequado para uma exposição mas que não seria agradável como moradia. Suas associações ao edifício ligavam-se a certo aspecto de minha aparência. Ele então falou que o edifício tinha duas alas e lembrou-se da expressão "pôr alguém sob as asas"*.

* Em inglês, *wings*: asas e alas. (N. T.)

interessado, representava a si mesmo, e a continuação do sonho mostrava por que ele era delinqüente: com o pai, representando o analista, levando-o cada vez para mais longe de sua destinação, exprimia dúvidas que parcialmente usava a fim de me desvalorizar; ele questionava se eu o estaria levando na direção certa, se seria necessário ir tão fundo, e se eu o estaria prejudicando. A referência a manter seu senso de direção e não se sentir perdido implicava o contrário das acusações contra o pai do menino (a analista): ele sabia que a análise era muito valiosa para ele e que era sua inveja de mim que aumentava suas dúvidas.

Também compreendeu que o edifício interessante, no qual não gostaria de viver, representava a analista. Por outro lado, sentia que eu, ao analisá-lo, o tinha tomado sob minhas asas e o estava protegendo de seus conflitos e ansiedades. As dúvidas e acusações contra mim, no sonho, eram usadas como desvalorização e relacionavam-se não apenas com a inveja, mas também com seu desânimo face à inveja e com seus sentimentos de culpa por sua ingratidão.

Houve uma outra interpretação desse sonho, a qual foi também confirmada por outras subseqüentes, e que foi baseada no fato de que, na situação analítica, eu representava freqüentemente o pai, rapidamente passando a representar a mãe, e às vezes representava ambos simultaneamente. Essa interpretação foi que a acusação contra o pai, por tê-lo levado na direção contrária, estava ligada a sua antiga atração homossexual pelo pai. Durante a análise, comprovou-se que essa atração estava ligada a intensos sentimentos de culpa, pois foi-me possível mostrar ao paciente que a inveja e o ódio de sua mãe e do seio desta, fortemente excindidos, tinham contribuído para ele se voltar para o pai, e que seus desejos homossexuais eram sentidos como sendo uma aliança hostil contra a mãe. A acusação de que o pai o levava na direção contrária estava ligada com o sentimento geral, que freqüentemente encontramos nos pacientes, de que ele tinha sido seduzido para o homossexualismo. Aqui nós temos a projeção dos próprios desejos do indivíduo no progenitor.

A análise de seu sentimento de culpa teve vários efeitos; ele sentiu um amor mais profundo por seus pais; também se deu conta - e estes dois fatos estão intimamente ligados - de que tinha havido um elemento compulsivo em sua necessidade de fazer reparação. Uma identificação exagerada com o objeto danificado em fantasia - originalmente a mãe - tinha prejudicado sua capacidade de fruir plenamente, e portanto, em certa medida, empobrecera sua vida. Tornou-se claro que mesmo em sua relação mais inicial com sua mãe, embora não houvesse nenhuma razão para duvidarmos de que ele tivesse sido feliz na amamentação, ele não tinha sido capaz de desfrutá-la completamente, por causa de seu medo de exaurir ou lesar o seio. Por outro lado, a interferência em sua fruição deu ensejo a ressentimento e aumentou seus sentimentos de perseguição. Esse é um

exemplo do processo, que eu descrevi num capítulo anterior, pelo qual nos estágios mais iniciais de desenvolvimento, a culpa – em particular a culpa quanto à inveja destrutiva da mãe e da analista – é passível de transformar-se em perseguição. Suas capacidades de fruição e de gratidão em um nível profundo aumentaram através da análise da inveja primária e da correspondente diminuição das ansiedades depressiva e persecutória.

Mencionarei agora o caso de um outro paciente, no qual uma tendência à depressão era também acompanhada de uma necessidade compulsiva de reparação; sua ambição, rivalidade e inveja, que coexistiam com vários outros traços de bom caráter, tinham sido gradualmente analisadas. Não obstante, só depois de alguns anos³⁸ foi que o paciente vivenciou plenamente, por estarem muito excindidos, a inveja do seio e de sua criatividade e o desejo de estragá-lo. No início de sua análise, teve um sonho que descreveu como “ridículo”: ele estava fumando seu cachimbo, que estava cheio de artigos meus que haviam sido arrancados de um de meus livros. Inicialmente expressou grande surpresa com relação a isso, porque “não se fumam artigos impressos”. Interpretei que isso era apenas uma característica menor do sonho; o principal significado era que ele tinha rasgado meu trabalho e o estava destruindo. Eu também mostrei que a destruição de meus artigos era de natureza sádico-anal, implícita no fumá-los. Ele havia negado esses ataques agressivos – pois, associada à força de seus processos de cisão, tinha uma grande capacidade de negação. Outro aspecto desse sonho foi que emergiram sentimentos persecutórios em relação à análise. Ele havia se ressentido de interpretações anteriores e as havia sentido como algo que tinha que “pôr no seu cachimbo e fumar”. A análise de seu sonho ajudou o paciente a reconhecer seus impulsos destrutivos contra a analista, e também que esses tinham sido estimulados por uma situação de ciúmes que havia surgido no dia anterior, situação que girava em torno do sentimento de que uma outra pessoa era mais valorizada por mim do que ele. Mas o *insight* obtido não levou a uma compreensão de sua inveja da analista, embora isso tivesse sido interpretado para ele. Não tenho dúvida, contudo, de que isso tenha facilitado o aparecimento de material em que impulsos destrutivos e inveja tornaram-se gradativamente mais claros.

Em um estágio ulterior de sua análise, um clímax foi alcançado quando todos esses sentimentos em relação à analista calaram fundo no pa-

³⁸ A experiência mostrou-me que, quando o analista fica plenamente convencido da importância de um novo aspecto da vida emocional, ele se torna capaz de interpretá-lo mais cedo na análise. Dando-lhe assim suficiente ênfase, sempre que o material o permita, ele pode propiciar que o paciente se conscientize de tais processos muito mais cedo e, assim, a eficiência da análise pode ser aumentada.

ciente, com plena força. O paciente relatou um sonho que uma vez mais ele descreveu como “ridículo”: estava se movimentando com grande velocidade, como se estivesse num automóvel. Estava de pé num dispositivo semicircular feito ou de arame ou de uma “coisa atômica”. Como ele disse, “isso me mantinha em movimento”.* Subitamente, notou que a coisa sobre a qual ele estava de pé estava caindo aos pedaços, e ficou muito aflito. Associou o objeto semicircular ao seio e à ereção do pênis, ficando subentendida sua potência. Nesse sonho entrava seu sentimento de culpa por não estar fazendo bom uso de sua análise e por seus impulsos destrutivos para comigo. Em sua depressão, sentiu que eu não podia ser preservada; e havia muitos elos com ansiedades semelhantes, em parte até conscientes, de que ele não tinha sido capaz de proteger sua mãe quando seu pai estava longe, durante a guerra e subsequentemente. Seu sentimento de culpa em relação à sua mãe e a mim já havia sido, a essa altura, extensamente analisado. Recentemente, porém, ele viera a sentir mais especificamente que era a sua inveja que me destruíra. Seus sentimentos de culpa e infelicidade eram ainda maiores porque, em uma parte de sua mente, ele era grato à analista. A frase “isso me mantinha em movimento” sugeria como a análise era essencial para ele, e que ela era uma pré-condição para sua potência em seu sentido mais amplo, ou seja, para o sucesso de todas as suas aspirações.

A tomada de consciência de sua inveja e ódio de mim veio-lhe como um choque e foi seguida por forte depressão e um sentimento de desvalia. Acredito que essa espécie de choque, que já relatei em vários casos, é resultado de um passo importante na restauração da cisão entre partes do *self*, assim, uma etapa de progresso na integração do ego.

Uma conscientização ainda mais plena de sua ambição e inveja se deu numa sessão subsequente ao segundo sonho. Ele falou do conhecimento que tinha de suas limitações e, como ele disse, não esperava que viesse a cobrir de glória a si mesmo e à sua profissão. Nesse momento, e ainda sob a influência do sonho, entendeu que esse modo de expressar-se mostrava a força de sua ambição e sua comparação invejosa comigo. Depois de um sentimento inicial de surpresa, esse relacionamento veio com plena convicção.

VI

Tenho freqüentemente descrito minha abordagem da ansiedade como um ponto focal de minha técnica. Contudo, desde o início, as ansiedades

* Em inglês *this kept me going* é uma expressão mais coloquial e mais precisa, sem correspondente em português. Tende mais para um sentido de algo que sustentava o paciente, lhe dava força. (N. T.)

não podem ser enfrentadas sem as defesas contra elas. Como assinala num capítulo anterior, a primeira e principal função do ego é lidar com a ansiedade. Penso mesmo ser provável que a ansiedade primordial, engendrada pela ameaça interna da pulsão de morte, possa ser a explicação de ser o ego posto em atividade a partir do nascimento. O ego está constantemente protegendo-se da dor e da tensão que a ansiedade faz surgir e, portanto, faz uso de defesas desde o início da vida pós-natal. Mantenho há anos a concepção de que a maior ou menor capacidade de tolerar a ansiedade é um fator constitucional que influencia fortemente o desenvolvimento de defesas. Se sua capacidade de agüentar a ansiedade é inadequada, o ego pode voltar regressivamente a usar defesas mais primitivas ou mesmo ser levado ao uso excessivo de defesas próprias a seu estágio. Como resultado, a ansiedade persecutória e os métodos de lidar com ela podem ser tão fortes que, subsequentemente, a elaboração da posição depressiva seja prejudicada. Em alguns casos, particularmente do tipo psicótico, somos confrontados desde o início com defesas de natureza tão manifestamente impenetráveis que, por algum tempo, pode parecer impossível analisá-las.

Enumerarei agora algumas das defesas contra a inveja, que tenho encontrado no decorrer de meu trabalho. Algumas das defesas mais primitivas, já muitas vezes descritas, tais como a onipotência, a negação e a cisão, são reforçadas pela inveja. Em um capítulo anterior, sugeri que a *idealização* serve não apenas como uma defesa contra a perseguição mas também contra inveja. Nos bebês, se a cisão normal entre o objeto bom e o mau não for inicialmente bem-sucedida, esse fracasso, ligado à inveja excessiva, resulta freqüentemente em cisão entre um objeto originário onipotentemente idealizado e um objeto originário muito mau. A excessiva exaltação do objeto e de seus dons é uma tentativa de diminuir a inveja. Contudo, se a inveja é muito forte, é provável que, mais cedo ou mais tarde, ela se volte contra o objeto originário idealizado e contra outras pessoas que venham a representá-lo ao longo do desenvolvimento.

Como foi sugerido anteriormente, quando a cisão normal fundamental entre o amor e o ódio, e entre o objeto bom e o mau, não é bem-sucedida, pode surgir *confusão* entre o bom e o mau objetos³⁹. Acredito ser essa a base de toda confusão — quer em estados confusionais graves, quer em formas mais brandas tais como a indecisão —, a saber, uma dificuldade de chegar a conclusões e uma perturbação na capacidade de pensar claramente. Porém a confusão é também usada defensivamente: isso pode ser visto em todos os níveis de desenvolvimento. Tanto a perseguição quanto a culpa por estragar e atacar por inveja o objeto primário são, até certo

ponto, contrabalançadas pelo uso da confusão sobre se um substituto da figura original é bom ou mau. A luta contra a inveja assume um outro caráter quando, junto com a posição depressiva, estabelecem-se fortes sentimentos de culpa. Mesmo em pessoas nas quais a inveja não é excessiva, a preocupação pelo objeto, a identificação com ele e o temor por sua perda e pelo dano causado à sua criatividade são fatores importantes na dificuldade em elaborar a posição depressiva.

O fugir da mãe para outras pessoas admiradas e idealizadas a fim de evitar sentimentos hostis para com aquele mais importante objeto invejado (e portanto odiado), o seio, torna-se um meio de preservar o seio, o que significa também preservar a mãe⁴⁰. Tenho constantemente assinalado que é da maior importância o modo como é feita a passagem do primeiro objeto para o segundo (o pai). Se a inveja e o ódio são predominantes, essas emoções são transferidas, em certo grau, para o pai ou para os irmãos, e mais tarde para outras pessoas, e daí por diante o mecanismo de fuga fracassa.

Em conexão com o repúdio ao objeto originário, há uma dispersão do sentimento para com ele, a qual pode levar à promiscuidade num estágio ulterior do desenvolvimento. A ampliação das relações de objetos na infância é um processo normal. Na medida em que o relacionamento com novos objetos substitui, em parte, o amor pela mãe, e não é predominantemente uma fuga do ódio por ela, os novos objetos podem ajudar e ser uma compensação para o inevitável sentimento de perda do objeto primeiro e singular — uma perda que surge com a posição depressiva. O amor e a gratidão são, então, em graus variáveis, preservados nas novas relações, embora essas emoções fiquem, em alguma medida, distanciadas dos sentimentos para com a mãe. Contudo, se a dispersão de emoções é usada predominantemente como uma defesa contra a inveja e o ódio, tais defesas não constituem uma base para relações de objeto estáveis, porque são influenciadas pela persistente hostilidade para com o primeiro objeto.

Muitas vezes, a defesa contra a inveja toma a forma de *desvalorização do objeto*. Eu tenho sugerido que o estragar e o desvalorizar são inerentes à inveja. O objeto que foi desvalorizado não precisa mais ser invejado. Isso logo se estende ao objeto idealizado, que é desvalorizado e, desse modo, não mais idealizado. O quão rapidamente essa idealização desmorona vai depender da força da inveja. Mas em todos os níveis de desenvolvimento recorre-se à desvalorização e à ingratidão como defesas contra a inveja e, em algumas pessoas, elas permanecem como características de suas relações de objeto. Tenho me referido a pacientes que, na situação transferencial, depois de terem sido inegavelmente ajudados por

³⁹ Cf. Rosenfeld, "Notes on the Psychopathology of Confusional States in Chronic Schizophrenias" (1950).

⁴⁰ Cf. "A Vida Emocional do Bebê".

uma interpretação, criticam-na até que nada de bom sobre dela no final. Para dar um exemplo: um paciente, que durante um sessão analítica havia chegado a uma solução satisfatória de um problema externo, começou a sessão seguinte dizendo que estava muito aborrecido comigo: no dia anterior, eu havia despertado nele uma grande ansiedade ao fazê-lo encarar esse problema específico. Viu-se também que ele se sentia acusado e desvalorizado por mim porque, até que o problema tivesse sido analisado, a solução não havia ocorrido a ele. Foi somente depois de reconsiderar a questão que ele reconheceu que a análise havia, na verdade, sido útil.

Uma defesa própria a tipos mais depressivos é a *desvalorização do self*. Algumas pessoas podem ser incapazes de desenvolver seus dons e de usá-los com sucesso. Em outros casos essa atitude surge apenas em certas ocasiões, sempre que haja perigo de rivalidade com uma figura importante. Desvalorizando seus próprios dons, elas tanto negam a inveja como punem-se por ela. Contudo, pode ser visto em análise que a desvalorização do *self* incita novamente a inveja do analista, que é sentido como superior, particularmente porque o paciente desvalorizou-se intensamente. Privar a si mesmo de sucesso tem, é claro, muitos determinantes, e isso se aplica a todas as atitudes a que estou me referindo⁴¹. Mas uma das razões mais profundas que encontrei para essa defesa foi a culpa e a infelicidade por não ter sido capaz de preservar o objeto bom devido à inveja. As pessoas que estabeleceram seu objeto bom de modo um tanto precário sofrem pela ansiedade de que ele venha a ser estragado e perdido devido a sentimentos invejosos e competitivos e, assim, têm que evitar sucesso e competição.

Uma outra defesa contra a inveja está intimamente associada à voracidade. Ao *internalizar o seio tão vorazmente* que na mente do bebê o seio se torna inteiramente posse sua e por ele controlado, o bebê sente que tudo de bom que ele atribui ao seio será dele próprio. Isso é usado para contrabalançar a inveja. É a própria voracidade com que essa internalização é efetuada que contém o germe do fracasso. Como eu disse antes, um objeto bom que é bem estabelecido, e por conseguinte assimilado, não apenas ama o sujeito como é amado por ele. Acredito que isso seja característico da relação com um objeto bom, mas não se aplica, ou somente num grau mínimo, a um objeto idealizado. Devido à possessividade poderosa e violenta, o objeto bom é sentido como transformando-se num perseguidor destruído, e as consequências da inveja não são suficientemente impedidas. Em contraste, quando se tem tolerância em relação a uma pessoa amada, essa tolerância é também projetada em outros, que, assim, tornam-se figuras amistosas.

⁴¹ Cf. Freud, "Some Character-Types Met with in Psycho-Analytic Work" (1915).

Um método frequente de defesa é *suscitar inveja nos outros*, através dos próprios sucessos, posses e boa sorte, revertendo desse modo a situação em que a inveja é sentida. A ineficiência desse método deriva da ansiedade persecutória a que dá origem. As pessoas invejosas e em particular o objeto interno invejoso são sentidos como os piores perseguidores. Uma outra razão pela qual essa defesa é precária provém, em última instância, da posição depressiva. O desejo de tornar invejosas outras pessoas, particularmente as pessoas amadas, e de triunfar sobre elas desperta culpa e medo de danificá-las. A ansiedade suscitada prejudica a fruição das próprias posses e mais uma vez aumenta a inveja.

Há uma outra defesa, não rara, o *abaixamento de sentimentos de amor e a correspondente intensificação do ódio*, porque isso é menos doloroso do que suportar a culpa que surge da combinação de amor, ódio e inveja. Isso pode não se expressar como ódio mas tomar a forma de indiferença. Uma defesa afim é a de retirar-se do contato com as pessoas. A necessidade de independência que, como sabemos, é um fenômeno normal do desenvolvimento, pode ser reforçada a fim de evitar gratidão ou culpa pela ingratidão e inveja. Na análise, verificamos que, inconscientemente, essa independência é, de fato, bastante espúria: o indivíduo permanece dependente de seu objeto interno.

Herbert Rosenfeld⁴² descreveu um método específico de lidar com a situação, no qual partes excindidas da personalidade se juntam, inclusive as partes mais invejosas e destrutivas, e ocorrem passos em direção à integração. Ele mostrou que o *acting out* é usado a fim de evitar que a cisão se desfça; a meu ver o *acting out*, na medida em que é usado para evitar a integração, torna-se uma defesa contra as ansiedades despertadas pela aceitação da parte invejosa do *self*.

Não descrevi de modo algum todas as defesas contra a inveja, pois sua variedade é infinita. Elas estão intimamente associadas às defesas contra os impulsos destrutivos e as ansiedades persecutória e depressiva. Seu êxito depende de muitos fatores externos e internos. Como foi mencionado, quando a inveja é forte, e por conseguinte provável seu reaparecimento em todas as relações de objeto, as defesas contra ela parecem ser precárias; as defesas contra os impulsos destrutivos não dominados pela inveja parecem ser muito mais eficazes, embora possam implicar inibições e limitações da personalidade.

Quando predominam traços esquizóides e paranóides, as defesas contra a inveja não podem ser bem-sucedidas, pois os ataques ao sujeito levam a um sentimento aumentado de perseguição, com o qual ele só pode lidar por meio de ataques renovados, ou seja, reforçando os impulsos

⁴² "An Investigation of the Need of Neurotic and Psychotic Patients to Act out during Analysis" (1955).

destrutivos. Desse modo é estabelecido um círculo vicioso que prejudica a capacidade de contrabalançar a inveja. Isso se refere particularmente a casos de esquizofrênicos e explica, até certo ponto, as dificuldades que se interpõem à sua cura⁴³.

O resultado é mais favorável quando existe, em certa medida, uma relação com um objeto bom, pois isso também significa que a posição depressiva foi parcialmente elaborada. A experiência de depressão e culpa implica o desejo de poupar o objeto amado e de restringir a inveja.

As defesas que enumerei, e muitas outras, fazem parte da reação terapêutica negativa porque são um obstáculo poderoso à capacidade de internalizar o que o analista tem a dar. Referi-me anteriormente a algumas das formas que toma a inveja ao analista. Quando o paciente é capaz de experimentar gratidão – e isso significa que em tais momentos ele está menos invejoso – ele está numa posição muito melhor para se beneficiar com a análise e para consolidar os ganhos já adquiridos. Em outras palavras, quanto mais os traços depressivos predominarem sobre os traços esquizóides e paranóides, melhores são as perspectivas de cura.

A ânsia por fazer reparação e a necessidade de ajudar o objeto invejado são também meios muito importantes de contrabalançar a inveja. Em última instância, isso pressupõe contrabalançar os impulsos destrutivos pela mobilização de sentimentos de amor.

Tendo me referido várias vezes à confusão, pode ser útil resumir alguns dos mais importantes estados de confusão tal como normalmente surgem em diferentes estágios de desenvolvimento e em várias conexões. Tenho freqüentemente assinalado⁴⁴ que, desde o início da vida pós-natal, desejos libidinais e agressivos, de natureza anal, uretral (e mesmo genital), estão em atividade – embora sob o domínio da oralidade –, e que dentro de poucos meses a relação com objetos parciais vem a ser concomitante à relação com pessoas totais.

Já examinei aqueles fatores – principalmente fortes traços esquizo-paranóides e inveja excessiva – que desde o início obscurecem a distinção entre o seio bom e o seio mau, e prejudicam a cisão bem-sucedida; nessas condições, a confusão no bebê é reforçada. Acredito ser essencial reportar, na análise, todos os estados de confusão em nossos pacientes, mesmo os mais graves em esquizofrênicos, a essa inabilidade inicial em distinguir entre o bom e o mau objeto originário, apesar de precisarmos considerar

⁴³ Alguns de meus colegas que analisam casos de esquizofrenia disseram-me que a ênfase que eles estão agora dando à inveja como um fator destrutivo e que causa estragos mostra-se como de grande importância tanto na compreensão como no tratamento desses pacientes.

⁴⁴ Cf. *The Psycho-Analysis of Children*, capítulo VIII.

também o uso defensivo da confusão contra a inveja e contra os impulsos destrutivos.

Enumeremos algumas das conseqüências dessa dificuldade inicial: o aparecimento prematuro de culpa, a incapacidade do bebê de vivenciar separadamente a culpa e a perseguição, e o resultante aumento da ansiedade persecutória, já foram mencionados acima; também chamei atenção para a importância da confusão entre os pais, resultante da intensificação, pela inveja, da figura dos pais combinados. Relacionei o aparecimento prematuro da genitalidade à fuga da oralidade, levando a um aumento da confusão entre tendências e fantasias orais, anais e genitais.

Outros fatores que contribuem, bem no começo, para a confusão e estados mentais de perplexidade, são as identificações projetiva e introjetiva, porque elas podem, temporariamente, ter o efeito de obscurecer a distinção entre o *self* e os objetos, e entre mundo interno e mundo externo. Tal confusão interfere no reconhecimento da realidade psíquica, o qual contribui para a compreensão e para a percepção realística da realidade externa. A desconfiança e o medo de internalizar o alimento psíquico remontam à desconfiança daquilo que o seio invejado e estragado oferecera. Se, primordialmente, o alimento bom é confundido com o mau, posteriormente a habilidade para pensar claramente e para desenvolver padrões de valores é prejudicada. Todas essas perturbações, que em minha concepção estão também ligadas à defesa contra a ansiedade e a culpa, e que são despertadas pelo ódio e pela inveja, expressam-se em inibições do aprendizado e do desenvolvimento do intelecto. Não estou levando em conta aqui os outros vários fatores que contribuem para tais dificuldades.

Os estados de confusão que resumi brevemente, para os quais contribuem o intenso conflito entre tendências destrutivas (ódio) e integradoras (amor), são até certo ponto normais. É com a crescente integração e através da elaboração bem-sucedida da posição depressiva, o que inclui uma maior clarificação da realidade interna, que a percepção do mundo externo torna-se mais realista – um resultado que está normalmente em curso na segunda metade do primeiro ano e início do segundo ano⁴⁵. Essas mudanças estão essencialmente ligadas a uma diminuição da identificação projetiva, a qual parte das ansiedades e mecanismos esquizo-paranóides.

VII

Vou agora tentar uma breve descrição das dificuldades que caracterizam o progresso durante uma análise. Só depois de um trabalho longo e

⁴⁵ Sugerir (cf. meus artigos de 1952) que, no segundo ano de vida, mecanismos obsessivos passam para primeiro plano e que a organização do ego ocorre sob o predomínio de impulsos e fantasias anais.

laborioso é que se torna possível capacitar o paciente a fazer face à inveja primária e ao ódio. Embora sentimentos de competição e inveja sejam familiares à maioria das pessoas, suas implicações mais profundas e arcaicas, vivenciadas na situação transferencial, são extremamente dolorosas e, por isso, difíceis de serem aceitas pelo paciente. A resistência que encontramos, em pacientes de ambos os sexos, ao analisar seus ciúmes e hostilidade edipianos, apesar de muito forte, não é tão intensa quanto aquela que encontramos ao analisar a inveja e o ódio ao seio. Ajudar um paciente a atravessar esses profundos conflitos e sofrimentos é a maneira mais eficiente de promover sua estabilidade e integração, porque o torna capaz, através da transferência, de estabelecer mais seguramente seu objeto bom e seu amor por ele, e de ganhar alguma confiança em si mesmo. É desnecessário dizer que a análise dessa relação mais arcaica envolve a investigação de suas relações ulteriores, e possibilita o analista a compreender mais plenamente a personalidade adulta do paciente.

No decurso da análise nós temos que estar preparados para encontrar flutuações entre melhoras e retrocessos. Isso pode aparecer de vários modos. Por exemplo, o paciente sentiu gratidão e apreciação pela capacidade do analista. Essa mesma capacidade, causa de admiração, logo dá lugar à inveja; a inveja pode ser contrabalançada pelo orgulho em ter um bom analista. Se o orgulho incita a possessividade, pode haver uma revivescência da voracidade infantil, que poderia ser expressa nos seguintes termos: eu tenho tudo que quero; tenho a mamãe boa toda só para mim. Tal atitude voraz e controladora é capaz de estragar a relação com o objeto bom e dá origem à culpa, que logo pode levar a outra defesa, por exemplo: não quero ferir a analista-mãe, prefiro abster-me de aceitar suas dádivas. Nessa situação, a culpa arcaica em relação à rejeição do leite e do amor oferecidos pela mãe é revivida porque a ajuda do analista não é aceita. O paciente também vivencia culpa porque está privando-se (a parte boa do seu *self*) de ajuda e melhora, e reprova-se por colocar uma carga grande demais no analista ao não cooperar suficientemente; desse modo, sente que está explorando o analista. Tais atitudes alternam-se com a ansiedade persecutória de ser roubado de suas defesas e emoções, de seus pensamentos e de todos os seus ideais. Em estados de grande ansiedade, parece não existir na mente do paciente outra alternativa que a de que ele esteja roubando ou sendo roubado.

Como sugerir, as defesas continuam operantes mesmo quando mais *insight* se faz presente. Cada passo em direção à integração, e a correspondente mobilização de ansiedade, pode fazer com que defesas primitivas apareçam com maior força, e mesmo que apareçam defesas novas. Nós também devemos prever que a inveja primária reaparecerá freqüentemente e, assim, somos defrontados com repetidas flutuações na situação emocional. Por exemplo, quando o paciente se sente desprezível e, portanto, in-

ferior ao analista, a quem naquele momento atribui benevolência e paciência, logo reaparece a inveja ao analista. Sua própria infelicidade e a dor e o conflito que sofre são contrastados com o que ele sente ser a paz de espírito do analista – de fato, sua sanidade –, e essa é uma causa particular de inveja.

A incapacidade do paciente de aceitar com gratidão uma interpretação, que em algumas partes de sua mente ele reconhece como proveitosa, é um dos aspectos da reação terapêutica negativa. Sob a mesma denominação há muitas outras dificuldades, algumas das quais mencionarei agora. Sempre que um paciente faz progressos na integração, isto é, quando a parte invejosa da personalidade, que odeia e é odiada, aproxima-se mais das outras partes do *self*, devemos estar preparados para verificar que ansiedades intensas podem vir para primeiro plano e aumentar a desconfiança que ele tem de seus impulsos amorosos. O abafamento do amor, que descrevi como uma defesa maníaca durante a posição depressiva, tem suas raízes no perigo que advém da ameaça dos impulsos destrutivos e da ansiedade persecutória. Num adulto, depender de uma pessoa amada revive o desamparo do bebê e é sentido como humilhante. Mas há mais do que desamparo infantil nessa questão: a criança pode ser excessivamente dependente de sua mãe, se a ansiedade de que seus impulsos destrutivos transformem a mãe num objeto danificado ou persecutório for grande demais; e essa dependência excessiva pode ser revivida na situação transferencial. A ansiedade de que, em se dando lugar ao amor, a voracidade venha a destruir o objeto é outra causa de abafamento dos impulsos amorosos. Há também o medo de que o amor conduza à responsabilidade excessiva e que o objeto faça exigências demais. O conhecimento inconsciente de que o ódio e os impulsos destrutivos estão em atividades pode fazer com que o paciente sinta-se mais sincero ao não admitir amor, seja para si mesmo seja para outros.

Uma vez que nenhuma ansiedade pode surgir sem que o ego use todas as defesas que possa produzir, os processos de cisão desempenham um papel importante como métodos contra a experiência de ansiedade persecutória e depressiva. Quando nós interpretamos tais processos de cisão, o paciente torna-se mais consciente de uma parte de si mesmo, que o aterroriza porque a sente como a representante dos impulsos destrutivos. Com pacientes nos quais os processos arcaicos de cisão (sempre ligados a traços esquizóides e paranóides) são menos dominantes, a *repressão* de impulsos é mais forte e, portanto, o quadro clínico é diferente. Em outras palavras, nós estamos lidando então com o tipo mais neurótico de paciente, que conseguiu, em alguma medida, superar a cisão arcaica e no qual a repressão tornou-se a principal defesa contra perturbações emocionais.

Outra dificuldade a obstruir a análise por longos períodos é a tenacidade com que o paciente se apega a uma forte transferência positiva; isso

pode ser, até certo ponto, enganador, porque se baseia em idealização e encobre o ódio e a inveja que estão excindidos. É característico o fato de as ansiedades orais serem então constantemente evitadas e de os elementos genitais estarem em primeiro plano.

Procurei mostrar, em vários contextos, que os impulsos destrutivos, expressão da pulsão de morte, são sentidos primeiramente como sendo dirigidos contra o ego. Defrontando-se com eles, mesmo que gradualmente, o paciente sente-se exposto à destruição enquanto está no processo de aceitar e integrar esses impulsos como aspectos de si mesmo. Em outras palavras, como resultado da integração, o paciente em certos períodos enfrenta vários grandes perigos: seu ego pode ser avassalado; a parte ideal de seu *self* pode ser perdida quando a existência da parte excindida, destrutiva e odiada de sua personalidade é reconhecida; o analista pode tornar-se hostil e retaliar, em função dos impulsos destrutivos do paciente, que não mais estão reprimidos, tornando-se assim também uma figura superegógica perigosa; o analista, na medida em que representa um objeto bom, é ameaçado de destruição. O perigo para o analista, o que contribui para a forte resistência que encontramos quando tentamos desfazer a cisão e promover passos no sentido da integração, torna-se compreensível se nos lembrarmos de que o bebê sente seu objeto originário como sendo a fonte do "bom" e da vida e, portanto, insubstituível. Sua ansiedade de que o tenha destruído é causa de dificuldades emocionais importantes e participa proeminentemente nos conflitos que surgem na posição depressiva. O sentimento de culpa resultante da tomada de consciência da inveja destrutiva pode levar temporariamente a uma inibição das capacidades do paciente.

Encontramos uma situação muito diferente quando, como uma defesa contra a integração, as fantasias onipotentes e mesmo megalomaníacas aumentam. Esta pode ser uma etapa crítica porque o paciente pode, como refúgio, reforçar suas projeções e atitudes hostis. Assim, ele se considera superior ao analista, a quem acusa de não valorizá-lo devidamente e a quem, desse modo, encontra alguma justificativa para odiar. Ele se atribui o mérito por tudo até então conseguido na análise. Voltando à situação arcaica: quando bebê, o paciente pode ter tido fantasias de ser mais poderoso do que seus pais e mesmo de ter, por assim dizer, criado a mãe, ou tê-la parido, e de que o seio materno lhe pertencia. Conseqüentemente, seria a mãe quem o teria despojado do seio e não o paciente quem a teria despojado dele. A projeção, a onipotência e a perseguição acham-se então em seu auge. Algumas dessas fantasias estão em atividade sempre que sejam muito fortes os sentimentos relativos à prioridade em trabalhos científicos ou de outro tipo. Há outros fatores que podem igualmente suscitar a ansia por prioridade, tais como a ambição proveniente de várias fontes, e particularmente o sentimento de culpa, basicamente ligado à inveja e destrui-

ção do objeto primário e de seus substitutos ulteriores. Isso porque essa culpa de ter despojado o objeto originário pode levar à negação, que assume a forma de reivindicação de total originalidade, excluindo-se assim a possibilidade de ter tirado ou aceitado qualquer coisa do objeto.

No último parágrafo salientei as dificuldades que surgem em certos momentos da análise de pacientes cuja inveja é constitucionalmente forte. No entanto, a análise dessas perturbações graves e profundas é, em muitos casos, uma salvaguarda contra o perigo potencial de psicose, resultante de atitudes excessivamente onipotentes e invejosas. Mas é essencial não tentar apressar esses passos em direção à integração; pois, se a noção da divisão em sua personalidade surgisse repentinamente, o paciente teria grandes dificuldades em lidar com ela⁴⁶. Quando o paciente toma consciência de seus impulsos invejosos e destrutivos, ele os sente tão mais perigosos quanto mais fortemente tenham sido excindidos. Em análise devemos caminhar lenta e gradativamente em direção ao doloroso *insight* referente às divisões do *self* do paciente. Isso significa que os lados destrutivos são repetidamente excindidos e recuperados, até que se efetive uma maior integração. Como resultado, o sentimento de responsabilidade torna-se mais forte, e a culpa e a depressão são mais plenamente vivenciadas. Quando isso acontece, o ego é fortalecido, a onipotência dos impulsos destrutivos fica diminuída juntamente com a inveja, e é liberada a capacidade de amor e gratidão que estivera abafada no decurso dos processos de cisão. Portanto, os aspectos excindidos tornam-se gradualmente mais aceitáveis e o paciente é cada vez mais capaz de reprimir impulsos destrutivos em relação aos objetos amados em vez de cindir o *self*. Isso implica também a diminuição da projeção no analista, a qual o transforma em uma figura perigosa e retaliadora, e para o analista, por sua vez, fica mais fácil ajudar o paciente em direção a uma maior integração. Isso equivale a dizer que a reação terapêutica negativa está perdendo sua força.

Analisar processos de cisão e o ódio e a inveja subjacentes, tanto na transferência positiva quanto na negativa, exige muito do analista e do paciente. Uma conseqüência dessa dificuldade é a tendência de alguns analistas a reforçar a transferência positiva e a evitar a transferência negativa, e a tentar fortalecer sentimentos de amor assumindo o papel do objeto bom que o paciente não fora capaz de estabelecer firmemente no passado. Esse procedimento difere essencialmente da técnica que, ao ajudar o paciente a conseguir uma melhor integração do seu *self*, visa uma mitigação do ódio pelo amor. Minhas observações mostraram-me que as técnicas baseadas em reassseguramento raramente são bem-sucedidas; em

⁴⁶ Pode ser que uma pessoa que cometa inesperadamente um crime ou tenha um surto psicótico tenha subitamente se dado conta de partes perigosas excindidas de seu *self*. Conhecem-se casos de pessoas que procuram ser presas a fim de se impedirem de cometer um assassinato.

especial, seus resultados não são duradouros. Há de fato em todas as pessoas uma arraigada necessidade de reassseguramento, a qual remonta à relação mais arcaica com a mãe. O bebê tem a expectativa de que ela o atenda não apenas em todas as suas necessidades, mas também anseia por sinais de seu amor sempre que experimenta ansiedade. Esse anseio por reassseguramento é um fator vital na situação analítica, e nós não devemos subestimar sua importância em nossos pacientes, tanto adultos como crianças. Descobrimos que embora seu propósito consciente, e muitas vezes inconsciente, é ser analisado, o paciente nunca abandona completamente seu forte desejo de receber provas de amor e apreciação do analista, e de assim ser reasssegurado. Mesmo a cooperação do paciente, que facultava a análise de camadas profundas da mente, de impulsos destrutivos e de ansiedades persecutórias, pode até certo ponto ser influenciada pela necessidade premente de satisfazer o analista e de ser amado por ele. O analista que for ciente disso analisará as raízes infantis de tais desejos; do contrário, em identificação com seu paciente, a necessidade arcaica de reassseguramento pode influenciar intensamente sua contratransferência e, conseqüentemente, sua técnica. Essa identificação pode também facilmente levar o analista à tentação de assumir o lugar da mãe e a ceder à necessidade premente de aliviar imediatamente as ansiedades de seu filho (o paciente).

Uma das dificuldades em promover passos em direção à integração surge quando o paciente diz: "Posso entender o que está me dizendo mas não o *sinto*." Estamos cientes de que estamos nos referindo a uma parte da personalidade que, para todos os efeitos, não é suficientemente acessível na ocasião quer ao paciente quer ao analista. Nossas tentativas de ajudar o paciente a integrar só são convincentes se podemos mostrar a ele, tanto no material presente como no passado, como e por que ele está repetidamente excindindo partes de seu *self*. Tal evidência é também freqüentemente fornecida por um sonho antecedente à sessão e pode ser depreendida do contexto total da situação analítica. Se uma interpretação de cisão é suficientemente fundamentada no modo que descrevi, ela pode ser confirmada na sessão seguinte, quando o paciente traz um trecho de um sonho ou mais algum material. O resultado cumulativo de tais interpretações possibilita gradualmente o paciente a progredir no sentido da integração e do *insight*.

A ansiedade que impede a integração tem que ser plenamente compreendida e interpretada na situação transferencial. Eu assinalaí anteriormente a ameaça, tanto para o *self* como para o analista, que surge na mente do paciente se partes excindidas do *self* são recuperadas na análise. Ao lidar com essa ansiedade, não se devem subestimar os impulsos amorosos quando eles podem ser detectados no material. Pois são eles que, em última instância, possibilitam ao paciente mitigar seu ódio e inveja.

Por mais que o paciente possa, num dado momento, sentir que a interpretação não o toca, isso pode freqüentemente ser uma expressão de resistência. Se, desde o início da análise, houvermos prestado suficiente atenção às sempre repetidas tentativas de excindir as partes destrutivas da personalidade, particularmente o ódio e a inveja, teremos de fato, ao menos na maioria dos casos, habilitado o paciente a dar alguns passos no sentido da integração. É somente após um trabalho laborioso, cuidadoso e consistente por parte do analista que podemos esperar uma integração mais estável no paciente.

Ilustrarei agora essa fase da análise com dois sonhos.

O segundo paciente a que me referi, num estágio ulterior de sua análise, quando de vários modos tinham ocorrido uma maior integração e progresso, relatou o seguinte sonho, que mostra as flutuações nos processos de integração, causadas pela dor dos sentimentos depressivos. Ele estava em um apartamento no andar de cima e "X", um amigo de um amigo do paciente, o estava chamando da rua, propondo que fossem caminhar juntos. O paciente não se juntou a "X" porque um cachorro preto que havia no apartamento poderia sair e ser atropelado. Ele afagou o cachorro. Quando olhou pela janela, verificou que "X" tinha "recuado".

Algumas das associações relacionaram o apartamento com o meu e o cachorro preto com o meu gato preto, que ele descreveu como "ela". O paciente nunca tinha gostado de "X", que era um antigo colega de escola. Descreveu-o como melífluo e insincero; "X" também freqüentemente pedia dinheiro emprestado (embora ele o devolvesse mais tarde), e o fazia de maneira tal que sugeria que tinha todo o direito de pedir tais favores. No entanto, "X" veio a ser muito bom em sua profissão.

O paciente reconheceu que "um amigo de seu amigo" era um aspecto dele mesmo. A essência de minhas interpretações foi que ele chegara perto de tomar consciência de uma parte desagradável e assustadora de sua personalidade; o perigo para o cachorro-gato, a analista, era de que ela seria atropelada (isto é, ferida) por "X". "X" convidando-o para uma caminhada simbolizava um passo na direção da integração. Nesse ponto um elemento de esperança entrou no sonho através da associação de que "X", a despeito de seus defeitos, viera a ser bom em sua profissão. É também uma característica de progresso o fato de que o aspecto dele mesmo do qual chegara mais perto no sonho não era tão destrutivo nem tão invejoso quanto em material prévio.

A preocupação do paciente com a segurança do cachorro-gato exprimia o desejo de proteger a analista contra suas tendências hostis e vorazes, representadas por "X", e levava a uma ampliação temporária da cisão que já havia sido parcialmente sanada. Contudo, quando "X", a parte rejeitada dele mesmo, "recuava", isso mostrava que não havia desaparecido de vez e que o processo de integração estava apenas temporariamente perturbado.

bado. O estado de espírito do paciente na ocasião tinha características depressivas; a culpa em relação à analista e o desejo de preservá-la eram proeminentes. Nesse contexto, o medo da integração era causado pelo sentimento de que a analista devia ser protegida dos impulsos reprimidos, vorazes e perigosos, do paciente. Eu não tinha dúvida de que ele ainda estava excindindo uma parte de sua personalidade, mas a repressão dos impulsos vorazes e destrutivos havia se tornado mais visível. A interpretação, portanto, tinha que lidar tanto com a cisão como com a repressão.

O primeiro paciente mencionado anteriormente, numa etapa ulterior de sua análise, trouxe um sonho que mostrava passos bastante mais avançados no sentido da integração. Ele sonhou que tinha um irmão delinqüente, o qual havia cometido um grave crime. Fora recebido numa casa e matara os moradores e os roubara. O paciente ficou profundamente perturbado por isso, mas sentiu que precisava ser leal a seu irmão e salvá-lo. Eles fugiram juntos e, a seguir, estavam num barco. Nesse ponto o paciente fez uma associação com *Os Miseráveis* de Victor Hugo, e mencionou Javert, que havia perseguido um inocente durante toda a sua vida, e até mesmo o seguira pelos esgotos de Paris, onde ele havia se escondido. Mas Javert acabou cometendo suicídio porque reconheceu que havia consumido toda a sua vida em uma direção errônea.

O paciente prosseguiu então com seu relato do sonho. Seu irmão e ele foram presos por um policial que o olhou bondosamente, e assim o paciente teve a esperança de que, afinal, não seria executado; parecia deixar seu irmão entregue à própria sorte.

O paciente se deu conta imediatamente de que o irmão delinqüente era parte dele mesmo. Havia recentemente usado a expressão "delinqüente" referindo-se a questões de pouca importância em sua própria conduta. Lembraremos aqui também que, num sonho anterior, ele havia se referido a um menino delinqüente com quem não podia lidar.

O passo em direção à integração a que estou me referindo foi mostrado quando o paciente assume responsabilidade pelo irmão delinqüente e por estar com ele "no mesmo barco". Interpretei o crime de assassinato e roubo das pessoas que o haviam bondosamente acolhido como sendo seus ataques fantasiados à analista, e referi-me-me à sua ansiedade, tantas vezes expressa, de que seu desejo voraz de tirar de mim tanto quanto possível pudesse danificar-me. Relacionei isso com a sua culpa arcaica em relação a sua mãe. O policial bondoso representava a analista que não o julgaria severamente, e que o ajudaria a livrar-se de sua parte má. Assinalei, além disso, que no processo de integração havia reaparecido o uso de cisão, tanto do *self* como do objeto. Isso ficou ilustrado por a analista figurar em um papel duplo: como policial bondoso e como Javert perseguidor, o qual no fim suicidou-se, e em quem a "maldade" do paciente havia sido projetada. Embora o paciente tivesse compreendido sua responsabilidade

pela parte "delinqüente" de sua personalidade, ele estava ainda cindindo seu *self*. Isso porque estava representado pelo homem "inocente", enquanto os esgotos em que era perseguido significavam as profundezas de sua destrutividade anal e oral.

A recorrência da cisão era causada não apenas por ansiedade persecutória mas também por ansiedade depressiva, pois o paciente sentia que não podia confrontar a analista (quando ela aparecia em um papel bondoso) com a parte má de si mesmo sem danificá-la. Essa foi uma das razões pela qual ele recorreu à união com o policial contra a parte má de si mesmo, a qual desejava aniquilar naquele momento.

* * *

Freud, desde o início, admitiu que algumas variações individuais do desenvolvimento são devidas a fatores constitucionais: por exemplo, em "Character and Anal Erotism" (1908), ele expressou a concepção de que um erotismo anal acentuado é constitucional em muitas pessoas⁴⁷. Abraham descobriu um elemento inato na força dos impulsos orais que relacionou com a etiologia da enfermidade maníaco-depressiva. Ele disse que "... o que é realmente constitucional e herdado é uma acentuação excessiva do erotismo oral, do mesmo modo que em certas famílias o erotismo anal parece ser um fator preponderante já desde o começo"⁴⁸.

Sugeri anteriormente que a voracidade, o ódio e as ansiedades persecutórias em relação ao objeto originário, o seio da mãe, têm uma base inata. Nesse trabalho acrescentei que também a inveja, como expressão poderosa de impulsos sádico-orais e sádico-anais, é constitucional. As variações na intensidade desses fatores constitucionais são, em minha concepção, ligadas à preponderância de uma ou outra das pulsões na fusão das pulsões de vida e de morte postulada por Freud. Eu acredito que há uma correlação entre a preponderância de uma ou outra dessas pulsões e a força ou fraqueza do ego. Tenho freqüentemente me referido à força do ego face às ansiedades com as quais tem que lidar como um fator constitucional. Dificuldades em suportar ansiedade, tensão e frustração são expressão de um ego que, desde o início da vida pós-natal, é fraco em proporção aos intensos impulsos destrutivos e sentimentos persecutórios que vivencia. Essas fortes ansiedades, impostas a um ego fraco, conduzem a um uso excessivo de defesas, tais como a negação, cisão e onipotência, que, em certa medida, são sempre características do desenvolvimento mais inicial. De acordo com minha tese, eu acrescentaria que um ego constitucionalmente forte não se torna presa fácil da inveja, e é mais capaz de

⁴⁷ "A partir dessas indicações nós inferimos que o significado erotógeno da zona anal está intensificado na constituição sexual inata dessas pessoas."

⁴⁸ "A Short History of the Development of the Libido" (1924).

efetuar a cisão entre bom e mau, que suponho ser uma precondição para o estabelecimento do objeto bom. O ego é, então, menos sujeito àqueles processos de cisão que levam à fragmentação e que fazem parte de características esquizo-paranóides acentuadas.

Um outro fator que, desde o início, influencia o desenvolvimento é a diversidade de experiências externas pelas quais o bebê passa. Isso explica, em certa medida, o desenvolvimento de suas ansiedades arcaicas, que seriam particularmente grandes em um bebê que teve um nascimento difícil e amamentação insatisfatória. No entanto, o montante de minhas observações convenceu-me de que o impacto dessas experiências externas é proporcional à força constitucional dos impulsos destrutivos inatos e das ansiedades paranóides decorrentes. Muitos bebês não tiveram experiências muito desfavoráveis e, ainda assim, têm sérias dificuldades com a amamentação e com o sono, e nós podemos ver neles todos os sinais de grande ansiedade, os quais as circunstâncias externas não explicam suficientemente.

É também sabido que alguns bebês são expostos a grandes privações e circunstâncias desfavoráveis e, ainda assim, não desenvolvem ansiedades excessivas, o que sugeriria que seus traços paranóides e invejosos não são predominantes; isso é frequentemente confirmado por sua história ulterior.

Em meu trabalho analítico tenho tido muitas oportunidades de reportar a origem da formação do caráter a variações nos fatores inatos. Há muito mais a ser aprendido a respeito das influências pré-natais; mas, mesmo um maior conhecimento a respeito delas não diminuiria a importância dos elementos inatos na determinação da força do ego e das moções pulsionais.

A existência dos fatores inatos, referidos acima, aponta para as limitações da terapia psicanalítica. Embora eu perceba isso plenamente, minha experiência ensinou-me que, não obstante, nós podemos produzir mudanças fundamentais e positivas em vários casos, mesmo com uma base constitucional desfavorável.

CONCLUSÃO

Por muitos anos, a inveja do seio nutridor como um fator que aumenta a intensidade dos ataques ao objeto originário tem sido parte de minhas análises. No entanto, só mais recentemente é que tenho dado uma ênfase particular à qualidade de destruição e estrago da inveja, na medida em que ela interfere na construção de uma relação segura com o objeto bom interno e externo, solapa o sentimento de gratidão e, de muitas maneiras, obscurece a distinção entre bom e mau.

Em todos os casos que descrevi, a relação com o analista como um objeto interno foi de importância fundamental. Verifiquei que isso era

verdade de maneira geral. Quando a ansiedade a respeito da inveja e suas conseqüências atinge o clímax, o paciente sente-se, em graus variáveis, perseguido pelo analista como um objeto interno invejoso e malevolente, a perturbar seu trabalho, sua vida e suas atividades. Quando isso ocorre, o objeto bom é sentido como perdido e, com ele, a segurança interna. Minhas observações mostraram-me que, em qualquer estágio da vida, quando a relação com o objeto bom está seriamente perturbada — uma perturbação na qual a inveja desempenha um papel proeminente —, não apenas a segurança e a paz interna sofrem interferência, como também se estabelece uma deterioração do caráter. A prevalência de objetos internos persecutórios reforça impulsos destrutivos, ao passo que, se o objeto bom estiver bem estabelecido, a identificação com ele fortalece a capacidade de amar, os impulsos construtivos e a gratidão. Isso se coaduna com a hipótese que apresentei no início deste trabalho: se o objeto bom está profundamente enraizado, perturbações temporárias podem ser suportadas e estão assentadas os alicerces da saúde mental, da formação do caráter e do desenvolvimento bem-sucedido do ego.

Descrevi, em outros contextos, a importância do objeto persecutório internalizado mais arcaico — o seio retaliativo, devorador e venenoso. Eu diria agora que a projeção da inveja do bebê confere uma feição particular à sua ansiedade quanto à perseguição interna, tanto originária como ulterior. O “superego invejoso” é sentido como perturbando e aniquilando todas as tentativas de reparar e de criar. É também sentido como fazendo exigências constantes e exorbitantes à gratidão do indivíduo. Pois à perseguição acrescentam-se os sentimentos de culpa de que os objetos internos persecutórios são resultantes dos próprios impulsos invejosos e destrutivos que estragaram primariamente o objeto bom. A necessidade de punição, que encontra satisfação no aumento da desvalorização do *self*, leva a um círculo vicioso.

Como sabemos, o objetivo último da psicanálise é a integração da personalidade do paciente. A conclusão de Freud de que “onde era id, ego será” é um indicador nessa direção. Os processos de cisão surgem nos estágios mais iniciais de desenvolvimento. Se são excessivos, fazem parte integrante de graves traços paranóides e esquizóides que podem ser a base da esquizofrenia. No desenvolvimento normal, essas tendências esquizóides e paranóides (posição esquizo-paranóide) são, em grande parte, superadas durante o período que é caracterizado pela posição depressiva, e a integração desenvolve-se com êxito. Os passos importantes em direção à integração, surgidos durante esse período, preparam o ego para sua capacidade de operar a repressão, a qual, acredito, funcionará cada vez mais no segundo ano de vida.

Em “A Vida Emocional do Bebê”, sugeri que a criança pequena é capaz de usar a repressão para lidar com dificuldades emocionais se, nos

estágios iniciais, os processos de cisão não houverem sido poderosos demais e, portanto, tenha sido possível uma consolidação das partes conscientes e inconscientes da mente. Nos estágios mais iniciais, a cisão e outros mecanismos de defesa são sempre predominantes. Já em *Inhibition, Symptoms and Anxiety*, Freud havia sugerido que pode haver métodos de defesa anteriores à repressão. No presente trabalho não tratei da importância vital da repressão para o desenvolvimento normal, porque o efeito da inveja primária e sua conexão íntima com os processos de cisão foram meu tema principal.

Com relação à técnica, procurei mostrar que um progresso na integração pode ser conseguido analisando-se repetidas vezes as ansiedades e defesas vinculadas à inveja e aos impulsos destrutivos. Sempre estive convencida da importância da descoberta de Freud de que a “elaboração” é uma das tarefas principais do procedimento analítico, e minha experiência em lidar com os processos de cisão e em fazê-los remontar à sua origem tornou essa convicção ainda mais forte. Quanto mais profundas e mais complexas forem as dificuldades que estivermos analisando, maior será a resistência que teremos probabilidade de encontrar, e isso tem relação com a necessidade de dar uma importância adequada à “elaboração”.

Essa necessidade surge particularmente com relação à inveja do objeto primário. Os pacientes podem reconhecer sua inveja, ciúmes e atitudes competitivas em relação a outras pessoas, e até mesmo o desejo de danificar suas faculdades, mas o que pode conduzir à diminuição da cisão dentro do *self* é somente a perseverança do analista em analisar esses sentimentos hostis na transferência, possibilitando desse modo ao paciente revivê-los em sua relação mais arcaica.

Minha experiência mostrou-me que quando falha a análise desses impulsos, fantasias e emoções fundamentais, isso é parcialmente devido a que a dor e a ansiedade depressiva, tornadas manifestas, sobrepujam em algumas pessoas o desejo de verdade e, em última análise, o desejo de ser ajudado. Acredito que a cooperação de um paciente tem que ser baseada numa forte determinação de descobrir a verdade a respeito de si próprio, para que ele venha a aceitar e assimilar as interpretações do analista relacionadas com essas camadas mais arcaicas da mente. Pois essas interpretações, se suficientemente profundas, mobilizam uma parte do *self* que é sentida como inimiga do ego bem como do objeto amado, e que fora, portanto, excindida e aniquilada. Verifiquei que as ansiedades despertadas pelas interpretações de ódio e inveja em relação ao objeto originário e o sentimento de ser perseguido pelo analista cujo trabalho suscita essas emoções são mais dolorosos do que qualquer outro material que interpretamos.

Essas dificuldades estão particularmente presentes em pacientes com fortes ansiedades paranóides e mecanismos esquizóides, pois eles são

menos capazes de vivenciar, ao mesmo tempo, uma transferência positiva com confiança no analista e a ansiedade persecutória suscitada pelas interpretações; em última instância, eles são menos capazes de manter sentimento de amor. No presente estágio de nosso conhecimento, estou propensa à opinião de que esses são os pacientes, não necessariamente de um tipo psicótico manifesto, com os quais o sucesso é limitado, ou pode não ser alcançado.

Quando a análise pode ser levada a esse nível de profundidade, a inveja e o medo da inveja diminuem, levando a uma maior confiança nas forças construtivas e reparadoras, em realidade na capacidade de amar. O resultado é também uma maior tolerância com as próprias limitações, bem como melhores relações de objeto e uma percepção mais clara da realidade interna e externa.

O *insight* ganho no processo de integração torna possível ao paciente, no decurso da análise, reconhecer que existem partes de seu *self* potencialmente perigosas. Mas quando o amor pode ser suficientemente reunido ao ódio e à inveja que estavam excindidos, essas emoções tornam-se toleráveis e diminuem porque são mitigadas pelo amor. Os vários conteúdos de ansiedade mencionados anteriormente também decrescem, tal como o perigo de ser dominado por uma parte destrutiva e excindida do *self*. Esse perigo parece ser maior na medida em que, como uma consequência da excessiva onipotência arcaica, o dano feito em fantasia parece irrevogável. A ansiedade de que os sentimentos hostis destruam os objetos amados diminui quando esses sentimentos tornam-se mais conhecidos e são integrados na personalidade. A dor que o paciente sente durante a análise também decresce gradualmente devido às melhoras ligadas aos progressos na integração, tais como recuperar alguma iniciativa, tornar-se capaz de tomar decisões de que previamente se sentia incapaz e, em geral, usar seus dotes mais livremente. Isso está ligado a um decréscimo na inibição de sua capacidade de reparar. Sua capacidade de fruição aumenta de vários modos, e a esperança reaparece, embora possa ainda alternar-se com depressão. Tenho observado que a criatividade cresce em proporção à capacidade de estabelecer mais seguramente o objeto bom, sendo isso, nos casos bem-sucedidos, o resultado da análise da inveja e destrutividade.

Assim como as repetidas experiências felizes de ser nutrido e amado são instrumentais, na infância, para o estabelecimento seguro do objeto bom, também durante uma análise experiências repetidas da eficácia e verdade das interpretações dadas levam a que o analista – e retrospectivamente o objeto originário – sejam erigidos como figuras boas.

Todas essas mudanças correspondem a um enriquecimento da personalidade. Junto com o ódio, a inveja e a destrutividade, outras importantes partes do *self* que haviam sido perdidas são recuperadas no decurso da análise. Há também um alívio considerável em sentir-se como uma pessoa

mais inteira, em ganhar controle sobre o próprio *self*, e em ter um sentimento mais profundo de segurança em relação ao mundo em geral. Em "Alguns Mecanismos Esquizóides", sugeri que o sofrimento do esquizofrênico, devido a seus sentimentos de estar cindido em fragmentos, é muito intenso. Esse sofrimento é substituído porque suas ansiedades aparecem sob forma diferente daquela do neurótico. Mesmo quando não estamos lidando com psicóticos, mas sim analisando pessoas cuja integração foi perturbada e que se sentem inseguras tanto em relação a si mesmas como a outros, ansiedades semelhantes são vivenciadas e são aliviadas quando uma integração mais plena é conseguida. A meu ver, uma integração completa e permanente nunca é possível; isso porque, sob pressão de fontes externas ou internas, até mesmo pessoas bem integradas podem ser levadas a processos de cisão mais intensos, embora isso possa ser uma fase passageira.

No trabalho "Sobre a Identificação", mostrei como é importante para o desenvolvimento da saúde mental e da personalidade que não haja domínio da fragmentação nos processos arcaicos de cisão. Escrevi então: "O sentimento de conter um mamilo e um seio não-danificados – embora co-existindo com fantasias de um seio devorado e, portanto, em pedaços – faz com que a cisão e a projeção não sejam *predominantemente* relacionadas a partes fragmentadas da personalidade e sim a partes mais coesas do *self*. Isso implica que o ego não é exposto a um enfraquecimento fatal por dispersão e, por essa razão, é mais capaz de desfazer repetidamente a cisão e de conseguir integração e síntese em sua relação com objetos"⁴⁹.

Acredito que essa capacidade de recuperar as partes excindidas da personalidade seja uma pré-condição para o desenvolvimento normal. Isso pressupõe que a cisão é até certo ponto superada durante a posição depressiva e que seu lugar seja tomado gradualmente pela repressão de impulsos e fantasias.

A análise do caráter sempre foi uma parte importante e muito difícil da terapia analítica⁵⁰. Acredito que é fazendo remontar certos aspectos da formação do caráter aos processos arcaicos por mim descritos que, em certo número de casos, podemos efetuar mudanças de grande alcance no caráter e na personalidade.

Podemos considerar por um outro ângulo os aspectos de técnica que procurei transmitir aqui. Desde o início, todas as emoções ligam-se ao

⁴⁹ Pág. 173.

⁵⁰ As contribuições mais fundamentais a esse tópico foram feitas por Freud, Jones e Abraham. Cf. por exemplo Freud, "Character and Anal Erotism" (1908), Jones, "Hate and Anal-Erotism in the Obsessional Neuroses" (1913) e "Anal-Erotic Character Traits" (1918), e Abraham, "Contributions to the Theory of the Anal Character" (1921), "The Influence of Oral Erotism on Character-Formation" (1924), e "Character Formation on the Genital Level of the Libido Development" (1925).

primeiro objeto. Se os impulsos destrutivos, a inveja e a ansiedade paranoídes são excessivos, o bebê distorce e amplia crassamente todas as frustrações de fontes externas, e o seio materno transforma-se predominantemente em um objeto persecutório, interna e externamente. Então, nem mesmo as gratificações reais podem contrabalançar suficientemente a ansiedade persecutória. Levando a análise até a infância mais remota, possibilitamos ao paciente reviver situações fundamentais – uma revivência a que tenho freqüentemente me referido como "lembranças em sentimento". Ao longo dessa revivência, torna-se possível ao paciente desenvolver uma atitude diferente para com suas frustrações arcaicas. Não há dúvida de que, se o bebê foi de fato exposto a condições muito desfavoráveis, o retrospectivo estabelecimento de um objeto bom não pode desfazer as más experiências iniciais. Contudo, a introjeção do analista como um objeto bom, se não está baseada em idealização, tem em certa medida o efeito de prover um objeto bom interno, lá onde ele estava faltando. Além disso, o enfraquecimento das projeções, e portanto a aquisição de maior tolerância, ligada a um menor ressentimento, torna possível ao paciente encontrar alguns aspectos do passado e reviver lembranças agradáveis, mesmo quando a situação inicial foi muito desfavorável. O meio pelo qual isso é conseguido é a análise da transferência negativa e positiva, que nos remete às relações de objeto mais arcaicas. Tudo isso se torna possível porque a integração resultante da análise reforça o ego, que era fraco no início da vida. É segundo essa linha que a análise de psicóticos pode também ser bem-sucedida. O ego mais integrado torna-se capaz de vivenciar culpa e sentimentos de responsabilidade, os quais fora incapaz de enfrentar na infância; a síntese do objeto se faz, havendo portanto uma mitigação do ódio pelo amor, e a voracidade e a inveja, corolários dos impulsos destrutivos, perdem em poder.

Para expressar de outro modo, a ansiedade persecutória e os mecanismos esquizóides diminuem, e o paciente pode elaborar a posição depressiva. Quando ele supera, até certo ponto, sua incapacidade inicial de estabelecer um bom objeto, a inveja diminui e sua capacidade de fruição e gratidão aumenta passo a passo. Essas mudanças estendem-se a muitos aspectos da personalidade do paciente e vão desde a vida emocional mais arcaica até as experiências e relações adultas. Eu acredito que é na análise dos efeitos das perturbações arcaicas no desenvolvimento em seu todo que reside nossa maior esperança de ajudar nossos pacientes.

NOSSO MUNDO ADULTO
E SUAS RAÍZES NA INFÂNCIA
(1959)

Nota Explicativa da Comissão Editorial Inglesa

Este é o último dos artigos de Melanie Klein dirigido a um público mais genérico, mais do que a um público especificamente psicanalítico. Os outros são "On Weaning" (1936) e "Love, Guilt and Reparation" (1937). Com um mínimo de termos técnicos, ele oferece uma ampla descrição de seus achados e teorias, enfatizando a permanente influência do desenvolvimento inicial sobre a vida adulta – individual e social.

NOSSO MUNDO ADULTO
E SUAS RAÍZES NA INFÂNCIA
(1959)

Ao considerar do ponto de vista psicanalítico o comportamento de pessoas em seu ambiente social, é necessário investigar como o indivíduo desenvolve-se da infância à maturidade. Um grupo – seja ele grande, seja pequeno – consiste de indivíduos em relação uns com os outros. Portanto, a compreensão da personalidade é a base para a compreensão da vida social. A exploração do desenvolvimento do indivíduo remete o psicanalista, através de estágios graduais, à infância. Portanto, discorrerei primeiro sobre tendências fundamentais na criança pequena.

Os diversos sinais de dificuldades do bebê – estados de raiva, falta de interesse em seu ambiente, incapacidade de suportar frustração e expressões fugazes de tristeza – não encontravam anteriormente qualquer explicação, a não ser em termos de fatores físicos. Pois, até Freud fazer suas grandes descobertas, havia uma tendência geral a considerar a infância como um período de felicidade perfeita e a não levar a sério as diversas perturbações apresentadas pelas crianças. As descobertas de Freud têm-nos ajudado, no decorrer do tempo, a entender a complexidade das emoções da criança e têm revelado que as crianças passam por sérios conflitos. Isso levou a uma melhor compreensão da mente infantil e de suas conexões com os processos mentais do adulto.

A técnica do brincar que desenvolvi na psicanálise de crianças muito pequenas e outros avanços na técnica resultante do meu trabalho permitiram-me tirar novas conclusões sobre estágios muito iniciais da infância e camadas mais profundas do inconsciente. Tal compreensão retrospectiva está baseada em uma das descobertas cruciais de Freud, a situação transferencial, isto é, o fato de que em uma psicanálise o paciente revive em relação ao psicanalista situações e emoções mais arcaicas – e, eu acrescentaria, muito arcaicas. Portanto a relação com o psicanalista de vez em quando encerra, mesmo em adultos, aspectos muito infantis, tais como dependência excessiva e necessidade de ser guiado, acompanhados de uma desconfiança bastante irracional. Faz parte da técnica do psicanalista deduzir o passado a partir de tais manifestações. Sabemos que Freud descobriu o complexo de Édipo primeiramente no adulto e pôde então fazê-lo remontar à infância. Como eu tive a oportunidade de analisar crianças

muito pequenas, pude obter uma compreensão ainda mais íntima de sua vida mental, o que me levou a compreender a vida mental do bebê. Isso porque a meticulosa atenção que dei à transferência na técnica do brincar permitiu-me chegar a uma compreensão mais profunda dos modos pelos quais – na criança e posteriormente também no adulto – a vida mental é influenciada pelas mais arcaicas emoções e fantasias inconscientes. É a partir desse ângulo que descreverei, com tão poucos termos técnicos quanto me seja possível, o que concluí sobre a vida emocional do bebê.

Apresentei a hipótese de que o bebê recém-nascido vivencia, tanto no processo de nascimento quanto no ajustamento à situação pós-natal, ansiedade de natureza persecutória. Isso pode ser explicado pelo fato de que o bebezinho, sem ser capaz de apreendê-lo intelectualmente, sente inconscientemente todo desconforto como tendo sido infligido a ele por forças hostis. Se lhe é oferecido conforto prontamente – em especial calor, o modo amoroso de segurá-lo e a gratificação de ser alimentado –, isso dá origem a emoções mais felizes. Tal conforto é sentido como vindo de forças boas e, acredito, torna possível a primeira relação de amor do bebê com uma pessoa ou, como um psicanalista diria, com um objeto. Minha hipótese é que o bebê tem um conhecimento inconsciente inato da existência da mãe. Sabemos que os animais, ao nascer, imediatamente voltam-se para a mãe e obtêm dela seu alimento. O animal humano não é diferente nesse aspecto, e esse conhecimento instintivo é a base da relação primordial do bebê com a mãe. Podemos também observar que com apenas poucas semanas o bebê já olha para o rosto de sua mãe, reconhece seus passos, o toque de suas mãos, o cheiro e a sensação de seu seio ou da mamadeira que ela lhe dá – tudo isso sugere que alguma relação com a mãe, ainda que primitiva, foi estabelecida.

O bebê não espera da mãe apenas o alimento, mas deseja também amor e compreensão. Nos estágios mais iniciais, amor e compreensão são expressos pela mãe através do seu modo de lidar com o bebê e levam a um sentimento inconsciente de unicidade que se baseia no fato de o inconsciente da mãe e o inconsciente da criança estarem em íntima relação um com o outro. O sentimento resultante que o bebê tem de ser compreendido subjaz à primeira e fundamental relação em sua vida – a relação com a mãe. Ao mesmo tempo a frustração, o desconforto e a dor, que conforme sugeri são vivenciados como perseguição, também entram nos seus sentimentos para com sua mãe, porque nos primeiros meses de vida ela representa para a criança todo o mundo externo. Assim, tanto o que é bom quanto o que é mau vêm à sua mente como provindos dela, o que leva a uma dupla atitude em relação à mãe mesmo sob as melhores condições possíveis.

Tanto a capacidade de amar quanto o sentimento de perseguição têm raízes profundas nos processos mentais mais arcaicos do bebê. Eles são focalizados primeiramente na mãe. Os impulsos destrutivos e seus correlatos – tais como o ressentimento devido à frustração, o ódio provocado por ela, a incapacidade de reconciliar-se e a inveja do objeto todo-poderoso, a mãe, de quem dependem sua vida e seu bem-estar –, essas diversas emoções despertam ansiedade persecutória no bebê. *Mutatis mutandis*, essas emoções ainda operam mais tarde na vida: impulsos destrutivos dirigidos a qualquer pessoa estão sempre fadados a dar origem ao sentimento de que essa pessoa também se tornará hostil e retaliadora.

A agressividade inata está destinada a ser incrementada por circunstâncias externas desfavoráveis e, de modo inverso, é mitigada pelo amor e pela compreensão que a criança pequena recebe. Esses fatores continuam a operar através de todo o desenvolvimento. No entanto, embora a importância das circunstâncias externas seja agora cada vez mais reconhecida, a importância dos fatores internos ainda tem sido subestimada. Os impulsos destrutivos, variáveis de indivíduo para indivíduo, são parte integrante da vida mental mesmo em circunstâncias favoráveis. Temos, portanto, que considerar o desenvolvimento da criança e as atitudes dos adultos como resultantes da interação entre influências internas e externas. A luta entre amor e ódio – agora que nossa capacidade de compreender os bebês aumentou – pode ser em alguma medida reconhecida através da observação cuidadosa. Alguns bebês vivenciam um intenso ressentimento frente a qualquer frustração e o demonstram sendo incapazes de aceitar gratificação quando esta se segue à privação. Eu sugeriria que tais crianças têm uma agressividade inata e uma voracidade mais fortes do que aqueles bebês cujas explosões ocasionais de raiva logo cessam. Se um bebê mostra que é capaz de aceitar alimento e amor, isto significa que ele pode, relativamente rápido, superar o ressentimento em relação à frustração e, quando a gratificação é novamente proporcionada, recuperar seus sentimentos de amor.

Antes de continuar minha descrição do desenvolvimento da criança, sinto que deveria definir sucintamente os termos *self* e *ego* a partir do ponto de vista psicanalítico. O *ego*, de acordo com Freud, é a parte organizada do *self*, constantemente influenciada por impulsos instintivos, porém mantendo-os sob controle pela repressão. Além disso, o *ego* dirige todas as atividades e estabelece e mantém a relação com o mundo externo. O termo *self* é utilizado para abranger toda a personalidade, o que inclui não apenas o *ego* mas também a vida pulsional, que Freud nomeou *id*.

Meu trabalho levou-me a supor que o *ego* existe e opera desde o nascimento e que, além das funções mencionadas acima, tem a importante tarefa de defender-se contra a ansiedade suscitada pela luta interna e por influências internas. Mais ainda, ele inicia uma série de processos dos quais

selecionarei primeiramente a *introjeção* e a *projeção*. Voltarei mais tarde ao não menos importante processo de *cisão*, isto é, a divisão de impulsos e objetos.

Devemos a Freud e Abraham a grande descoberta de que a *introjeção* e a *projeção* são da maior importância tanto nas perturbações mentais graves quanto na vida mental normal. Tenho que me abster aqui de qualquer intento de descrever como Freud, particularmente, foi levado, a partir do estudo da enfermidade maníaco-depressiva, à descoberta da *introjeção* que fundamenta o superego. Ele também expôs a relação vital entre o superego e o ego e o id. No decorrer do tempo, esses conceitos básicos sofreram desenvolvimentos adicionais. Como vim a reconhecer à luz de meu trabalho psicanalítico com crianças, a *introjeção* e a *projeção* funcionam desde o início da vida pós-natal como algumas das primeiras atividades do ego, o qual em minha concepção opera desde o nascimento. Considerada a partir deste ângulo, a *introjeção* significa que o mundo externo, seu impacto, as situações que o bebê atravessa e os objetos que ele encontra não são vivenciados apenas como externos, mas são levados para dentro do *self*, vindo a fazer parte da sua vida interior. Essa vida interior, mesmo no adulto, não pode ser avaliada sem esses acréscimos à personalidade derivados da *introjeção* contínua. A *projeção*, que ocorre simultaneamente, implica que há uma capacidade na criança de atribuir a outras pessoas a sua volta sentimentos de diversos tipos, predominantemente o amor e o ódio.

Formei a concepção de que o amor e o ódio dirigidos à mãe estão intimamente ligados à capacidade do bebê muito pequeno de projetar todas as suas emoções sobre ela, convertendo-a desse modo em um objeto bom, assim como em um objeto perigoso. No entanto, a *introjeção* e a *projeção*, embora enraizadas na infância, não são apenas processos infantis. Elas fazem parte das fantasias do bebê, que a meu ver também operam desde o princípio e ajudam a moldar sua impressão do ambiente. Através da *introjeção*, essa imagem transformada do mundo externo influencia o que ocorre em sua mente. Assim é construído um mundo interno que é parcialmente um reflexo do externo. Isto é, o duplo processo de *introjeção* e *projeção* contribui para a interação entre fatores externos e internos. Essa interação prossegue através de cada estágio da vida. Da mesma forma, a *introjeção* e a *projeção* continuam através da vida e transformam-se no decorrer da maturação, sem nunca perder sua importância na relação do indivíduo com o mundo a sua volta. Mesmo no adulto, portanto, o julgamento da realidade nunca é completamente livre da influência de seu mundo interno.

Já sugeri que, de certo ponto de vista, os processos de *projeção* e *introjeção* que vim descrevendo têm que ser considerados como fantasias inconscientes. Como minha amiga já falecida, Susan Isaacs, disse em seu

artigo (1952) sobre este assunto, a "fantasia é (em primeira instância) o corolário mental, o representante psíquico da pulsão. Não há impulso, necessidade ou resposta pulsionais que não sejam vivenciados como fantasia inconsciente. . . Uma fantasia representa o conteúdo particular das necessidades ou sentimentos (por exemplo, desejos, medos, ansiedades, triunfos, amor ou tristeza) que dominam a mente no momento".

Fantasias inconscientes não são o mesmo que devaneios (embora estejam ligadas a eles), mas sim uma atividade da mente que ocorre em níveis inconscientes profundos e que acompanha todo impulso vivenciado pelo bebê. Assim, por exemplo, um bebê faminto pode lidar temporariamente com sua fome alucinando a satisfação de lhe ser dado o seio, com todos os prazeres que normalmente obtém dele, tais como o gosto do leite, o calor do seio e ser segurado e amado pela mãe. Mas a fantasia inconsciente também toma a forma oposta de sentir-se privado e perseguido pelo seio que se recusa a dar essa satisfação. As fantasias – ao se tornarem mais elaboradas e referirem-se a uma variedade mais ampla de objetos e situações – continuam através de todo o desenvolvimento e acompanham todas as atividades. Elas nunca deixam de desempenhar um papel importante na vida mental. A influência da fantasia inconsciente na arte, no trabalho científico e nas atividades da vida cotidiana nunca será exageradamente estimada.

Eu já mencionei que a mãe é *introjetada* e que esse é um fator fundamental no desenvolvimento. Conforme eu as vejo, as relações de objeto iniciam-se por assim dizer, com o nascimento. A mãe em seus bons aspectos – amando, ajudando e alimentando a criança – é o primeiro objeto bom que o bebê torna parte de seu mundo interno. Eu sugeriria que sua capacidade de fazê-lo é, até certo ponto, inata. A possibilidade de o bom objeto vir a ser parte relevante do *self* depende, em alguma medida, de não serem demasiado intensos a ansiedade persecutória e o ressentimento conseqüente. Ao mesmo tempo, uma atitude amorosa por parte da mãe contribui muito para o sucesso desse processo. Se a mãe é assimilada ao mundo interno da criança como um objeto bom do qual esta pode depender, um elemento de força é agregado ao ego. Pois eu suponho que o ego em grande parte desenvolve-se em torno desse objeto bom e que a identificação com as características boas da mãe torna-se a base para identificações benéficas posteriores. A identificação com o objeto bom aparece exteriormente no bebezinho que copia as atividades e atitudes da mãe, o que pode ser visto em seu brincar e freqüentemente também em seu comportamento em relação a crianças menores. Uma forte identificação com a mãe torna fácil para a criança identificar-se também com um pai bom e, mais tarde, com outras figuras amistosas. Como resultado, seu mundo interno vem a conter predominantemente objetos e sentimentos bons, e o bebê sente que esses objetos respondem ao seu amor. Tudo isso contribui

para uma personalidade estável e torna possível estender compreensão e sentimentos amistosos a outras pessoas. Fica claro que uma relação dos pais entre si e com a criança e uma atmosfera feliz em casa desempenham um papel vital no êxito desse processo.

No entanto, por mais que sejam bons os sentimentos da criança em relação a ambos os pais, a agressividade e o ódio também se mantêm em atividade. Uma expressão disso é a rivalidade com o pai resultante dos desejos do menino dirigidos à mãe e todas as fantasias ligadas a eles. Tal rivalidade encontra expressão no complexo de Édipo, que pode ser claramente observado em crianças de três, quatro ou cinco anos de idade. Esse complexo existe, no entanto, muito mais cedo, e está enraizado nas primeiras suspeitas que o bebê tem de que o pai tira dele o amor e a atenção da mãe. Há grandes diferenças entre o complexo de Édipo da menina e o do menino, que eu caracterizarei dizendo apenas que enquanto o menino, em seu desenvolvimento genital, retorna ao seu objeto original, a mãe, e portanto busca objetos femininos, com conseqüentes ciúmes em relação ao pai e aos homens em geral, a menina deve, em alguma medida, afastar-se da mãe e encontrar o objeto de seus desejos no pai e, mais tarde, em outros homens. Fiz esta exposição, no entanto, em uma forma demasiado simplificada, porque o menino sente-se também atraído pelo pai e identifica-se com ele e, portanto, um elemento de homossexualidade faz parte do desenvolvimento normal. O mesmo se aplica à menina, para quem a relação com a mãe e com as mulheres em geral nunca perde a importância. O complexo de Édipo, assim, não é apenas uma questão de sentimentos de ódio e rivalidade dirigidos a um dos pais e amor dirigido ao outro: sentimentos de amor e o sentimento de culpa também entram em conexão com o progenitor rival. Portanto, muitas emoções conflitantes centram-se no complexo de Édipo.

Voltemos agora novamente à projeção. Através da projeção de si mesmo ou de parte dos próprios impulsos e sentimentos para dentro de outra pessoa, ocorre uma identificação com esta, embora diferente da identificação advinda da introjeção. Pois, se um objeto é tomado para dentro do *self* (introjetado), a ênfase recai sobre a aquisição de algumas das características desse objeto e em ser influenciado por elas. Por outro lado, quando se coloca parte de si mesmo dentro de outra pessoa (projetar), a identificação se baseia na atribuição a essa outra pessoa de algumas das próprias qualidades. A projeção tem muitas repercussões. Somos inclinados a atribuir a outras pessoas – em certo sentido colocar dentro delas – algumas de nossas próprias emoções e pensamentos, e é óbvio que a natureza amistosa ou hostil dessa projeção dependerá de quão equilibrados ou perseguidos estejamos. Através da atribuição de parte de nossos sentimentos a outra pessoa, compreendemos seus sentimentos, suas necessidades e satisfações. Em outras palavras, estamos nos colocando em sua

pele. Há pessoas que vão tão longe nessa direção que se perdem inteiramente nos outros e tornam-se incapazes de julgamento objetivo. Da mesma forma, a introjeção excessiva ameaça a força do ego porque este fica completamente dominado pelo objeto introjetado. Se a projeção é predominantemente hostil, ficam prejudicadas a empatia verdadeira e a capacidade de compreender os outros. O caráter da projeção é, portanto, de grande importância em nossas relações com outras pessoas. Se o interjogo entre introjeção e projeção não for dominado por hostilidade ou dependência excessiva e for bem equilibrado, o mundo interno se torna enriquecido e melhoram as relações com o mundo externo.

Referi-me anteriormente à tendência do ego infantil para cindir impulsos e objetos. Considero esta como mais uma das atividades primordiais do ego. Essa tendência para cindir resulta em parte do fato de faltar em grande medida coesão ao ego arcaico. Mas – e aqui tenho que referir-me novamente aos meus próprios conceitos – a ansiedade persecutória reforça a necessidade de manter o objeto amado separado do objeto perigoso e, portanto, a necessidade de cindir o amor do ódio. Pois a autopreservação do bebezinho depende da sua confiança em uma mãe boa. Através da cisão de dois aspectos e de agarrar-se ao bom, ele preserva sua crença em um objeto bom e em sua capacidade de amá-lo, sendo esta uma condição essencial para manter-se vivo. Pois, sem ao menos um tanto desse sentimento, estaria exposto a um mundo inteiramente hostil que, ele teme, o destruiria. Esse mundo hostil também seria construído dentro dele. Como sabemos, há bebês nos quais falta vitalidade e que não podem ser mantidos vivos, provavelmente porque não foram capazes de desenvolver uma relação confiante com uma mãe boa. Contrastantemente, há outros bebês que passam por grandes dificuldades mas conservam vitalidade suficiente para fazer uso da ajuda e do alimento oferecidos pela mãe. Conheço um bebê que teve um nascimento prolongado e difícil e ficou machucado no processo mas que, quando colocado ao seio, tomou-o avidamente. O mesmo foi relatado acerca de bebês que passaram por sérias operações logo após o nascimento. Outros bebês, em tais circunstâncias, não são capazes de sobreviver porque têm dificuldades em aceitar o alimento e o amor, o que implica que não foram capazes de estabelecer confiança e amor em relação à mãe.

O processo de cisão muda em forma e conteúdo à medida que prossegue o desenvolvimento, mas de algum modo nunca é inteiramente abandonado. A meu ver, os impulsos destrutivos onipotentes, a ansiedade persecutória e a cisão predominam nos primeiros três ou quatro meses de vida. Descrevi essa combinação de mecanismos e ansiedades como sendo a posição esquizo-paranóide, que em casos extremos torna-se a base da paranóia e da doença esquizofrênica. Os correlatos dos sentimentos destrutivos são de grande importância nesse estágio inicial. Destacarei a voraci-

dade e a inveja como fatores muito perturbadores, primeiramente na relação com a mãe e mais tarde com outros membros da família e, na realidade, através de toda a vida.

A voracidade varia consideravelmente de um bebê para outro. Há bebês que nunca podem estar satisfeitos porque sua voracidade excede tudo o que possam receber. Junto com a voracidade vem a necessidade premente de esvaziar o seio da mãe e explorar todas as fontes de satisfação sem consideração por ninguém. O bebê muito voraz pode usufruir tudo o que recebe momentaneamente, mas assim que a gratificação termina ele se torna insatisfeito e é impelido a explorar primeiramente a mãe e logo mais todos na família que possam dar-lhe atenção, alimento ou qualquer outra gratificação. Não há dúvida de que a voracidade é incrementada pela ansiedade – a ansiedade de ser privado, roubado e de não ser suficientemente bom para ser amado. O bebê que é tão voraz por amor e atenção é também inseguro sobre sua própria capacidade de amar, e todas essas ansiedades reforçam a voracidade. Essa situação permanece inalterada em seus aspectos fundamentais na voracidade da criança maior e do adulto.

Em relação à inveja, não é fácil explicar como a mãe que alimenta o bebê e cuida dele pode ser também objeto de inveja. Mas sempre que a criança está faminta ou se sente negligenciada, sua frustração leva à fantasia de que o leite e o amor são deliberadamente recusados a ela ou retidos pela mãe em benefício da própria mãe. Tais suspeitas constituem a base da inveja. É inerente ao sentimento de inveja não apenas o desejo da posse mas também uma forte necessidade de estragar o prazer que as outras pessoas têm com o objeto cobiçado – necessidade que tende a estragar o próprio objeto. Se a inveja é muito intensa, essa característica de estragar resulta em uma relação perturbada com a mãe assim como, mais tarde, com outras pessoas. Também significa que nada pode ser plenamente desfrutado, porque a coisa desejada já foi estragada pela inveja. Além disso, se a inveja é intensa, aquilo que é bom não pode ser assimilado, não pode se tornar parte da vida interior e, desse modo, dar origem à gratidão. Em contraste, a capacidade de desfrutar plenamente o que foi recebido e a experiência de gratidão em relação à pessoa que dá influenciam intensamente tanto o caráter quanto as relações com outras pessoas. Não é à toa que, ao dar graças antes das refeições, os cristãos usam as palavras “Pelo que vamos receber agora, que o Senhor nos torne verdadeiramente agradecidos”. Essas palavras implicam que se pede por uma qualidade – a gratidão – que fará a pessoa feliz e livre de ressentimento e inveja. Ouvi uma menininha dizer que ela amava sua mãe mais do que todas as pessoas, pois o que faria ela se sua mãe não a tivesse dado à luz e alimentado? Este forte sentimento de gratidão estava ligado à sua capacidade de fruição e mostrava-se em seu caráter e em suas relações com outras pessoas particularmente pela generosidade e consideração. Ao longo

da vida essa capacidade de fruição e de gratidão torna possível uma diversidade de interesses e prazeres.

No desenvolvimento normal, com a integração crescente do ego, os processos de cisão diminuem e a maior capacidade para entender a realidade externa e para, em alguma medida, conciliar os impulsos contraditórios do bebê leva também a uma síntese maior dos aspectos bons e maus do objeto. Isso significa que pessoas podem ser amadas apesar de suas falhas e que o mundo não é visto apenas em termos de preto e branco.

O superego – a parte do ego que critica e controla os impulsos perigosos e que Freud primeiro situou aproximadamente no quinto ano de vida – opera, de acordo com minhas concepções, muito mais cedo. É minha hipótese que, no quinto ou sexto mês de vida, o bebê começa a temer pelo estrago que seus impulsos destrutivos e sua voracidade podem causar, ou podem ter causado, aos seus objetos amados. Isso porque ele não pode ainda distinguir entre seus desejos e impulsos e os efeitos reais deles. Ele vivencia sentimentos de culpa e a necessidade presente de preservar esses objetos e de repará-los pelo dano feito. A ansiedade agora vivenciada é de natureza predominantemente depressiva. Reconheci as emoções que a acompanham, assim como as defesas desenvolvidas contra elas, como fazendo parte do desenvolvimento normal, e cunhei o termo “posição depressiva”. Os sentimentos de culpa, que ocasionalmente surgem em todos nós, têm raízes muito profundas na infância, e a tendência a fazer reparação desempenha um papel importante em nossas sublimações e relações de objeto.

Quando observamos bebês a partir desse ângulo, podemos ver que às vezes, sem qualquer causa externa particular, eles parecem deprimidos. Nesse estágio eles tentam agradar as pessoas ao redor de todas as maneiras que lhe são possíveis – sorrisos, gestos divertidos e até mesmo tentativas de alimentar a mãe pondo-lhe uma colher de comida na boca. Ao mesmo tempo, esse também é um período no qual freqüentemente se manifestam inibições em relação à alimentação e pesadelos, e todos esses sintomas atingem o ápice na época do desmame. Em crianças mais velhas, a necessidade de lidar com sentimentos de culpa expressa-se mais claramente. Várias atividades construtivas são utilizadas com esse propósito e, na relação com os pais ou irmãos, há uma necessidade excessiva de agradar e ser prestativo, e tudo isso expressa não apenas amor mas também necessidade de reparar.

Freud postulou o processo de *elaboração* como parte essencial do procedimento psicanalítico. Resumidamente isso significa capacitar o paciente a vivenciar reiteradamente suas emoções, ansiedades e situações passadas, tanto na relação com o analista quanto com diferentes pessoas e situações na vida presente e passada do paciente. Entretanto, um trabalho de elaboração ocorre em alguma medida no desenvolvimento individual

normal. A adaptação à realidade externa aumenta, e com isso o bebê adquire uma imagem menos fantasiosa do mundo ao seu redor. A experiência recorrente da mãe indo embora e voltando para ele torna a ausência dela menos atemorizadora e, portanto, diminui a suspeita do bebê de que ela o deixe. Dessa forma, ele gradualmente elabora seus medos arcaicos e chega a uma aceitação de seus impulsos e emoções conflitantes. Nesse estágio a ansiedade depressiva predomina e a ansiedade persecutória diminui. Sustento que muitas manifestações aparentemente estranhas, fobias inexplicáveis e idiossincrasias observáveis em crianças pequenas são indicações, assim como modos de elaboração, da posição depressiva. Se os sentimentos de culpa que surgem na criança não são excessivos, a necessidade de fazer reparação e outros processos que fazem parte do crescimento trazem alívio. Ainda assim, as ansiedades depressivas e persecutórias nunca são totalmente superadas. Elas podem reaparecer temporariamente sob pressão interna ou externa, embora uma pessoa relativamente normal possa suportar essa recorrência e recuperar seu equilíbrio. Se, no entanto, a pressão é muito grande, o desenvolvimento de uma personalidade forte e bem equilibrada pode ficar impedido.

Tendo tratado — embora eu tema que de maneira muito simplificada — das ansiedades paranóides e depressivas e suas implicações, gostaria agora de considerar a influência dos processos que descrevi nas relações sociais. Falei da introjeção do mundo externo e sugeri que esse processo continua por toda a vida. Sempre que admiramos e amamos alguém — ou odiamos e desejamos —, também assimilamos algo dessa pessoa em nós mesmos, e nossas atitudes mais profundas são modeladas por tais experiências. No primeiro caso isso nos enriquece e torna-se a base para lembranças preciosas. No outro caso, às vezes sentimos que o mundo externo está estragado para nós e o mundo interno, portanto, empobrecido.

A importância das experiências reais favoráveis e desfavoráveis às quais o bebê é submetido desde o início, primeiramente por seus pais e mais tarde por outras pessoas, pode ser aqui apenas mencionada. As experiências externas são de importância suprema através de toda a vida. No entanto, muito depende, mesmo no bebê, das formas pelas quais as influências externas são interpretadas e assimiladas pela criança, o que por sua vez depende enormemente da intensidade com que operam os impulsos destrutivos e as ansiedades persecutórias e depressivas. Da mesma forma, nossas experiências adultas são influenciadas por nossas atitudes básicas, que ou nos ajudam a lidar melhor com os infortúnios ou, se somos demasiadamente dominados pela suspeita ou autopiedade, transformam até mesmo os desapontamentos menores em desastres.

As descobertas de Freud sobre a infância ampliaram a compreensão dos problemas da educação das crianças, porém esses achados foram frequentemente mal interpretados. Embora seja verdade que uma criação ex-

cessivamente disciplinadora reforça a tendência da criança para a repressão, devemos nos lembrar de que uma indulgência excessiva pode ser quase tão prejudicial para a criança quanto uma restrição demasiada. A assim chamada "total livre expressão" pode trazer grandes desvantagens tanto para os pais quanto para a criança. Enquanto em tempos passados a criança era frequentemente vítima da atitude disciplinadora dos pais, atualmente os pais podem tornar-se vítimas de sua prole. Há uma velha piada sobre um homem que nunca chegou a provar peito de frango porque quando era criança seus pais comiam o peito e quando se tornou adulto este prato era dado aos seus filhos. Ao lidarmos com nossas crianças, é essencial manter um equilíbrio entre o excesso e a falta de disciplina. Fechar os olhos para alguns dos pequenos malfeitos é uma atitude muito saudável. Mas se elas se desenvolvem em uma persistente falta de consideração, é necessário mostrar desaprovação e fazer exigências à criança.

Há um outro ângulo a partir do qual a indulgência excessiva dos pais deve ser considerada: se bem que a criança possa tirar vantagem dessa atitude dos pais, ela também vive uma sensação de culpa por explorá-los e sente necessidade de alguma restrição que lhe dê segurança. Isso também a tornaria capaz de sentir respeito por seus pais, o que é essencial para uma boa relação com eles e para desenvolver respeito por outras pessoas. Além disso, devemos também considerar que pais que estão sofrendo muito sob a livre expressão sem limites das crianças — por mais que tentem submeter-se a isso — estão certamente fadados a sentir algum ressentimento que entrará em sua atitude em relação à criança.

Já descrevi a criança pequena que reage intensamente contra qualquer frustração — e não há criação possível sem algum tipo de frustração — e que está sempre pronta a ressentir-se amargamente de qualquer falta ou insuficiência em seu ambiente e a menosprezar as boas coisas recebidas. Conseqüentemente, ela projetará suas queixas sobre as pessoas à sua volta, de forma intensa. Atitudes similares são bem conhecidas em adultos. Se compararmos os indivíduos que são capazes de suportar frustração sem grande ressentimento, e recuperar prontamente seu equilíbrio após um desapontamento, com aqueles que se sentem inclinados a colocar toda a responsabilidade no mundo externo, poderemos ver o efeito prejudicial da projeção hostil. Pois a projeção do ressentimento evoca nas outras pessoas, em contrapartida, um sentimento de hostilidade. Poucos de nós toleram suportar a acusação, mesmo se não expressa em palavras, de que de alguma forma somos a parte culpada. De fato, isso freqüentemente nos faz desgostar dessas pessoas, e lhes parecemos ainda mais inimigos. Em conseqüência, eles nos olham com suspeitas e sentimentos persecutórios cada vez maiores e as relações tornam-se cada vez mais perturbadas.

Uma maneira de lidar com a suspeita excessiva é tentar pacificar os inimigos supostos ou reais. Isso raramente tem sucesso. É claro que algu-

mas pessoas podem ser conquistadas por adulação e aplacamento, particularmente se seus próprios sentimentos de perseguição dão origem à necessidade de serem aplacadas. Mas uma relação assim facilmente entra em colapso e transforma-se em hostilidade mútua. Eu mencionaria de passagem as dificuldades que tais flutuações nas atitudes de chefes de estado podem produzir em questões internacionais.

Quando a ansiedade persecutória é menos intensa e a projeção atribuída a outros fundamentalmente bons sentimentos, tornando-se assim a base da empatia, a resposta do mundo externo é muito diferente. Todos nós conhecemos pessoas que têm a capacidade de serem queridas. Temos a impressão de que elas têm alguma confiança em nós, e isso evoca um sentimento amistoso de nossa parte. Não estou falando de pessoas que tentam fazer-se populares de maneira insincera. Ao contrário, eu acredito que são as pessoas genuínas e corajosas por suas convicções que são, a longo prazo, respeitadas e mesmo queridas.

Uma demonstração interessante da influência das primeiras atitudes ao longo de toda a vida é o fato de que a relação com as figuras arcaicas reaparece com frequência e que problemas não resolvidos na infância são revividos, ainda que de maneira modificada. Assim, por exemplo, a atitude em relação a um subordinado ou a um superior repete até certo ponto a relação com um irmão menor ou com um dos pais. Se encontramos uma pessoa mais velha amistosa e solícita, inconscientemente revivemos a relação com um dos pais ou avós amados, ao passo que um indivíduo mais velho altivo e desagradável provoca uma vez mais as atitudes rebeldes da criança em relação a seus pais. Não é necessário que tais pessoas sejam físicas ou mentalmente, ou mesmo na idade real, semelhantes às figuras originais; algo em comum em suas atitudes é suficiente. Quando uma pessoa está totalmente sob o domínio de situações e relações arcaicas, seu julgamento sobre pessoas e eventos está destinado a ser perturbado. Normalmente tal revivência de situações arcaicas é limitada e retificada pelo julgamento objetivo. Isso quer dizer que todos nós podemos ser influenciados por fatores irracionais mas que, na vida normal, não somos dominados por eles.

A capacidade para o amor e a devoção, primeiramente em relação à mãe, desenvolve-se de muitas formas em devoção a várias causas sentidas como boas e valiosas. Isso significa que o prazer que o bebê foi capaz de vivenciar no passado, por sentir-se amado e amoroso, transfere-se mais tarde na vida não somente às suas relações com pessoas, o que é muito importante, mas também ao seu trabalho e a tudo por que ele sente que vale a pena lutar. O que significa também um enriquecimento da personalidade e a capacidade de usufruir de seu trabalho e abre uma variedade de fontes de satisfação.

Nesse empenho por aprofundar nossos objetivos, assim como em nossas relações com outras pessoas, o desejo arcaico de reparar é acrescido à capacidade de amar. Eu já disse que em nossas sublimações, que se originam dos primeiríssimos interesses da criança, as atividades construtivas ganham mais ímpeto porque a criança inconscientemente sente que desse modo está restaurando as pessoas amadas que havia danificado. Esse ímpeto nunca perde sua força, embora muito frequentemente não seja reconhecido na vida normal. O fato irrevogável de que nenhum de nós está jamais completamente livre de culpa tem aspectos muito valiosos, porque implica o desejo nunca totalmente satisfeito de reparar e criar de qualquer forma que nos seja possível.

Todas as formas de serviço social são beneficiadas por esse anseio. Em casos extremos, sentimentos de culpa levam pessoas a sacrificar-se inteiramente por uma causa ou por seus companheiros, podendo levar ao fanatismo. Sabemos, no entanto, que algumas pessoas arriscam a própria vida para salvar outras, o que não é necessariamente da mesma ordem. Não é tanto culpa o que pode estar operando em tais casos, e sim a capacidade de amar, a generosidade e uma identificação com o companheiro ameaçado.

Enfatizei a importância da identificação com os pais, e subsequentemente com outras pessoas, para o desenvolvimento da criança pequena, e agora desejo acentuar um aspecto particular da identificação bem-sucedida que chega até a idade adulta. Quando a inveja e a rivalidade não são muito grandes, torna-se possível desfrutar vicariamente dos prazeres de outros. Na infância a hostilidade e a rivalidade do complexo de Édipo são contrabalançadas pela capacidade de usufruir vicariamente da felicidade dos pais. Na vida adulta, os pais podem compartilhar os prazeres da infância e evitar interferir neles porque são capazes de identificar-se com seus filhos. Eles tornam-se capazes de acompanhar sem inveja o crescimento de seus filhos.

Essa atitude torna-se particularmente importante quando as pessoas ficam mais velhas e os prazeres da juventude cada vez menos disponíveis. Se não desapareceu a gratidão por satisfações passadas, as pessoas idosas podem usufruir do que quer que esteja ainda ao seu alcance. Além do mais, com tal atitude, que dá origem à serenidade, elas podem identificar-se com os jovens. Por exemplo, qualquer um que esteja procurando por jovens talentos e que ajude a desenvolvê-los — seja na função de professor ou crítico, ou em tempos passados como patrono das artes e da cultura —, só é capaz de fazê-lo porque pode identificar-se com os outros. Em certo sentido, está reproduzindo sua própria vida, até mesmo algumas vezes alcançando vicariamente a satisfação de metas não satisfeitas em sua própria vida.

Em cada estágio a capacidade de identificar-se propicia a felicidade de ser capaz de admirar o caráter ou as conquistas dos outros. Se nós não podemos nos permitir apreciar as conquistas e qualidades de outras pessoas – e isso significa que não somos capazes de suportar a idéia de que nunca poderemos igualá-las ou superá-las –, ficamos privados de fontes de grande felicidade e enriquecimento. O mundo seria um lugar muito mais pobre aos nossos olhos se não tivéssemos oportunidades de perceber que existe grandeza e que continuará existindo no futuro. Tal admiração também estimula algo em nós e aumenta indiretamente nossa crença em nós mesmos. Essa é uma das muitas maneiras pelas quais as identificações que vêm da infância tornam-se uma parte importante de nossa personalidade.

A capacidade de admirar as conquistas de outra pessoa é um dos fatores que tornam possível um trabalho de equipe bem-sucedido. Se a inveja não é muito grande, podemos ter prazer e orgulho no trabalho com pessoas que algumas vezes superam nossas capacidades, já que nos identificamos com esses membros destacados da equipe.

O problema da identificação é, contudo, muito complexo. Quando Freud descobriu o superego, ele o concebeu como uma parte da estrutura mental oriunda da influência dos pais sobre a criança – uma influência que se torna parte das atitudes fundamentais da criança. Meu trabalho com crianças pequenas tem-me mostrado que desde a mais tenra infância a mãe e logo outras pessoas no ambiente da criança são incorporadas ao *self*, e esta é a base de uma diversidade de identificações favoráveis e desfavoráveis. Citei acima exemplos de identificações que são úteis tanto para a criança quanto para o adulto. Mas a influência vital do ambiente inicial pode também resultar em que aspectos desfavoráveis das atitudes do adulto em relação à criança sejam prejudiciais ao seu desenvolvimento porque estimulam nela o ódio e a rebeldia ou uma submissão excessiva. Ao mesmo tempo ela internaliza essa atitude adulta hostil e raivosa. Como resultado de tais experiências, um pai, ou uma mãe, excessivamente disciplinador ou desprovido de compreensão e amor influencia por identificação a formação do caráter da criança e pode levá-la a repetir mais tarde na vida o que ela mesma sofreu. Assim, um pai algumas vezes usa com seus filhos os mesmos métodos errados que seu pai usou com ele. Por outro lado, a revolta contra os erros vivenciados na infância pode conduzir à reação oposta de fazer tudo de forma diferente da que os pais fizeram. Isso levaria ao outro extremo, como por exemplo à excessiva indulgência com a criança, a que me referi anteriormente. Ter aprendido a partir de nossas experiências na infância, e portanto ser mais compreensivo e tolerante com nossos próprios filhos, assim como com pessoas fora do círculo familiar, é um sinal de maturidade e de desenvolvimento bem-sucedido. Mas tolerância não significa ficar cego às faltas dos outros. Significa reconhe-

cer essas faltas e, no entanto, não perder a capacidade de cooperar com as pessoas, ou mesmo sentir amor por algumas delas.

Ao descrever o desenvolvimento da criança, tenho enfatizado particularmente a importância da voracidade. Consideremos agora o papel que a voracidade desempenha na formação do caráter e como influencia as atitudes do adulto. O papel da voracidade pode ser facilmente observado como um elemento muito destrutivo na vida social. A pessoa voraz quer cada vez mais, ainda que à custa de todos os demais. Ela não é realmente capaz de consideração e generosidade para com os outros. Não estou falando aqui apenas de posses materiais, mas também de *status* e de prestígio.

O indivíduo muito voraz tende a ser ambicioso. O papel da ambição, tanto em seus aspectos úteis quanto nos perturbadores, mostra-se onde quer que observemos o comportamento humano. Não há dúvida de que a ambição dá ímpeto à conquista, mas, se se torna a principal força propulsora, a cooperação com outros fica ameaçada. A pessoa extremamente ambiciosa, apesar de todos os seus sucessos, sempre permanece insatisfeita, do mesmo modo que um bebê voraz nunca está satisfeito. Conhecemos bem o tipo de figura pública que, faminta por mais e mais sucesso, parece nunca estar contente com o que conquistou. Um aspecto dessa atitude – na qual a inveja também desempenha um papel importante – é a incapacidade de permitir que os outros apareçam mais em primeiro plano. A eles é permitido desempenhar um papel subsidiário, desde que não desafiem a supremacia da pessoa ambiciosa. Vemos também que tais pessoas são indispostas e incapazes de estimular e encorajar os mais jovens, já que alguns deles poderiam vir a ser seus sucessores. Um motivo para a falta de satisfação com um sucesso aparentemente grande resulta do fato de que seu interesse não está tão devotado ao campo no qual trabalham mas sim a seu prestígio pessoal. Essa descrição implica a conexão entre a voracidade e a inveja. O rival é visto não apenas como alguém que nos roubou e privou de nossa própria posição ou bens, mas também como o portador de qualidades valiosas que provocam a inveja e o desejo de estragá-las.

Quando a voracidade e a inveja não são excessivas, mesmo uma pessoa ambiciosa encontra satisfação em ajudar os outros a dar sua contribuição. Temos aqui uma das atitudes subjacentes à liderança bem-sucedida. Novamente, isso já pode ser observado em alguma medida entre as crianças. Uma criança mais velha pode ter orgulho pelas conquistas de um irmão ou irmã menores e fazer de tudo para ajudá-los. Algumas crianças têm até mesmo um efeito integrador sobre toda a vida familiar. Sendo predominantemente amistosas e solícitas, elas melhoram a atmosfera familiar. Observei que mães muito impacientes e intolerantes em relação a dificuldades melhoram pela influência de uma criança assim. O mesmo se aplica à vida escolar, onde algumas vezes apenas uma ou duas crianças

exercem um efeito benéfico sobre a atitude de todos os outros através de um tipo de liderança moral baseada em uma relação amistosa e cooperativa com outras crianças, sem qualquer tentativa de fazê-las se sentir inferiorizadas.

Voltando à liderança: se o líder – e isso pode aplicar-se também a qualquer membro do grupo – suspeita ser objeto de ódio, todas as suas atitudes anti-sociais são intensificadas por esse sentimento. Vemos que a pessoa que é incapaz de suportar uma crítica porque esta imediatamente mobiliza sua ansiedade persecutória não é apenas prisioneira do sofrimento mas tem também dificuldades na relação com outras pessoas e pode até mesmo colocar em perigo a causa pela qual está trabalhando, seja qual for o seu campo de atividades. Ela mostrará uma incapacidade de corrigir erros e aprender com os outros.

Se olharmos para o nosso mundo adulto do ponto de vista de suas raízes na infância, obtemos um *insight* sobre o modo pelo qual nossa mente, nossos hábitos e nossas concepções foram construídos desde as fantasias e emoções infantis mais arcaicas até as mais complexas e sofisticadas manifestações adultas. Há mais uma conclusão a ser tirada: aquilo que já existiu no inconsciente nunca perde completamente sua influência sobre a personalidade.

Um aspecto adicional do desenvolvimento da criança a ser discutido é sua formação de caráter. Dei alguns exemplos de como os impulsos destrutivos, a inveja e a voracidade, e as ansiedade persecutórias resultantes, perturbam o equilíbrio emocional da criança e suas relações sociais. Referi-me também aos aspectos benéficos de um desenvolvimento oposto e tentei mostrar como eles surgem. Tentei transmitir a importância da interação entre fatores inatos e a influência do ambiente. Ao dar plena importância a esse interjogo adquirimos uma compreensão mais profunda de como o caráter da criança desenvolve-se. Sempre foi um aspecto da maior importância do trabalho psicanalítico que, no curso de uma análise bem-sucedida, o caráter do paciente passe por mudanças favoráveis.

Um resultado de um desenvolvimento equilibrado é a integridade e a força de caráter. Tais qualidades têm um efeito de longo alcance tanto sobre a autoconfiança do indivíduo quanto em suas relações com o mundo externo. A influência de um caráter verdadeiramente sincero e genuíno sobre outras pessoas é facilmente observável. Até as pessoas que não possuem as mesmas qualidades ficam impressionadas e não podem deixar de sentir algum respeito pela integridade e pela sinceridade. Pois essas qualidades despertam nelas a imagem do que elas próprias poderiam ter sido ou mesmo possam ainda vir a ser. Tais personalidades lhes dão alguma esperança sobre o mundo em geral e maior confiança naquilo que é bom.

Concluí este artigo discutindo a importância do caráter porque a meu ver o caráter é a base para toda conquista humana. O efeito de um bom caráter em outros está na raiz do desenvolvimento social saudável.

PÓS-ESCRITO

Quando discuti minhas concepções sobre o desenvolvimento do caráter com um antropólogo, ele fez objeções à suposição de uma base geral para o desenvolvimento do caráter. Citou sua experiência de que em seu campo de trabalho ele havia se defrontado com uma avaliação de caráter inteiramente diferente. Assim, por exemplo, havia trabalhado em uma comunidade onde era considerado admirável enganar outras pessoas. Descreveu também, em resposta a algumas das minhas questões, que naquela comunidade era considerado uma fraqueza ter clemência por um adversário. Perguntei se não havia circunstâncias nas quais a clemência pudesse ser demonstrada. Respondeu que, se uma pessoa pudesse se colocar atrás de uma mulher de tal forma que ficasse até certo ponto coberta por sua saia, sua vida seria poupada. Em resposta a outras perguntas, contou-me que, se o inimigo conseguisse entrar na tenda de um homem, ele não seria morto. E havia também segurança dentro de um santuário.

O antropólogo concordou quando sugeri que a tenda, a saia da mulher e o santuário eram símbolos da mãe boa e protetora. Ele também aceitou minha interpretação de que a proteção da mãe era extensiva a um irmão odiado – o homem escondido atrás da saia da mulher – e que a proibição de matar dentro da própria tenda ligava-se às regras da hospitalidade. Minha conclusão sobre o último ponto é que fundamentalmente a hospitalidade liga-se à vida familiar, à relação das crianças umas com as outras e em particular com a mãe. Pois, como sugeri anteriormente, a tenda representa a mãe que protege a família.

Estou citando esse exemplo para sugerir possíveis elos entre culturas que parecem ser completamente diferentes e para indicar que esses elos são encontrados na relação com o objeto bom originário, a mãe, quaisquer que sejam as formas pelas quais distorções de caráter sejam aceitas e mesmo admiradas.